

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS – FALE/UFMG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS (PÓS-  
LIT)**  
**CNPq**

**César Gonçalves de Oliveira**

**Quant' *Os sertões*:**

***Escritura e experiência literária em Os sertões, de Euclides da Cunha.***

**Área de concentração:** Teoria da Literatura (Mestrado)

**Linha de pesquisa:** Poéticas da Modernidade (PM)

Belo Horizonte – 2011  
César Gonçalves de Oliveira

**Quant'Os sertões:**  
***Escritura e experiência literária em Os sertões, de Euclides da Cunha.***

Dissertação de Mestrado, orientada pelo Professor Doutor Marcus Vinicius de Freitas, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da UFMG.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius de Freitas

Belo Horizonte – 2011

C972s.Yo-q Oliveira, César Gonçalves de.  
Quant'Os sertões [manuscrito] : escritura e experiência literária em Os sertões, de Euclides da Cunha / César Gonçalves de Oliveira. – 2010.

124 f., enc. : il., fots. p & b

Orientador: Marcus Vinícius de Freitas.

Área de concentração: Teoria da Literatura.

Linha de Pesquisa: Poéticas da Modernidade.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 120-124.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909. Os sertões – Crítica e interpretação – Teses. 2. Ficção histórica brasileira – História e crítica – Teses. 3. História na literatura – Teses. 4. Viagem na literatura – Teses. 5. Imaginário – Teses. 6. Hibridismo – Teses. 7. Literatura – Experiências – Teses. 8. Criação (Literária, artística, etc.). 9. Brasil – História – Guerra de Canudos, 1897 – Teses. 10. Brasil – Séc. XIX – Descrições e viagens – Teses. I. Freitas, Marcus Vinícius de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.33

## DEDICATÓRIAS

Ao meu filho, João, pela magia com os pés no chão que pôs em minha vida; pelo desejo de, por ele, ir além. Pela compreensão precoce e amor incondicional que me iluminam.

A Laetitia, que sempre soube a hora de bater e a hora de beijar, para me ajudar e me colocar *pra frente* nesse doloroso e instável processo que é a escrita. Pela paciência nas muitas horas de crise; pelas distâncias e encontros, que só me fizeram bem. A Maria Helena, pelos papos, carinho e mimos.

Ao meu irmão de sangue de alma e de sol, Cacá, que, além do carinho e da força, sempre me escutou com o coração, a despeito de tudo e de todos, e cujas palavras sempre me devolveram a energia para lutar.

À minha mãe, Sissa, pelo afeto, pelos colos, pelo norte que sempre me ajuda a achar, na vida, nos valores e nos caminhos intelectuais. Por me ensinar que a luta também se faz quando a ternura se une às palavras e ao pensamento, tocando a essência que muda o outro.

A Deniz, quase mãe pois que madrinha no meu coração; mais que titia, Tetéia, que sempre me estendeu a mão nas dificuldades, me estimulando sempre; e que, a seu jeito, me mostra que o “se importar” com o próximo se faz na atenção e na intenção do olhar, e se concretiza nas ações, com a pureza do incondicional – o que na vida vou sempre almejar. À tia Lú, pela doce afeição e pelas rezas que sempre me trazem boas energias.

Ao meu pai, Taque, por me passar o espírito deslocado e errante da *margem*, à qual vou sempre me identificar; e que, portanto, me ensinou a amar, com palavras e livros, esses sertanejos de Canudos e outros mais, que lutam por si, pelo próximo e por um mundo melhor.

A Jade, grande mãe do meu filho, e sua afetuosa família, que tanto me ajudam na criação do meu filho João, amenizando as minhas ausências em períodos difíceis, quanto, tenho certeza, torceram por meu sucesso.

Ao Henrique e a Juliana, pela grande e longa e afetuosa amizade, pelo incentivo e por me ajudarem a achar meus caminhos; pelos encontros, sempre momentos de alegria, em que se misturava fofoca com filosofia, exemplos de saber com sabor.

Ao Bruno e a Marcela, ao Lucas, a Paulinha, todos amigos muito queridos, além de interlocutores intelectuais generosos, e que sempre souberam, cada qual a seu modo, me dedicar um carinho raro.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marcus Vinicius de Freitas, pela paixão compartilhada pelo tema e pelas intervenções, sempre enriquecedoras e exatas, as quais contribuíram para que esta dissertação fosse mais longe que a princípio imaginada.

À Lúcia Castello Branco, por me mostrar os múltiplos caminhos da escritura, grande mestra que me ensinou a compartilhar o amor pela literatura com a teoria literária, ou mesmo que literatura e teoria não precisam ser, necessariamente, distantes.

Ao Cacá Brandão, pela carinhosa recepção no IEAT/UFMG e que foi, durante meu trabalho realizado nesse instituto, orientador generoso, sensível e provocador; e, na relação privada, uma pessoa receptiva, boa, simples demais para seu imenso talento. A Isabel, Eliana e aos Tiagos, colegas e amigos que sempre me incentivaram.

A Maria Inês de Almeida, pelas várias oportunidades abertas, também num espaço em que literatura, teoria e vida se misturam; por acreditar e se lembrar de mim, enriquecendo meu percurso acadêmico e minha vivência.

A Ruth Silviano Brandão, que me acolheu com imensa generosidade no final do processo de escrita desta dissertação.

À turma de, mais que colegas, amigos descobrindo a magia e o encantamento da literatura – Rafael *Cabelim*, parceiro antigo de projetos e sonhos loucos, que com Marilaine, João, Isabela, Fernanda, Junelise, Alice, Naomi e Erick tornaram-se companheiros queridos de viagens, letras e textos viajantes, sempre num compartilhamento mútuo e prolífico.

Ao Projeto República, em que tive o primeiro encontro com meu objeto de pesquisa, enriquecendo-me academicamente e proporcionando o primeiro aprofundamento no tema, concretizado no artigo *Quant'Os sertões* – a multiplicação de Canudos e os novos conselheiros, publicado no livro Sentimento de reforma agrária, sentimento de república<sup>1</sup>.

A Isabel e todos os amigos da Editora UFMG, que me ajudaram e muito me ensinaram.

---

<sup>1</sup> Vide Referências Bibliográficas, mais especificamente à página 123 desta dissertação.

Aos “colegas funcionários” do Pós-Lit/UFMG, pela presteza amigável e pelo estímulo sincero para a realização deste trabalho.

Ao CNPq, pela ajuda financeira que proporcionou, durante certo tempo, a dedicação necessária à feitura desta dissertação.

## RESUMO

Esta dissertação discorre sobre leituras literárias da Guerra de Canudos, alguns textos publicados antes de 1902 e, mais especificamente, sobre as diversas possibilidades de leitura do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, devido ao seu caráter híbrido, entre ciência e literatura, comuns aos gêneros *relato de viagem* e *ensaio*, bem como ao projeto enciclopédico, de englobar múltiplos saberes em discursos diversos. Tudo isso presente numa obra em que não falta o apuro estético e os elementos próprios da poética. Para tanto, utilizamos diferentes conceitos teóricos, dentre os quais destaca-se o de *relato de viagem*, o de *ensaio como pensamento experimental*, o de *enciclopedismo* e o de *escritura*, bem como tentamos sistematizar o conceito de *experiência literária*, disperso em algumas obras. Procuramos, assim, demonstrar as contribuições de *Os sertões* para o surgimento, no pensamento e, principalmente, na imaginação nacional, de uma nova linhagem de interpretação do Brasil.

## ABSTRACT

This dissertation discusses literary readings of the War of Canudos, some texts published before 1902 and, more specifically, on the various possibilities of reading the book *Os sertões*, of Euclides da Cunha, due to its hybrid nature, between science and literature, common the genres of *travel reporting* and *essay*, and the encyclopedic project, to include multiple knowledge in various speeches. All this in a work that does not lack style, aesthetic and elements of poetic. For both, we use different theoretical concepts, among which the travel reporting, the essay as experiment thinking, the encyclopedic project and the writing, and try to systematize the concept of literary experience, dispersed in several texts. We try demonstrate the contributions of *Os sertões* in thought and mainly in the national imagination, since founded a new line of interpretation of Brazil.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
<b>1º Capítulo: <i>Canudos: experiência escrita</i>.....</b>	<b>14</b>
Germinando.....	14
Um fato feto.....	17
Olhares de Bilac.....	24
<i>De jagunços e sertões</i> – Afonso Arinos e Euclides da Cunha.....	31
A Viagem I.....	33
A Viagem II.....	35
<i>O rei dos jagunços</i> , de Manuel Benício – uma experiência.....	38
<b>2º Capítulo: <i>O buraco negro do olho: experiência literária e sertão</i>.....</b>	<b>45</b>
De para-quedas n’ <i>A nossa Vendéia</i> .....	45
Coordenadas e abscessos – <i>Os sertões</i> .....	47
O homem.....	50
Afrancesar o sertão?.....	55
Poética Científica.....	60
Ensaio o dito e o não dito.....	61
<i>Os sertões</i> : vertigem da palavra.....	64
O buraco negro do olho.....	70
Euclides, homem letra.....	79
<b>3º Capítulo: <i>Espelho poliédrico: o aberto da escritura, o aberto do sertão</i>.....</b>	<b>84</b>

O sertão, vazio da palavra.....	84
Alguns aspectos da <i>escritura</i> e do <i>jogo</i> .....	94
<i>Projeto Enciclopédico</i> – a instabilidade do discurso.....	102
Diálogos.....	104
Reflexo transmutado – um pequeno exemplo.....	109
Um adubo de letras.....	110
CONCLUSÃO.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, de acordo com o projeto inicial, propunha-se unicamente a investigar o enorme alcance simbólico do episódio conhecido como Guerra de Canudos, ocorrido no sertão baiano, nos anos finais do século XIX, investigando sua perenidade, atribuída à obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. De fato, o referido episódio ganhou várias interpretações no interior da imaginação cultural brasileira: seja no suporte do cordel, do teatro ou da literatura – tanto a brasileira quanto a estrangeira; seja no suporte da canção, da ópera ou do cinema.

Vários dentre os diversos autores, compositores, cineastas, etc, que realizaram suas próprias interpretações do episódio de Canudos, apontaram e apontam para o livro de Euclides da Cunha como texto fundador, ponto de partida para a empreitada criativa que iriam realizar. Portanto, considerou-se importante investigar qual ou quais elementos do texto de Euclides da Cunha seriam capazes de proporcionar essa abertura e gerar leituras tão díspares de um mesmo episódio – o de Canudos –, partindo do mesmo livro – *Os sertões*.

Contudo, para atingir esse objetivo, fez-se necessário aumentar o *corpus* a ser pesquisado. Tal mudança não se deu por capricho ou mero acaso, mas a partir de discussões com meu orientador, o professor Marcus Vinicius de Freitas, em sala de aula, no curso de pós-graduação “Viajantes na República Velha”, como também no processo de orientação.

Tais discussões acabaram por mostrar que, sendo meu objeto de pesquisa a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha – e que tal livro fora baseado em um momento bastante conturbado da História brasileira, o qual gerou um grande número de interpretações, muitas das quais vindas de escritores importantes em sua época. Portanto, fazia-se mister situar os textos desses escritores em relação ao objeto

pesquisado. Após diversas leituras, concluímos que esta questão, para ser explorada minimamente, deveria ser concretizada em um capítulo, o primeiro, denominado *Canudos: experiência escrita*.

Para a escrita desse capítulo, incorporou-se, teoricamente, a questão da Literatura de Viagem, devido não somente ao fato de que, das obras aí estudadas, a metade fora escrita “em marcha”, mas também à descoberta de que tal “questão” mostrava-se em congruência e enriquecia os conceitos de *Escritura* e, principalmente, de *Experiência Literária*, dos principais marcos teóricos desta análise. Ambos os conceitos constavam no projeto inicial, como operadores interpretativos d’*Os sertões* e já seriam usados posteriormente, no segundo capítulo.

O segundo capítulo, por sua vez, também teve sua abrangência teórica aumentada. Inicialmente, fora pensado para tratar das teorias da *Experiência Literária*, de Maurice Blanchot, e da *Escritura*, de Jaques Derrida, de forma a possibilitar entender o porquê do surgimento de uma constelação de obras (literárias ou de outras artes) ao redor de *Os sertões*. Por quê tantos artistas citam Euclides da Cunha como referência, ponto de partida para as suas leituras do fato histórico de Canudos, e não qualquer outro autor que trate do mesmo tema, uma vez que existem publicações anteriores a *Os sertões*.

Contudo, mostrou-se fundamental tratar, mesmo que parcialmente, da formação de Euclides da Cunha – por vezes biográfica, por vezes bibliográfica –, indicando a influência passional em suas tendências políticas e na mudança destas, bem como o reflexo propriamente literário e discursivo que essas mudanças ocasionaram na escrita de um homem cuja vida se mistura à história e à literatura.

Nesse ponto, aproximamo-lo de uma de suas principais influências, o escritor e historiador francês Jules Michelet, com uma poética histórica voltada para a

reminiscência, que assume a subjetividade na escrita como algo positivo, construindo, portanto, um *estilo*<sup>2</sup> próprio. A experiência em Euclides é tanto literária – interligando forma e conteúdo – quanto com os mundos empíricos que “descobre”, torna conhecido; ou, como “poeta, ao dizer a palavra essencial, nomeia pela primeira vez o ente”.<sup>3</sup>

Mas aqui, esse com esse ato, o poeta, no caso Euclides da Cunha, ao nomear, não busca instaurar “os deuses e a essência das coisas”,<sup>4</sup> mas principalmente representar estruturalmente o que nomeia, com vistas tanto à estética – considerando sua etimologia *aisthesis*, que remete à sensação, percepção da coisa – quanto à incorporação do desconhecido, em prol da ciência; nova ética expressa num pensamento original sobre o Brasil, que passa a ser pensado a partir do próprio Brasil.

Para esta análise, também se fez necessário o aumento na quantidade de leitura anteriormente prevista – mais obras do autor em questão foram incorporadas, além da fortuna crítica que ajudou a traçar o perfil do *homem-letra* que, supomos, criou uma linhagem de pensamento do Brasil. Tal fortuna, já existente e que trata *Os sertões* como um texto essencialmente literário (contendo, ao mesmo tempo, poética, epopéia e drama), tornou-se ponto de partida para destacarmos a formação dessa linhagem que é mista, pois se constitui como um *logus estético* – estilos, análise, conhecimento e ficção se juntam num texto que proporciona ao leitor a sentir a dura entrada no sertão; a secura e a beleza das paisagens; o horror da guerra.

Obra nascida após pesquisa e, principalmente, vivência; gabinete e realidade ligados explicitamente pela marca forte do sujeito, escritor, pensador ou autor – o texto permite todos estes substantivos. Tudo essa forma de composição pode ser englobada

---

<sup>2</sup> Estilo aqui entendido não somente como maneira pessoal de escrever, mas como excessivo apuro no escrever, como bem marca o [Dicionário Priberam da Língua Portuguesa](#). Consultado em 08/07/2009, às 04:10 da manhã, no dicionário supracitado, o qual se encontra disponibilizado on-line pela Priberam Informática no endereço eletrônico [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx)

<sup>3</sup> MOLL, Uma morada: linguagem e poesia em Heidegger, p. 62.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 63

pelo que diversos autores denominam *Literatura de viagem*, ou pelo que Blanchot, por vezes, chama *experiência literária*. Através da vivência da escrita, Euclides da Cunha nos proporciona, no livro sobre a guerra, juízos díspares, provenientes do experimento do confronto das lacunas de um Brasil ainda mal (in) formado. Leituras múltiplas; éticas diversas.

O terceiro capítulo tratará brevemente, utilizando-se dos dispositivos teóricos trabalhados nos dois capítulos anteriores, das obras surgidas “a partir” de características próprias de *Os sertões*, que na travessia do estranho, gera ausências de sentido em prol da forma que representa o desconhecido. Ausências, ou multiplicidades de sentido que acabamos por aproximar à potencialidade e riqueza de significados do conceito derridiano de *escritura* – e seu caráter gerador de tradições; ao conceito de *sertão* como o vazio do conhecimento, do usufruto cidadão da palavra da lei; e do conceito de *enciclopédismo*, como momento de criação da palavra e da nomeação do mundo.

## 1º CAPÍTULO

### *Canudos: experiência escrita*

## Germinando

Em texto introdutório à segunda edição do livro *O rei dos jagunços*<sup>5</sup>, Paulo Emílio Matos Martins chama a atenção para um depoimento do professor José Calasans, profundo estudioso de questões relativas a Antônio Conselheiro e, conseqüentemente, à guerra de Canudos. Calasans ressalta que “Canudos e Antônio Conselheiro são, respectivamente, o episódio e o brasileiro mais estudados da historiografia pátria”.<sup>6</sup>

Esta afirmativa causaria uma grata surpresa<sup>7</sup> – ao menos a quem pretendesse estudar temas relacionados a Canudos –, não fosse o fato de poder-se questionar sua exatidão, ou mesmo se se trata de uma afirmativa passível de comprovação. Por “historiografia pátria”, é provável que o professor Calasans, segundo suas paixões<sup>8</sup>, se referisse, também, ao imaginário nacional: à constelação de textos, imagens, canções, filmes, idéias, enfim, de uma estética meio mutante, pois que tudo orbita em torno não do fato estritamente histórico, mas da reconstrução histórico-literária feita e ainda a se fazer sobre tal fato – a guerra de Canudos.

Ficção e fato voltavam a deixar de ser uma antítese; alcançavam, à época, n’*Os sertões*, o que talvez seja o ponto máximo de equilíbrio entre eles. Dessa forma, por um lado, podemos

---

<sup>5</sup> BENÍCIO, *O rei dos jagunços*, 1997.

<sup>6</sup> MARTINS, *O rei dos jagunços* e a historiografia de canudos, p. XII. In: BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, 1997.

<sup>7</sup> Surpresa em vista de a “historiografia pátria” não ser muito afeita à história dos vencidos, ainda mais quando o vencido em questão é, de certa forma, a própria pátria – “vergonhosas” derrotas do exército; assassinato em massa de cidadãos não combatentes, etc. Para verificar isso, basta consultar, com certa margem histórica de erro, os livros didáticos escritos à época desse depoimento, publicado, posteriormente, em 1997, na introdução ao *Rei dos Jagunços*.

<sup>8</sup> Embora formado em direito, José Calasans dedicava-se, sobretudo, “ao magistério, à história e ao folclore”, o que certamente legava-lhe uma noção mais “aberta” de historiografia. Ver: BARRETO. José Calasans, um mestre da História, 2004. In: [http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27405&titulo=Luis\\_Antonio\\_Barreto](http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=27405&titulo=Luis_Antonio_Barreto). Acessado em 12/09/08, às 19:15 horas.

imaginar Euclides entre os tantos historiadores do período (Michelet, Carlyle, Burckhardt), e até mesmo os anteriores a ele (Tucídides, Heródoto), que “tinham a suficiente autoconsciência para reconhecer que sendo qualquer número de fatos igual e legitimamente descritível, não haveria portanto uma única e correta descrição original de algo, sobre a base da qual uma interpretação desse algo pudesse subsequentemente ser verificada”.<sup>9</sup>

Com a literatura adentrando os domínios da história, e a ficção os da realidade, nota-se uma capacidade de criar e recriar o mundo, de apresentar e representar a história humana, num “trabalho cujo fio é desenovelar os possíveis do ser e do mundo, sem que tal labor conduza a uma resposta – ou objeto – referencial ou limite que o conforme.”<sup>10</sup>

Como dito na Introdução, é no segundo capítulo dessa dissertação que trabalharemos mais detidamente esta e outras peculiaridades mais fortemente encontradas n’*Os sertões* – de suas características estilísticas ao processo de escrita –, as quais o tornam a principal referência sobre o tema que aborda. Há, contudo, uma série de textos que, lançados antes do livro de Euclides da Cunha, apresentou diferentes versões da guerra de Canudos e seu principal *personagem*, Antônio Conselheiro. Tais livros, de uma maneira ou outra, formariam um “solo fértil”, do qual nasceriam *Os sertões*.

Existem diversas obras publicadas antes de 1902 – ano de lançamento d’*Os sertões* –; começarei citando alguns, a título de exemplo, pois não serão trabalhados aqui: *A quarta expedição contra Canudos (1ª fase de operações) – cem léguas através do sertão de Aracaju a Queimadas, via Canudos: diário de campanha*, do Major A. Constantino Nery, publicado no Pará, em 1898; *Última expedição a Canudos*, do tenente-coronel Emídio Dantas Barreto, publicado também em 1898, em Porto Alegre, por Franco & Irmãos-Editores; *Guerra de Canudos – narrativa histórica por J. P.*

---

<sup>9</sup> BERNUCCI, A ontologia discursiva de Os sertões. In: *História, Ciência, Saúde* – Manguinhos. Volume V. Suplemento – Julho de 1998. p. 68.

<sup>10</sup> TEIXEIRA. Se esse livro fosse o mundo. In: *Maurice Blanchot*. BRANCO; BARBOSA; SILVA (Org.), pp. 63-4.

*Favilla Nunes* (correspondente da *Gazeta de Notícias*), publicado pela Tipografia Moraes, com o não alcançado intuito do autor de, através de fascículos, “chegar a mais de mil páginas”<sup>11</sup>; ou ainda o poema *Tragédia épica (Guerra de Canudos)*, do jovem médico integrante da quarta expedição Francisco Mangabeira e que foi publicado em 1900<sup>12</sup>.

Podemos observar que são obras publicadas com o selo do testemunho, por um jornalista e, na maioria das vezes, por “atores do fato” – médicos e engenheiros ligados às expedições militares. Neste capítulo, serão estudadas algumas outras obras, também escritas e publicadas quase que “no calor do momento”, durante e logo após o fim da guerra de Canudos. No entanto, nem todas escritas a partir de testemunho direto, no *front* – algumas escritas já a partir da vivência indireta.

Um exemplo é as crônicas de Olavo Bilac, que, muitas vezes, soam quase como comentário espantado do *hommo civitae*, ante as derrotas militares narradas nas mesmas páginas do jornal no qual eram publicadas; ou mesmo *Os jagunços*, de Afonso Arinos, que mesclam a vivência sertaneja do autor, quando de sua mocidade<sup>13</sup>, ao que ele certamente lia nos jornais.

Dessa forma, neste capítulo, discorreremos sobre diferentes leituras literárias dessa tão falada guerra, mais especificamente sobre as crônicas de Olavo Bilac e os romances *Os jagunços*, de Afonso Arinos, e *O rei dos jagunços*, de Manoel Benício. Assim, veremos as possíveis contribuições destes autores para o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Obras que, juntamente à experiência dita empírica, ajudaram a

---

<sup>11</sup> MARTINS, *O rei dos jagunços* e a historiografia de canudos. p. XIII. In: BENÍCIO. *O rei dos jagunços*.

<sup>12</sup> Informações retiradas de: MARTINS, *O rei dos jagunços* e a historiografia de canudos. p. XIII – XV. In: BENÍCIO, *O rei dos jagunços*.

<sup>13</sup> Sobre a “experiência sertaneja” de Afonso Arinos, ver: FRANCO, *O sertanejo Afonso Arinos*, In: ARINOS, *Os jagunços*, especialmente da página 7 à página 11.

traçar os primeiros fios da *experiência literária*<sup>14</sup> que levou Euclides da Cunha à escrita de *Os sertões*.

### **Um fato feto**

Um dos eventos históricos que marcaram tanto a história nacional quanto a literatura e as artes em geral, no Brasil, foi o episódio conhecido como guerra de Canudos. Vários foram os *leitores* desse episódio – grifo a palavra leitores para marcar sua ambiguidade entre os que simplesmente apreciam as obras e os que explicitam sua interpretação, elaborando obras – escritores canônicos; outros de renome em sua época; alguns através de simples testemunho; outros, por pura ficção. Para melhor entendê-los, faremos uma pequena descrição desse evento.

Ocorrido em fins de 1896 e no ano de 1897, o episódio conhecido como “guerra de Canudos” é o triste epílogo de uma experiência empírica, cuja singularidade e a grande dimensão chamaram e chamam bastante atenção. Portanto, nada mais natural que haja mais de uma corrente crítica e sua interpretação própria “do ocorrido”.

Por um lado, o *milénarismo*, ou a vertente de interpretação milenarista, não pode ser tida como novidade, pois que a prática, e conseqüentemente o assunto, já havia aportado em terras brasileiras há muito. Iniciando-se ironicamente – pois brinca com a famosa frase inicial do *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, “pai” ou responsável pela filosofia marxista, outra recorrente *chave de interpretação* do episódio de Canudos –, a citação abaixo resume bem a história do milenarismo, ao menos a que aqui nos interessa.

---

<sup>14</sup> *Experiência literária* é um conceito que será trabalhado ao longo desta dissertação, mais especificamente, nesse capítulo, a partir do subtítulo *A Viagem I*, e mais profundamente no Segundo Capítulo.

Um espectro ronda os sertões brasileiros, e esse espectro é o do milenarismo. Elaborado, de início, pelos homens cultos da tradição judaico cristã e incorporado, ao longo da história, pelas classes populares em seu imaginário de catástrofes e promessas, o "milênio" envolve, na verdade, muitas referências. Por exemplo: na Bíblia, a elaboração do Messias como Filho do Homem, as profecias de Ezequiel sobre a construção da Nova Jerusalém ou as de Isaías sobre a descoberta de novas terras; na Idade Média, o Messias pensado como um rei cavaleiro, portador de uma espada e de um cálice com o sangue de Cristo; na Era Moderna, a lenda de Dom Sebastião, jovem rei português desaparecido, em 1578, no norte da África, mas que retornaria para restabelecer as glórias de Portugal; e nos sertões do Brasil, a fé em beatos, religiosos ou profetas cujas palavras devolveriam aos homens a esperança de um mundo mais justo. Pois o milenarismo significa isto: “a crença de que o tempo ou o século findará ao término de mil anos de felicidade que antecedem o juízo final”, afirmara Marilena Chauí. Quando a crença exige a vinda de um Messias ou o retorno de Cristo, ela assumiria, pois, uma feição messiânica. E quando sugere a construção de um novo reino já nesse mundo, deságua, muitas vezes, em mística e revolta. Foram essas águas, sobretudo, que correram pelo Brasil adentro, invadindo a vida de muitos sertanejos. Entre estes, o que elas teriam fecundado? Filhos atrasados da civilização, perturbadores da ordem pública, revoltosos em meio ao arbítrio dos coronéis: a resposta à questão depende do ponto de vista de quem os observa. O certo é que a crença no milênio abriu um caminho propício para a manifestação de muitos preconceitos e tantas insatisfações.<sup>15</sup>

A peregrinação de Antônio Conselheiro pelos sertões da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Ceará remonta, ao menos, a quinze anos antes da proclamação da República do Brasil, em 1889. Nessa época, peregrinações de padres, missionários leigos e beatos eram particularmente comuns no Nordeste Brasileiro<sup>16</sup>. Haja vista os fenômenos de Juazeiro e do controverso padre Cícero, considerado santo milagreiro pelo povo,

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA (et all), Sentimento de Reforma Agrária, Sentimento de República, (CD-ROM), 2006, verbete Messianismo e milenarismo no Sertão.

<sup>16</sup> Segundo Semira Adler Vainsencher & Rúbia Lóssio, pesquisadoras da Fundação Joaquim Nabuco, dentre “os santos católicos não-canônicos, pertencentes ao devocionário nordestino, alguns dos mais conhecidos são os seguintes: Padre Ibiapina, Dom Vital, São Longuinho, Frei Damiano, Menina-Sem-Nome e Padre Cícero”. Nesse texto citado, ficamos sabendo das peregrinações do padre Ibiapina, que, a partir de 1853, iniciou suas peregrinações nos “Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí”, construindo “mais de vinte edificações – denominadas ‘casas da caridade’ – recolheu e educou milhares de órfãs carentes do sertão para atuar na esfera privada”, além de batizar e casar grande número de pessoas, cristãos, órfãs da Igreja Católica nos confins dos sertões. Informações retiradas de VAINSENCHER; LÓSSIO, Santos católicos não-canônicos no Nordeste do Brasil., In: Fundação Joaquim Nabuco (Site Eletrônico Oficial), encontrado no endereço <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6467&date=currentDate> Acessado em 10/02/2009, à 01:50 horas.

excomungado pela igreja católica e ator político em prol dos fazendeiros – cuja história em Juazeiro começara cerca de dez anos antes de Canudos.<sup>17</sup>

As prédicas do Conselheiro, em especial, eram bastante conhecidas, chamando a atenção das autoridades aqui e ali. As primeiras notícias são de 1873, quando surge na Bahia, “pregando a religião cristã da forma que entendia seus mistérios e dizendo-se ser enviado de Deus”.<sup>18</sup> Sua presença desgostava tanto o clero local, “que via nele um concorrente à sua influência”, quanto os coronéis, “como eram considerados os **proprietários fundiários**, a partir da patente que, em regra, recebiam da Guarda Nacional ao tempo do Império” (grifo meu),<sup>19</sup> os quais viam diminuir sua força de trabalho, que partia, convertidos em peregrinos. Ademais, era o tipo de “enviado de

---

<sup>17</sup> Aqui, citamos alguns “movimentos milenaristas, ocorridos à época da guerra de Canudos, com bem menos adeptos e menor, ou quase nenhuma repercussão nacional. Os movimentos se diferem em grau de violência, embora tenham em comum a crença na lenda milenarista citada acima, de que o rei Dom Sebastião – por vezes confundido com São Sebastião, viria recompensar os puros e castigar os ímpios. Euclides da Cunha já comentara: a alma do sertanejo, ao menos no norte do país, encontra-se muitas vezes agitada, podendo ir ‘da extrema brutalidade ao máximo devotamento’. Nos eventos de Rodeador e Pedra Bonita, os dois extremos citados por Euclides estiveram presentes ao mesmo tempo. Até 1817, Rodeador era apenas o nome de uma serra ao sul de Pernambuco, quando Silvestre José dos Santos, conhecido como ‘Profeta’, ou ‘Mestre Quiou’, ali se instalou, bem próximo a uma grande pedra. Com o nome de ‘Cidade do Paraíso Terrestre’, o lugarejo fundado chegou a contar com mais de duzentos moradores. Os fiéis organizavam-se sob formação militar e, concomitantemente, orações e devoções ditavam o ritmo de suas vidas. Doações e uma agricultura de subsistência alimentavam-nos em seu dia a dia. Da grande pedra, vozes diziam ao ‘profeta’ que estava chegando o dia do retorno do rei Sebastião e de seu exército. E ele não voltaria para nada, a não ser para tornar ricos e imunes ao mal os moradores do Rodeador. Quando o rei retornasse, esperavam ainda ‘tomar Pernambuco e resgatar os lugares Santos de Jerusalém’. Antes disso, porém, o governador do estado atacou esse lugarejo. Em 1820, uma milícia aprisiona parte dos habitantes, massacra alguns e incendeia feridos abrigados na capela do Rodeador. Chegava ao fim as esperanças de Silvestre dos Santos. Outro não foi o destino do movimento de Pedra Bonita, embora neste, a face sombria do milênio apareça de maneira retumbante. Até 1837, essa pedra indicava somente um bloco solitário em Pernambuco, acessível por uma estreita garganta da Serra Talhada. Porém, desde então, passou a sinalizar outra coisa. Nesse ano, um certo João Ferreira retomou a velha crença sebastianista, congregou seguidores e proclamou sua profecia: que os fiéis derramassem, no rochedo, sangue humano tomado em sacrifício, quando então o grande rei irromperia para castigar os ímpios e recompensar os puros. E não foi tudo. Um dia, nova revelação solicitou até mesmo a morte do profeta. Por isso, ‘João Ferreira foi sacrificado e violentamente desmembrado’, lembra Gregg Narber. Imerso em sangue, Pedro Antônio, seu cunhado, determinou a mudança do assentamento. Contudo, os fiéis foram atacados por um regimento de militares e por fazendeiros da região. Os homens foram mortos ou aprisionados. Mas, perguntaria o desconfiado leitor, isso tudo realmente foi possível!? Dessa maneira!? Leia, caro leitor, *O Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, e chegue às suas próprias conclusões”. Citação retirada de Sentimento de Reforma Agrária, Sentimento de República, (CD-ROM), verbete Rodeador e Pedra Bonita.

<sup>18</sup> BENÍCIO, *O Rei dos Jagunços*, p. 22.

<sup>19</sup> GALVÃO, *O império de Belo Monte* – vida e morte em Canudos, p. 55.

Deus” que, falando do novo e preocupando-se com o povo, é costumeiramente perseguido. Começou, então, a perseguição.

A igreja pedia “ao Exmº Sr. Ministro do Império, a respeito do indivíduo de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido vulgarmente por Antônio Conselheiro, para quem solicito entrada no ‘Hospício de Alienados’ da Corte”<sup>20</sup>; talvez, nessa ocasião, tal fato não tenha se dado devido à falta de uma vírgula após a palavra “Alienados”. Deixando os gracejos, o fato é que a igreja enviara vários ofícios pedindo a internação do Conselheiro. Todos foram negados.

Já os coronéis eram especialmente representados pela figura do barão de Jeremoabo, que nascera e tinha suas terras em Itapicuru, onde “mais influência e permanência teve o Conselheiro, no auge de sua trajetória de peregrino”.<sup>21</sup> O certo é que o Conselheiro foi preso pela polícia baiana em 1873 – a qual considerava suas pregações como “um fanatismo perigoso”,<sup>22</sup> subversivo, por mais estranho que esta palavra soe à época – e “deportado” como criminoso para Quixeramobim, sua terra natal, no Ceará.

Como não havia nenhum crime contra ele, pô-se de novo em peregrinação pelos sertões, novamente em direção à Bahia. A prisão lhe dera a fama de mártir, e ele atraía grande número de homens livres, jagunços que vinham ver o homem em cujo “brilho estranho do olhar havia a energia brônzea do profeta e do reformador”.<sup>23</sup> Uns, não conseguindo obter sustento de forma autônoma, cansados de viver sob as ordens de algum coronel ou latifundiário (mesmo que aqui não haja uma luta de classes, há uma opção por um novo modo de vida, uma nova forma de sobrevivência diversa das até

---

<sup>20</sup> BENÍCIO, *O Rei dos Jagunços*, p. 27.

<sup>21</sup> GALVÃO, *O império de Belo Monte* – vida e morte em Canudos, p. 56.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>23</sup> ARINOS, *Os jagunços*, p. 40.

então existentes); outros encantavam-se com uma vida de divisão comunitária, devotada a Deus e que lhes garantiria passe certo para o paraíso; a grande maioria via o Conselheiro como o novo messias, e seguiam-no crendo que o paraíso, em meio àquela paisagem árida com a qual estavam acostumados, se daria em vida, na terra – “ali, porém, nem é preciso trabalhar, é a terra da promessa, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas”.<sup>24</sup> Havia ainda os cangaceiros arrependidos, os inválidos, os loucos; enfim, homens, mulheres e crianças de todo tipo.

Antônio Conselheiro não era um louco desprovido de formação. Letrado, fez bom uso de sua leitura.<sup>25</sup> Segundo conta o Dr. Genes Martins Fontes, em duas cartas publicadas no jornal *A República*, em 1879 e em 1881. No primeiro encontro, impressionou-se com a aparência desleixada, mas principalmente com o olhar, “que lhe dava tom à fisionomia (...); o olhar boiava naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível, que caracterizam os místicos, os sonhadores e os alucinados”;<sup>26</sup> mesmo assim, ele e seus colegas estudantes, quando de longe, gozaram o “santo”. No segundo encontro, decorridos três anos, “seu prestígio era estupendo, já não me ocorreu qualquer gracejo (...). Sentia que lidava com um profeta, um dominador de multidões. O seu olhar já não tinha a mesma abstração antiga. O hábito de comando tinha temperado o misticismo”.<sup>27</sup>

Descreveu, depois, o jornalista Caldas Brito, sobre uma das pregações que fora ouvir:

Seguiu à risca o mesmo ritual dos pregadores sacros. Persignou-se: e as suas primeiras palavras foram em latinório, truncado, verdadeiras sílabas na

---

<sup>24</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 127.

<sup>25</sup> Sobre a formação educacional de Antônio Mendes Maciel, o Conselheiro, ver, CALASANS, Canudos não euclidiano, In: SAMPAIO NETO et al (Org.), *Canudos*. Subsídios para sua reavaliação histórica, pp. 11-13.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>27</sup> CALASANS, Canudos não euclidiano, In: SAMPAIO NETO et al (Org.), *Canudos*. Subsídios para sua reavaliação histórica, pp., p. 12.

língua de Horácio. O tema de seu conselho versou sobre a família. Falou uma hora mais ou menos. Quando terminou, ajoelhou-se diante de um altar e rezou a ladainha. Saí ao terminar; e saí convicto de que o Conselheiro era um fanático. *Inteligência superior* e conhecedor e leitor da Bíblia, pareceu-me que o Conselheiro *havia em moço estudado o latim e o português*.<sup>28</sup> (Grifos meus)

Certamente que a oratória do profeta, o efeito hipnótico da missa em latim, língua desconhecida, encantava os camponeses. O que se sabe é que, cada vez mais, o “líder carismático” enchia-se de um “prestígio estupendo”,<sup>29</sup> atraindo grande número de pessoas para sua “missão”.

Com o advento do novo governo e o subsequente aumento dos impostos – estendidos e cobrados até mesmo aos sertanejos mais pobres, como o tributo sobre a terra, independente de sua produtividade –, Antônio Conselheiro e seus seguidores passaram a ser perseguidos. Isso provavelmente ocorreu devido ao fato dos conselheiristas pregarem contra o pagamento dos impostos, chegando mesmo a queimar as “tábuas de avisos” sobre a cobrança destas taxas. Certamente, havia ainda um receio comum aos grandes latifundiários e ao novo Estado – o perigo advindo de uma nova “autoridade” que surgia legitimada pela camada mais pobre da população. Mas as perseguições só fizeram estimular a busca por um lugar fixo, no qual o Conselheiro e os seus pudessem se estabelecer. Tal lugar seria fundado em 1893, recebendo o nome de Canudos, devido a uma planta que crescia no local.

Estabelecido o lugar, deu-se início a uma experiência até então inimaginável no sertão baiano. Segundo Edmundo Moniz, em seu livro *A Guerra Social de Canudos*, o “novo messias”, numa parte de seus escritos, faz referência direta a Thomas More, autor da obra *Utopia*. Conselheiro situava-se entre “os varões sábios e prudentes”, cujo destino “era encher as religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas e desprezar o mundo”.<sup>30</sup> A referência ao livro *Utopia*, escrito em latim e publicado em 1516, não era

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> CONSELHEIRO. *Apud* MONIZ, *A Guerra Social de Canudos*.

nada gratuita, tanto que “Moniz afirma ter sido a construção de Belo Monte inspirada pela ilha imaginada, no século XVI, pelo autor inglês”.<sup>31</sup> Todos recebiam, ao chegar, um pedaço privado de terra para a produção; o excedente era doado a um barracão, espécie de fundo comum que distribuía alimentos e garantia, destarte, o sustento dos idosos, aleijados e indivíduos mais necessitados da comunidade. Há quem diga não ser possível a presença desse livro no sertão; porém, não podemos esquecer da presença de lendas e obras européias por todo o Brasil, seja através da oralidade, seja através do estudo do latim por alguns privilegiados.

Ainda segundo Marcela Telles Elian de Lima, Moniz se encontra em uma corrente de pensamento que, sob ângulos diversos, pensam Canudos como “primeira expressão da luta pela terra no Brasil” – uma luta, portanto, social –, primeira expressão genuinamente popular na história da recém fundada república brasileira. Essa corrente de pensamento foi inaugurada “pelos artigos escritos por Rui Facó nos anos 50, posteriormente reunidos no livro *Cangaceiros e Fanáticos* (...), que enfatiza a relação entre a fundação de Canudos e a concentração fundiária no nordeste”.<sup>32</sup>

Assim, uma leitura desse movimento é devido ao seu caráter eminentemente popular e social; na novidade de se experienciar uma via radicalmente nova, ao menos nacionalmente, da lida com a estrutura fundiária; ao fato de ter se tornado uma opção para um sem número de sujeitos sem nenhuma cidadania, esquecidos tanto pela Monarquia quanto pela República, que à época tentava “incorporá-los” por meio de impostos e à bala. Ou, ainda mesmo, devido às “vitórias militares” empreendidas contra uma força da polícia baiana e duas expedições do exército brasileiro. A cidadela de

---

<sup>31</sup> LIMA(a), *Canudos: relatório temático*, 2005, p. 02.

<sup>32</sup> Idem.

Canudos caiu após um cerco de mais de quatro meses, estabelecido por tropas vindas de quase todas as regiões do país.

Todavia, o episódio de Canudos, sem dúvida alguma, é o mais expressivo. Talvez porque, como diz a velha máxima, Aquiles não seria nada sem Homero, e Canudos teve o seu Homero, além de uma legião de escritores que, até hoje, não deixam o fato encerrar-se, esgotar-se no maniqueísmo simplista de manuais e ideologias. E é no respeito à diferença entre pensamentos que se dá a fertilidade do olhar crítico.

### **Olhares de Bilac**

As crônicas de Olavo Bilac,<sup>33</sup> a respeito da questão de Canudos, movimento messiânico-social ocorrido na Bahia, foram publicadas entre 1896 e fins de 1897, ocasião da derrocada desse movimento. Neste período, podemos notar uma mudança na maneira como Bilac encara o movimento e seu líder – Antônio Conselheiro.

O autor passa de certo desprezo por um “caso pequeno”, ao espanto e à histeria, demonstrados após as inimagináveis derrotas infligidas ao exército pelos jagunços; e, finalmente, adota um tom compungido, ao reconhecer a bravura advinda da inabalável fé desses rebeldes sertanejos. No entanto, há que se salientar a visão crítica que o cronista volta, em menor ou em maior grau, à forma como as forças políticas encararam essa questão à época. Vejamos.

Sua primeira crônica sobre este assunto saiu a onze de dezembro de 1896, publicada no periódico *A Bruxa* e intitulada *Antônio Conselheiro*. Nela, Bilac analisa o

---

<sup>33</sup> As crônicas de Olavo Bilac sobre Canudos foram publicadas em vários jornais: “Antônio Conselheiro”, no periódico *A Bruxa*, em 11/12/1896, sob o pseudônimo de Diabo Verde; “3ª Expedição”, na *Gazeta de Notícias*, em 14/03/1897, sem assinar; “Cérebro de Fanático”, em 10/10/1897, também sem assinatura, na *Gazeta de Notícias*; “Segredo de Estado” saiu em 19/03/1897 e “Malucos Furiosos” em 05/12/1897, também no periódico *A Bruxa* e ambos com o pseudônimo de Mefisto; já “Cidadela maldita” foi publicada em 09/10/1897 e “Cães de Canudos”, em 26/11/1897. Essas crônicas encontram-se publicadas em BILAC, *Vossa Insolência*, pp. 383-415.

caso criticando a recepção politqueira da imprensa carioca. Ironiza a forma como as primeiras notícias do ocorrido nos confins baianos chegavam à Capital Federal:

tenho, em todas as terras, entendido tudo; aqui, porém, o mais insignificante caso se reveste de tão extraordinárias circunstâncias e se complica de tão singulares episódios, que a minha pobre cabeça de diabo, com as idéias baralhadas, se perde, delira, ensandece... Vede-me, para exemplo, este caso do Antônio *Conselheiro*...<sup>34</sup>

Por fim, o cronista atribui certos aspectos lendários a Canudos e passa a narrar as desventuras de Antônio – antes Maciel, agora *Conselheiro* – com sua mulher e sua mãe; uma disputa amorosa de tons edipianos. Contudo, declara, taxativo – “Isso é o que diz a lenda”.<sup>35</sup>

E a lenda foi acatada, aceita pela maioria dos autores da literatura que podemos chamar “pré-Sertões”, mas também por Euclides da Cunha, no início da escrita de seu “livro vingador”. Nessa mesma crônica, Bilac critica a acusação de “Conspiração Monarquista” que pesava sobre Canudos.

*A liberdade* cala-se sobre ele: manha de monarquista. *A República* diz que ele é emissário do príncipe do Grão-Pará: recurso de jacobino. Entre essas duas manias, quem lucra é o nosso *Conselheiro*, que, sendo, ao mesmo tempo, um maluco acabado e um refinadíssimo patife, deixa de ser tudo isso, para ficar sendo, graças à mania política da terra, um agitador, um Kossuth [Lajus Kossuth (1802-94): político húngaro, Kossuth batalhou pela independência de seu país e por medidas aduaneiras que protegessem a indústria e o comércio da Hungria], um Montt [Manuel Montt (1808-80): político chileno, Manuel Montt foi presidente do seu país entre 1851 e 1861, quando implantou uma política de modernização e de reforma]. Viva a política! Nada há mais sobre a Terra, debaixo do clarão esplendido do sol!<sup>36</sup>

Tal acusação não passaria de uma manobra para acirrar ainda mais os já exaltados ânimos entre republicanos e monarquistas. É interessante notar que Bilac compara Antônio *Conselheiro* com dois políticos “agitadores”, os quais lutaram pela

---

<sup>34</sup> BILAC, *Vossa Insolência*, p. 383.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 385.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 388. Colocou-se entre colchetes o que, no texto original, eram notas de pé-de-página, por motivos estéticos.

independência e modernização de seus países, mesmo que por oposição, para denunciar os destemperos devidos “à mania política da terra”, do país.

Enfim, critica o tratamento dado a este líder pela imprensa da época. O jornal monarquista *A Liberdade* ignora-o, talvez devido às acusações feitas pelo jornal jacobino *A República*, que veste o Conselheiro de conspirador monarquista. Contudo, para Bilac, o Conselheiro não passava de um “salteador neurótico”, que comandava uma “cambada” de bandoleiros; não tinha a menor pretensão ou conotação política, atribuída a ele pelos jacobinos. Mas não deveria ser tratado com a indiferença com a qual os monarquistas o tratam – “esse pessoal seria baleado, corrido a pedra e a sabre, sem complicações, sumariamente”.<sup>37</sup> Segundo o cronista, agigantava-se um fato píffio.

Após a derrota da 2ª e da 3ª expedições do exército, enviadas à Bahia para dismantelar o movimento conselheirista, o escritor já se refere ao conflito como a “Guerra civil de Canudos [que] é muito mais grave que a do Rio Grande do Sul e a revolta naval”,<sup>38</sup> redimensionando-o e reconhecendo-o como um movimento mais perigoso que uma guerra “normal”, por se tratar “de uma guerra feita por fanáticos”.<sup>39</sup>

Principalmente após a derrota da 3ª expedição militar, ocasião da morte do famoso coronel Moreira César – militar que, em seu currículo a subjugação do movimento Federalista do Rio Grande do Sul –, encontramos um Bilac compungido, “olhos ainda marejados de lágrimas”.<sup>40</sup> Canudos, agora, tratava-se de um caso a ser contado “em palavras poucas e fortes, que entram como cunhas de aço na alma de quem

---

<sup>37</sup> BILAC, *Vossa Insolência*, p. 386.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 403.

<sup>39</sup> *Idem*.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 389.

as lê”.<sup>41</sup> De pífió, o caso tornara-se, agora, comparável à narrativa de Heródoto sobre Xerxes.

O interessante é que o estilo do “pai da história”,<sup>42</sup> descrito pelo cronista, assemelha-se ao utilizado por Euclides da Cunha: “Heródoto consome páginas e páginas na descrição dos inumeráveis exércitos de Xerxes”<sup>43</sup> – em Euclides, na primeira parte do livro, A Terra, a extensa descrição da paisagem, considerada por ele como um dos “atores” da luta, aliada ao exército jagunço. Continua Bilac, “e na pintura minuciosa dos hoplitas gregos empenhados na pugna tremenda das Termóplitas;”<sup>44</sup> – em Euclides, talvez em O Homem e na exaustiva descrição das tropas federais, em várias partes de A Luta. Terminando,

mas, quando, consumada a ignomiosa traição de Efialto e postos em linha os trezentos heróis de Leônidas, começa a batalha decisiva – o estilo do historiador aperta-se, apura-se, resume-se, e é em uma só página de incomparável sobriedade e de entontecedora comoção que se diz como o herói caiu ferido de morte e como sobre seu cadáver, ‘depois de sobre ele haverem quatro vezes vencido’, caíram de um em um, lutando como feras, com espadas, com as unhas, com os dentes, aqueles três centos de gregos em que toda a bravura sobre-humana da Hélade se concentrara...<sup>45</sup>

N’*Os sertões*, nas duas ocasiões em que o autor descreve os últimos momentos da luta, podemos ler a escrita comovida e que heroiciza os sertanejos. Principalmente, já ao final do livro, à página 273 da edição utilizada nesta dissertação, em que diz:

Canudos só seria conquistado casa por casa. Toda a expedição iria despender três meses para a travessia de cem metros, que a separavam do ápside da igreja nova. E no último dia de sua resistência inconcebível, como bem poucas idênticas na

---

<sup>41</sup> Ibidem, p. 390.

<sup>42</sup> “Heródoto (c. 484 a. C. –c 420 a. C.): de origem grega, Heródoto é conhecido como um dos fundadores da História”, encontrado na nota de “pé de página” 3, em: BILAC, *Vossa Insolência*, 1996, p. 390. Ou, para saber mais, ver: MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do mundo antigo – Heródoto, pai da história?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

<sup>43</sup> BILAC, *Vossa Insolência*, p. 390.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

história, os seus últimos defensores, três ou quatro anônimos, três ou quatro magros titans famintos e andrajosos, iriam queimar os últimos cartuchos em cima de seis mil homens!<sup>46</sup>

Ou mesmo, na página 351, penúltima do livro, na edição utilizada neste estudo, em que diz:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.<sup>47</sup>

Pode ser muita coincidência. Ou mesmo identidade intelectual entre os autores. O certo é que há grandes semelhanças entre o estilo, ou estrutura, entre o texto de Heródoto e o estilo, ou estrutura utilizado n' *Os sertões*. Se olharmos mais atentamente, certamente as semelhanças não paravam por aí. Duas grandes semelhanças seriam o fato de Heródoto se colocar como personagem, ou mesmo supostamente ter visto os episódios que narrara; ou mesmo o fato de seus textos serem contestados como “legitimamente historiográficos”, pois tinha o hábito de “romancear” suas narrativas. Contudo, essas semelhanças poderão ser estudadas em outra ocasião.<sup>48</sup>

A partir de então, Bilac passa a se referir ao movimento de Canudos ora como uma “rede de conspiração monarquista”,<sup>49</sup> ora como um ajuntamento diabólico, fruto de “fé e de patifaria”,<sup>50</sup> alimentado “pela superstição e pela rapinagem”<sup>51</sup> e guiado por um “profeta de longas barbas sujas”.<sup>52</sup> Mas, apavorado pelo inesperado da derrota, o

---

<sup>46</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 273.

<sup>47</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 351.

<sup>48</sup> Para as informações citadas sobre Heródoto, consultamos MORAIS. *Maravilhas do mundo antigo – Heródoto, pai da história?*

<sup>49</sup> BILAC, *Vossa Insolência*, p. 409.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 412.

<sup>51</sup> *Idem*.

<sup>52</sup> *Idem*.

cronista passa a defender a decretação do “estado de sítio”,<sup>53</sup> para que as notícias sobre o número de combatentes da próxima expedição militar não cheguem ao Conselheiro pelos “manejos dos monarquistas”.

É então que o olhar crítico do cronista parece dar longas piscadas, passando a transitar entre realidade e miragem, vigília e atordoamento. Pisca e cai na paranóia que ele próprio indicava em sua primeira crônica – a de não saber dimensionar os fatos, aumentando-os e legando-lhes um caráter de conspiração política. Repisca, e um ufanismo alucinatório chega a fazê-lo publicar, após a derrota da dita “cidadela maldita”,<sup>54</sup> uma autópsia à distância do cérebro de Conselheiro, feita por um médium que encarnava o espírito do cirurgião antropólogo francês Paul Broca.

Contudo, há horas em que seu olhar desperta e emana um humor ferino, que o leva a concluir sobre a aversão tida como religiosa de Canudos à República: “como se Deus tivesse tempo disponível para se preocupar com sistemas de governo...”.<sup>55</sup> Nessas horas, é mesmo capaz de uma fina análise da realidade que se lhe apresenta, criticando novamente o manejo político que alguns, como o major Febrônio de Brito, e uns tantos opositores do governo da Bahia, faziam do episódio de Canudos para atacar seus oponentes; ou mesmo alertando sobre o perigo da “meiga e caridosa religião católica”, que “já tem muita vez servido de capa a muita patifaria política e a muita ambição indecente”.<sup>56</sup>

Mas é sobretudo quando se encontra recuperado do atordoamento causado pelas sucessivas derrotas militares, passados mais de um mês do massacre de Canudos, que Bilac volta a humanizar este movimento, em sua última crônica sobre o assunto,

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 410.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 412.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 394.

<sup>56</sup> BILAC, *Vossa Insolência*, p.392.

surpreendentemente intitulada *Cães de Canudos*. Ali, o cronista já não se preocupa mais em demonizar os rebeldes derrotados; volta-lhes um olhar se não generoso, imparcial, reconhecendo-lhes a “inabalável fé”, ou mesmo a “palavra ardente”<sup>57</sup> do Conselheiro. Embora compare os rebeldes a seus cães, o faz para legar-lhes o valor que – ao contrário dos animais fugidios – não os fez curvarem-se quando, “feroz, o bombardeio principiou a derrubar casas”.<sup>58</sup> Um valor não encontrado nos soldados das expedições derrotadas – aliás, chamados de cães pelos habitantes de Canudos. Um valor constatado tardiamente, pois, no velório, todo defunto é valoroso.

Talvez, dentre as crônicas escritas por Bilac sobre Canudos, essa tenha, em especial, tocado Euclides da Cunha. Podemos constatá-lo em um parágrafo da última parte de seu livro – aquela intitulada *A Luta*. Escreve Euclides:

Deparavam-se novos viventes: gosos magríssimos, famélicos lebréus, pelados, envurmendo lepra, farejando e respingando aqueles monturos, numa ânsia de chacais, devorando talvez os próprios donos. Fugiam rápidos. Alguns cães de fila, grandes molossos ossudos e ferozes, afastavam-se devagar, em rosnaduras ameaçadoras, adivinhando no visitante o inimigo, o intruso irritante e mau.<sup>59</sup>

Contudo, Euclides dá aos cães o mesmo destino trágico a que foi dado a cada ser vivo que habitava o arraial de Canudos.

### ***De jagunços e sertões – Afonso Arinos e Euclides da Cunha***

Agora trataremos, “comparativamente”,<sup>60</sup> de dois autores de fundamental importância para a inauguração de toda uma fortuna teórica e cultural – ora sobre a

---

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 415.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 414.

<sup>59</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 338.

<sup>60</sup> Os livros não serão comparados “em profundidade”, mas voltados para os objetivos desta dissertação.

história do crime fratricida praticado pela república em Canudos; ora sobre a dicotomia “atraso / modernidade” que ainda teima em marcar a sociedade brasileira.

Opostos ideologicamente – visto um ser monarquista convicto e o outro, republicano – Afonso Arinos e Euclides da Cunha se encontram na temática da guerra de Canudos. Afonso publicou, ainda em 1898, o primeiro romance escrito sobre o tema, *Os jagunços*, livro síntese do folhetim de mesmo nome, que aparecia nas páginas do jornal *O Comércio de São Paulo*. Euclides, em 1902, lança *Os sertões*, fruto, grosso modo, do aprimoramento de sua Caderneta de Campo, das reportagens feitas por ele para *O Estado de S. Paulo*, acrescidos de novos estudos e “novas reflexões”.

Apesar da “distância” de cinco anos que separa a publicação dos livros, não podemos afirmar quem influenciou quem, pois o livro de Arinos fora não só escrito como publicado após a publicação dos artigos e das reportagens de Cunha, datadas entre março e outubro de 1897. O certo é que há uma série de semelhanças entre as obras, que ultrapassa a temática; semelhanças conceituais, como a tese mesológica que guia ambas as narrativas, e o que podemos chamar semelhanças interpretativas, que viam na guerra de Canudos, e sobretudo na figura do Conselheiro, não “períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são com certeza, resumos abreviados dos aspectos predominantes de *mal social gravíssimo*”<sup>61</sup>. Assim, Arinos também demonstra, na persona do Conselheiro, uma vontade de romper com as condições sociais de então: “os olhos, porém, parece adquiriram (sic) mais fogo e o olhar mais amplitude. Vendo já meio realizado o seu sonho, o olhar do missionário não penetra somente no íntimo dos corações; rasga a vastidão do espaço, vence a carreira do tempo e tenta surpreender o segredo do futuro”,<sup>62</sup> como que numa tentativa de acabar, com sua “nova Sião”, com os

---

<sup>61</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 99.

<sup>62</sup> ARINOS, *Os jagunços*, p. 119.

três séculos que separam “nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nessa terra do que os imigrantes da Europa”.<sup>63</sup> Onde até então não havia a lei dos homens, tentavam levantar “a cidade de Deus, onde só haja a lei de Deus”.<sup>64</sup>

Contudo, inicialmente, os autores sustentavam opiniões díspares sobre o fato. No artigo inaugural sobre o tema, *A nossa Vendéia*, de 1897, Euclides considerava Canudos “o mais sério inimigo das forças republicanas”;<sup>65</sup> já Afonso Arinos, em artigo do mesmo ano, considerava-a “um fenômeno social importantíssimo (...) trágica manifestação de energia (...) veementíssimo protesto contra o desprezo a que [sua população] fora relegada”.<sup>66</sup> Nos livros, as opiniões convergem e se afastam num movimento que, principalmente n’ *Os sertões*, migram da extrema aspereza e antipatia à causa conselheirista à empatia com os sertanejos, tidos, por fim, nas duas obras, como síntese da nacionalidade, raça genuinamente brasileira.

Mas o que tornou *Os sertões* um livro de referência quando se vai falar sobre o assunto e circunscreveu *Os jagunços* quase que totalmente a seu tempo? Quem sabe, o fato do livro de Euclides da Cunha ter sido composto a partir de um *relato de viagem*, construído a partir de uma legítima *experiência literária*. Fato que o torna um livro de significados “em aberto”, tal qual o que Jaques Derrida chamou de *escritura* – “passagem necessariamente estreita da palavra na qual as significações possíveis se empurram e mutuamente se detêm”.<sup>67</sup> Arte nascida de uma experiência empírica e subjetiva.

---

<sup>63</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 131.

<sup>64</sup> ARINOS, *Os jagunços*, p. 51.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 04.

<sup>66</sup> FRANCO, O sertanejo Afonso Arinos. In: ARINOS, *Os jagunços*, p. 19.

<sup>67</sup> DERRIDA, *A Escritura e a Diferença*, p. 21.

## A viagem I

Ilka Boaventura Leite afirma, em *Antropologia da Viagem*, que os “escritos dos viajantes do século XIX apresentam muitos aspectos comuns, o que faz com que sejam tratados (...) até mesmo, como um gênero à parte”, devido, de modo especial, à “relação de dependência entre *palavra* e *ação*, que caracteriza esses relatos”.<sup>68</sup> Talvez por isso Maurice Blanchot vá realizar o conceito de *experiência literária* a partir da história de um *relato de viagem*.

A partir da pequena narrativa *Aytré perde o hábito*, de Jean Paulhan, a qual nos conta a história de um sargento que faz uma expedição militar por Madagascar, Blanchot nos mostra como o *relato de viagem* se torna literatura, quando, ao contrário da linguagem seca de costume, os

relatos se tornam mais longos. Aytré começa a expor suas idéias sobre a colonização, descreve o penteado das mulheres, suas tranças, reunidas de cada lado das orelhas em forma de caracol; fala de paisagens estranhas, chega ao caráter dos malgaxes etc. (...) Aytré perde o hábito; é como se as coisas mais naturais começassem subitamente a surpreendê-lo, como se *um vazio* nele tivesse surgido, vazio ao qual procurou responder com movimentos insólitos, uma agitação de pensamentos, palavras, imagens.<sup>69</sup> (Grifo meu)

De fato, segundo Boaventura, para o viajante,

a viagem não é uma continuação da sua vida. É um momento distinto, marcado pelo antes e pelo depois (...) onde [ele] se permite sair de sua condição de cidadão, para entrar na condição de estrangeiro. Ao sair de seu cotidiano, de sua cultura, de sua língua, de seu referencial de identidade máxima, entra num outro tipo de existência – a do outro.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> LEITE, *Antropologia da viagem*: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX, p. 80.

<sup>69</sup> BLANCHOT, *A parte do fogo*, 1997, p. 72.

<sup>70</sup> LEITE, *Antropologia da viagem*: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX, 1996, p. 87.

Dessa forma, enquanto sujeito, adquire “consciência da existência do ‘outro’, tendo elaborado concomitantemente o seu conceito sobre a *diferença*”.<sup>71</sup>

Portanto, é aí – na elaboração do conceito sobre *diferença*, devido à particularidade do gênero *relato de viagem* – que podemos localizar uma profunda distinção entre *Os sertões* e *Os jagunços*. E tal distinção é mais um dentre outros elementos que contribuem para o “caráter aberto” do livro de Cunha. Também é essa característica que nos ajuda a entender porque um homem como Afonso Arinos, que falava sobre o aspecto social da guerra de Canudos, ainda em 1897, escreve um romance em que, a despeito da crítica social, os sertanejos são representados como algo pitoresco, e não como *o diferente*<sup>72</sup>. Compreender, enfim, o que levou um republicano inflamado como Euclides da Cunha a fazer ácidas críticas a real república brasileira e inaugurar uma vertente que iria marcar a República Velha, qual seja, a incorporadora.

## A viagem II

Para Marcus Vinicius de Freitas, no *relato de viagem*, o ponto de vista pessoal é transpassado pelo “maravilhamento com a diferença do novo mundo para sua posterior apreensão (...) na busca da classificação das diferenças”.<sup>73</sup> Ele é também um gênero que se constitui na ambigüidade, equilibrando-se entre maravilhamento e classificação –

---

<sup>71</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>72</sup> Há uma grande diferença entre o pitoresco e o diferente. O pitoresco, na acepção própria da palavra, é o pictórico, ou o algo a ser pintado; na literatura, principalmente no Romantismo e no Naturalismo, era o tratamento dado ao personagem – a fala, “errada”, mostrada ou pintada pelo narrador e sua fala “correta”. Já o *diferente*, é aquele que, convivendo entre opostos é capaz de dominar “melhor o jogo das oposições, a ordem e a predominância dos termos extremos” (DERRIDA, 1973, p. 273). Ou, ainda segundo Derrida, “é entre os diferentes que se pode pensar a diferença (...), apagando-a ou superando-a, em uma diferença interessada, uma abertura para a humanidade do homem” (Ibidem, p. 272); tal pensamento remete diretamente à experiência enquanto forma de apreensão filosófica ou literária, do homem e do mundo.

<sup>73</sup> FREITAS. Charles Frederick Hart: um naturalista no império de Dom Pedro II, p. 83.

nunca consegue “separar, radicalmente, as linguagens da ciência e da literatura”.<sup>74</sup> É deste improvável ponto de contato, da hibridez entre literatura e ciência, que nasce a falta da completude – nem um, nem outro. A mescla de subjetividade e objetividade ajuda na construção da *diferença* e na abertura da obra.

Já o romance, segundo George Lukács, “é a epopéia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência de sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade”.<sup>75</sup> Almejando essa totalidade, com a qual pretende forjar um sentido na fragmentariedade de sua época, o romance muitas vezes sacrifica seu caráter aberto em detrimento desta intenção.

Caso analisemos, por exemplo, os finais de *Os sertões* e *Os jagunços*, veremos claramente que, naquele, há certa dose de indefinição que dá ao leitor várias possibilidades interpretativas; enquanto, neste, de fato, há o fechamento do ciclo, ou mesmo aquilo que pode ser chamado de “a moral da história”. Vejamos.

Ao final de *Os Sertões*, o leitor se depara com o subtítulo *Duas linhas*, seguido pelas respectivas: “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades”.<sup>76</sup> Essa parte remete diretamente a um outro ponto do livro – quando Euclides descreve Antônio Conselheiro, dizendo este oscilar “em torno dessa posição média, expressa pela linha ideal que Maudsley lamenta não poder traçar entre o bom senso e a insânia”.<sup>77</sup> As duas linhas finais poderiam, portanto, traçar um paralelo de forma a tornar equivalentes as crenças do líder espiritual de Canudos e a forma como o governo brasileiro tratou essa revolta. Ou mesmo pode dar a entender que a fúria

---

<sup>74</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>75</sup> LUKÁCS, *A teoria do romance*, 2000. p. 55.

<sup>76</sup> CUNHA, *Os sertões: campanha de Canudos*, p. 352.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 101.

fratricida com a qual a república tratou o episódio de Canudos – com a morte sumária de mulheres e crianças, degoladas, loucura ainda sem igual, devido às proporções, na história brasileira.<sup>78</sup> Ou, ainda, mostrar a posição ambígua do livro – há loucura em ambos os lados. Dentre outras interpretações possíveis e que se colocam na relação dessas duas linhas finais com o restante do livro.

Ao final de *Os jagunços*, temos uma descrição do arraial de Canudos completamente destruído, bem como nos é dado os destinos dos personagens sobreviventes, dentre os quais se destacam Luís Pachola – apesar da função de guerreiro do Bom Jesus e que, portanto, deveria combater até a morte – e da velha tia Joana. Esses dois podem ser chamados de personagens principais do romance, pois a história começa com eles, antes mesmo da temática do livro enveredar pela guerra de Canudos.

O certo é que para

eles, de fato, **toda a vida**, no mais alto sentido da palavra se tinha passado ali. Ali sofreram, ali pelejaram, ali empregaram as energias da alma: ali viveram, nos poucos anos de vida de Belo Monte. (...) Os olhos da velha arrasaram-se, seus lábios enrugados tremeram e seus olhos súplices ergueram-se até ao céu, pedindo para os filhos andrajosos e famintos a benção de Deus. E a tribo marchou para o deserto.<sup>79</sup> [Grifo meu]

---

<sup>78</sup> Apoiamos-nos em texto do professor José Calazans – *A Faculdade de Direito da Bahia e a Guerra De Canudos*. Diz o autor, em um fragmento: “Euclides da Cunha e Alvim Martins Horcades deixaram informações seguras a tal respeito. Seus principais responsáveis teriam sido soldados do sul, que haviam participado de atrocidades iguais nas guerras do federalismo. Traziam dos prélidos dos pampas o desamor pela vida do adversário. Os atos vergonhosos de alguns enodoaram a expedição "Arthur Oscar". Não admitiram, os acadêmicos da Faculdade de Direito da Bahia, que a tropa vitoriosa chegasse a Salvador somente para receber entusiásticas manifestações de apreço do governo e do povo. Era necessário que se fizesse ouvir uma voz de protesto, que de balde os moços esperaram surgisse para "vingar o direito, a lei e o futuro da República conculcados e comprometidos no cruel massacre que, como toda a população desta capital já sabe, foi exercido sobre prisioneiros indefesos e manietados em Canudos e até em Queimadas". O representante da lei, enfatizava o Protesto, não podia se colocar acima da lei. Não servia à república, que se queria sustentar e defender, com as revoltantes **degolações**, de Canudos. Concluía o manifesto energicamente: “Aquelas mortes pela jugulação foram, pois, uma desumanidade sobreposta à flagrante violação da justiça. Já não há Caracalas; e se houvesse, os alunos signatários, quebrando embora a estrondosa harmonia dos hinos triunfais e o concerto atroador das deificações miraculosas, cumpririam apesar deles o seu dever, proclamando as palavras de justiça e de verdade que aí ficam e que, porventura, concorrerão para impedir no futuro a triste renovação de semelhantes atrocidades”. [Grifo Meu]. Fragmento publicado na Revista nº 20 da USP, Dezembro / Janeiro / Fevereiro 1993-1994, em 25/09/2008, no endereço: <http://www.usp.br/revistausp/20/calasans.php>

<sup>79</sup> ARINOS, *Os jagunços*, p. 318-319.

Aí estão a totalidade – “toda a vida” – e a mensagem final de clemência para aqueles que fatalmente se perderão no deserto.

Os sertanejos provavelmente se perderiam no deserto do esquecimento, em uma “terra ignota”, sem história, não fosse o caráter aberto presente no texto de Euclides da Cunha, o qual possibilitou uma série de diferentes leituras do evento histórico. Para Leyla Perrone-Moisés, esse caráter se mostraria por um “conjunto de traços que permitem distinguir, em determinados textos, um aspecto propriamente indefinível como uma totalidade”.<sup>80</sup> Pois é justamente a falta de totalidade que mantém o *relato de viagem* no território da hibridez. E, certamente, é essa hibridez, presente n’ *Os sertões*, que não nos deixa apreendê-lo em nenhum gênero literário específico – livro que se coloca “bem apenas no território livre da arte, realizada, principalmente, através da História, como seu autor a entendia”.<sup>81</sup>

### ***O rei dos jagunços, de Manuel Benício – uma experiência***

O livro *O rei dos jagunços*, de Manoel Benício, ganha, de seu autor, o subtítulo “Crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos em Canudos”. Embora se constitua como uma grande narrativa, na qual pululam personagens ficcionais, com clara intenção de amarrar a trama e orientar o leitor, não pode ser chamado de romance, ou mesmo romance histórico. Talvez seja, à época, a narrativa mais próxima d’*Os sertões*, ao menos no que tange ao modo de escrita, com elementos

---

<sup>80</sup> PERRONE-MOISÉS, Texto, crítica, escritura, p. 35.

<sup>81</sup> ANDRADE, O., História e interpretação de *Os sertões*, p. 404.

de *relato de viagem*, uma vez que seu autor também foi um correspondente de guerra em Canudos.

Ademais, Manoel Benício era, também, “o sr. capitão Manoel Benício”<sup>82</sup>, fato que abonava o *Jornal do Comércio*, para quem o “autor capitão” trabalhava, como “a folha mais completamente informada sobre as operações em Canudos”<sup>83</sup>. De fato, trabalhando no “teatro de guerra”, Benício, assim como Euclides, sabiam, de forma inconscientemente ou devido à grande variedade de acontecimentos, que dispunham de muita “matéria prima” para escreverem seus livros.

Sobretudo Euclides sabia que “a complexidade do caso Canudos era por demais incompatível até mesmo com o gênero romance. (...) O espaço teria que ser maior e o ar mais rarefeito para se respirar ao mesmo tempo, e tomando-os de um só fôlego, história, ciência, folclore, crônica jornalística e literatura”.<sup>84</sup> Contudo, Paulo Dantas, em seu *Os sertões de Euclides e outros sertões*<sup>85</sup>, também ressalta, em *O rei dos jagunços*, “um livro anárquico e desabusado”,<sup>86</sup> no qual a mescla de estilos deixa o “livro vivo e animado, meio rapsódia da vida sertaneja, meio romance histórico e de costume, [mas] **bastante revolucionário**” (Grifo meu). Como bem diz Dantas e não podemos deixar de concordar,

há de tudo no livro de Manuel Benício: – crônica popular, roteiro biográfico, documentos de cartório, ofícios diversos, crítica social, lances jornalísticos de um agudo poder de informação e registro, documentos secretos do exército, revelações da Guerra de Canudos por dentro, atas da desastrada atuação de Moreira César, **páginas de um combatente em delírio**, descrição de hábitos e costumes, revelações de técnicas e artimanhas dos jagunços, e até cenas, de

---

<sup>82</sup> BENÍCIO, *O Rei dos Jagunços*, p. 200.

<sup>83</sup> BENÍCIO, *O Rei dos Jagunços*, p. 199.

<sup>84</sup> BERNUCCI, Leopoldo. A ontologia discursiva de *Os sertões*. In: *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, p. 68.

<sup>85</sup> DANTAS, *Os sertões de Euclides e outros sertões*, 1969.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 78.

fundo rabelaisiano, como a do banho pagão das virgens nuas lutando com o louco Jararaca, o pai incestuoso amaldiçoado pelo Conselheiro, cena esta que bem lembra uma página da mitologia grega aplicada aos sertões brasileiros.<sup>87</sup> (Grifo meu)

Entretanto, mesmo percebendo esse “caráter revolucionário” e híbrido do livro de Benício, Dantas avalia-lhe mais “pelo seu conjunto de revelações e pela sentida avaliação do seu roteiro organizado em torno do Conselheiro e de Canudos” que por seu aspecto puramente estético. A obra como um todo, para Dantas, era considerada “de estruturação ingênua e rudimentar”.<sup>88</sup>

O que não podemos esquecer é que o estilo híbrido – para além de tornar o *Jornal do Comércio* a “folha mais completamente informada sobre as operações em Canudos”<sup>89</sup> – também insere essa obra no “gênero” *literatura de viagem*, ou *relato de viagem*, trazendo elementos dessa tradição dos textos escritos pelos viajantes do século XIX. Tais elementos, como a hibridez e a ambigüidade, deixam esse gênero “longe de separar, radicalmente, as linguagens da ciência e da literatura”.<sup>90</sup> Esta citação já foi usada anteriormente, referindo-se ao texto de Euclides da Cunha. Uso-a aqui, novamente, para reafirmar a convergência dos dois livros – *Os sertões* e *O rei dos jagunços* – no gênero *relato de viagem*.

Tal gênero, ao que nos parece, é umbilicalmente ligado à *experiência literária*, uma vez que o conceito começa a surgir a partir da análise blanchotiana da narrativa sobre um soldado francês em missão a Madagascar. Se em *O rei dos jagunços* não podemos falar de uma *experiência literária* legítima, uma vez que a escrita não demonstra a mudança do sujeito, da forma como este via o mundo – mudança profunda, na qual estética e ética caminham lado a lado, reinventando-se e mutuamente se

<sup>87</sup> DANTAS, *Os sertões de Euclides e outros sertões*, p. 82.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 77.

<sup>89</sup> BENÍCIO, *O Rei dos Jagunços*, p. 199.

<sup>90</sup> FREITAS, *Charles Frederick Hart: um naturalista no império de Dom Pedro II*, p. 86.

influenciando – podemos mostrar alguns aspectos que o levaram a ser adjetivado de “revolucionário” e “meio anárquico”.

Manoel Benício constrói, durante todo o livro, na voz de seu narrador, uma nítida barreira: eles e nós. Este autor chega a afirmar, em meio a análises de manobras do exército, que outros movimentos revolucionários seriam positivos em sua derrota, pois que funcionam como “*fenômeno de recomposição* pelo qual um povo, ao cabo de séculos, não se parece mais com o que foi”.<sup>91</sup> (Grifo meu) Dessa forma, Canudos,

como a Balaiada e a Cabanada foram também uma recomposição: as camadas inferiores, a crusta<sup>92</sup> da nação, velha e envelhecida, caiu, como **secreções** pelo correr dos tempos, numa reação de elementos étnicos. (...) A comoção de Canudos, eliminação, pelas vias devolutivas, que de ordinário aparece sob a forma religiosa nas raças atrasadas, e econômica nas adiantadas, foi um sintoma dessa **moléstia social** que graça no centro do Brasil.<sup>93</sup> [Grifos meus]

Assim como muitos dos demais autores que escreveram sobre o tema, o autor se entrega à teoria conspiratória monarquista:

Antônio Conselheiro já não é mais um monomaniaco religioso, um espírito desequilibrado em consequência de causas hereditárias ou momentâneas, é um Cartouche feroz, ou quando menos um assalariado da monarquia, chefiando milhares de bandidos e assassinos que vêm devastando do interior para a costa.<sup>94</sup>

Ou mesmo quando o pronome *nós* – ou seja, *eles* (os soldados) + *eu* – aparece em diversas frases, dentro as quais cito, a título de exemplo – “No primeiro oiteiro **podíamos** ter perdido duzentos homens”. Isso, mesmo ao admitir, na mesma página, a selvageria da derradeira invasão de Canudos: “Dezenas de casas foram invadidas –

---

<sup>91</sup> BENÍCIO, O Rei dos Jagunços, p. 107.

<sup>92</sup> Crusta é o mesmo que “crosta, casca, camada superficial e dura que envolve um corpo”; o que talvez possa nos remeter a margem. Consultado no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, disponibilizado on-line pela Priberam Informática no endereço eletrônico <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Acessado em 04/10/2008, às 21:00 horas.

<sup>93</sup> BENÍCIO, O Rei dos Jagunços, pp. 77-78.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 98.

mortos os seus moradores, mulheres e crianças, quase todos”. Denúncia e simpatia na mesma página.

É certo que, por vezes, há, no livro, certa ambigüidade, como as denúncias de “desorganização, fome e erros estratégicos da Quarta Expedição”, ocasionando o repúdio de alguns de seus colegas de farda, o que levou-lhe a “retirar-se da linha de frente da Guerra de Canudos”<sup>95</sup>. Mas isso não abala as convicções de Benício, que, durante toda a narrativa se coloca ao lado do exército: “Pelos cocorutos destas serras inacessíveis, em consequência de espinhos bravos, uma, duas ou três centenas de jagunços tocaiavam **os nossos**”.<sup>96</sup>(Grifo meu)

Contudo, a experiência da guerra não podia deixar um escritor passar em vão. Apesar de, quase até o final da guerra, o escritor ainda manter o posto de capitão e, talvez por ser repórter, manter-se junto aos oficiais mais graduados, começa a revelar certa visão crítica.

Mais ao final do livro, quando fala dos jagunços, reconhece-lhes “o instinto da economia, o raciocínio esperançoso da coragem sombria e cruel, a consciência de que matavam em defesa do que era seu – a sua fé religiosa, a sua terra e família!”.<sup>97</sup> Ou, sobre a guerra, escreve, “o futuro há de dizer se a um governo humano assiste o poder de ser desumano com os seus governados antes de verificar maduramente qual o crime por que deixa-os ser punidos com o degolamento em massa”.<sup>98</sup>

Talvez, tivesse o autor refletido mais sobre o horror que vivenciara em Canudos, não teria um livro tão descritivo, pouco analítico, para além da análise militar. Talvez

---

<sup>95</sup> Informação retirada da Wikipédia ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_Ben%C3%ADcio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Ben%C3%ADcio)), acesso em 04 de outubro de 2008, tendo como referências: BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, 1997 & BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 6.

<sup>96</sup> BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, pp. 163-164.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 175.

<sup>98</sup> Idem.

faltasse um pouco, após a experiência vivida, a *experiência literária*, consultando livros e estabelecendo com eles uma relação de contigüidade à experiência vivida. Benício, ao que parece, publicara um livro mais próximo de suas reportagens, o que levaria Paulo Dantas, em um texto sobre *O rei dos jagunços*, a ser taxativo quanto à data de publicação da obra:

Manuel Benício, com aquiescência do *Jornal do Comércio*. Corria o ano de 1889 e só anos depois, isto é, em 1902, é que Euclides da Cunha publicaria o seu esmagador *Os sertões*, obra singular que suplantaria tudo já escrito sobre a tragédia de Canudos, relegando as demais ao esquecimento.<sup>99</sup>

Contudo, é possível que *Os sertões* seja devedor, em algum nível, ao *Rei dos Jagunços*, talvez dos livros que tragam mais documentos históricos e descrições precisas, devido à posição de seu autor no exército. Ao menos uma fonte podemos afirmar, com certeza, que ambos os autores tiveram em comum: João Brígido dos Santos, “jornalista, advogado, político” e ex colega de sala do então Antônio Maciel, depois Conselheiro, “na aula de Latim do professor José Vitor Ferreira Nobre”.<sup>100</sup>

Contudo, como *relato de viagem* que é, o autor tem um olhar sempre estrangeiro, encontrando no sertanejo, o sertão, quando “escopeteiam com perícia de caçador traquejado, dormindo na pontaria o olho esquerdo, enquanto o direito, **como os das aves de rapina**, alcança o longe (...) têm o faro dos tatus, a vista dos acauãs e o ouvido sempre alerta, semelhantes aos dos habitantes primitivos dos sertões florestais”<sup>101</sup> – antropomorfização que encontraremos mais tarde, com mais intensidade, n’*Os sertões*.

---

<sup>99</sup> DANTAS, *Os sertões de Euclides e outros sertões*, p. 78.

<sup>100</sup> CALASANS, Canudos não euclidiano, In: SAMPAIO NETO et al (org), *Canudos*. Subsídios para sua reavaliação histórica, p. 13.

<sup>101</sup> BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, p. 180.

Ao final, como também descobriria Euclides, sertão e cidade não são tão diferentes assim. Após a derrota de Moreira César, descreve o autor:

As cenas que tiveram por teatro as ruas desta capital [Rio de Janeiro] foram vergonhas e horrores. A capital da República por dois ou três dias parecia entregue à *mazorca*. Edifícios e tipografias de jornais foram arrombados, e saqueados os haveres de seus donos à vista das autoridades superiores da polícia. Casas particulares foram assaltadas e roubadas, estando próximo o quartel da brigada policial.

E, ao fim da guerra, quando a ferocidade dos poucos jagunços que restavam defendendo Belo Monte “era quente, produzidas pelas balas, pela pólvora, pela mornidão do sangue, no meio do combate, e não a ferocidade fria dos degoladores”,<sup>102</sup> soldados matavam, sem distinção, mulheres e crianças que haviam se entregado por intermédio do Beatinho, após a morte do Conselheiro, de quem era braço direito. Como que numa inversão de valores, talvez o leitor de *O rei dos jagunços* descubra, *no susto*, que a barbárie está na cidade ou em seus representantes soldados, enquanto, no sertão, os sertanejos “matavam em defesa do que era seu – a sua fé religiosa, a sua terra e família!”<sup>103</sup>.

Susto impossível de se evitar, quando Benício cita, além das degolações, o texto do acadêmico Martins Horcadas, publicado também no *Jornal de Notícias*, da Bahia, descrevendo o incêndio dos casebres em Canudos propiciado pelas tropas republicanas, o qual assistiu –

Horror! E mais horror! Só em uma casa encontrei 22 cadáveres já queimados, de mulheres, homens e meninos! Em uma porta uma mulher, tendo sobre uma das pernas uma criancinha e num dos braços outra, todas três quase petrificadas.

Para finalizar, vale a pena ler uma comparação feita por Paulo Dantas, entre *O rei dos jagunços* e *Os sertões*:

---

<sup>102</sup> BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, p. 210.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 175.

Não possuindo os arrebatamentos geniais, magicamente descritivos e delirantes de Euclides da Cunha, Manuel Benício, neste livro, soube abordar o tema com audácia, veracidade e inquietação, sendo em muitos trechos, devido a sua extrema simplicidade, mais humano do que o cinzelador apocalíptico de *Os sertões*.

Ser mais ou menos humano, creio ser difícil de dizer. Como o próprio Benício admite, tentou dar “um tom de romance (guardada a maior fidelidade histórica), pensando assim amenizar a aspereza do assunto e o enfado de descrições enfadonhas de quem não tem estilo”.<sup>104</sup> Talvez, faltasse ao autor descobrir que a apropriação da paisagem como estilo pode, como n’*Os sertões*, adentrar o campo das metáforas e abrir-se, mesmo com sua aparente aspereza, para os mais diversos meios de leitura do episódio de Canudos.

## 2º CAPÍTULO

*sem circum-navegação não há terra, mas idéia de terra*

Maria Gabriela Llansol

### ***O buraco negro do olho: experiência literária e sertão***

#### **De para-quedas n’*A nossa Vendéia***

“Malucos furiosos”: esse era o nome da crônica que Olavo Bilac publicou no jornal *A Bruxa*, em 1896. Foi, portanto, o primeiro republicano atuante a se manifestar

---

<sup>104</sup> MARTINS, Paulo. *O rei dos jagunços* e a historiografia de Canudos. In: BENÍCIO. *O rei dos jagunços*, 1997, p.XVII.

sobre o conflito de Canudos. Mas Euclides da Cunha, que *ainda* tinha grandes esperanças na república brasileira, não podia deixar por menos. Dois meses após a publicação da crônica de Bilac, publicou um artigo no periódico *O Estado de S. Paulo*, intitulado “A nossa Vendéia”.

O título fazia referência à revolta camponesa da Vendéia, ocorrida no oeste da França, um século antes. Tal referência não era gratuita: o mesmo caráter monarquista atribuído à revolta francesa também era atribuído aos rebeldes de Canudos; além disso, o francês Victor Hugo, grande influência literária de Euclides, havia escrito sobre essa revolta. O autor brasileiro – utilizando argumentos positivistas, como a crença na repetição da história – via, na derrota dos camponeses da França, o fato que lhe assegurava a derrota dos camponeses brasileiros pelo exército brasileiro. O Brasil precisava dessa certeza.

Talvez aí a importância do artigo supracitado, “A nossa Vendéia”, escrito e publicado num momento em que um imenso assombro havia tomado o Brasil, ou, mais especificamente, sua capital, o Rio de Janeiro. A 3ª expedição contra Canudos fora derrotada, e seu comandante, o coronel Moreira César, herói nacional que havia debelado a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul – à custa de muito sangue, pois cortava barbaramente a cabeça dos vencidos –, havia morrido. Além da derrota moral, a retirada da tropa, ou debandada, deixara nas mãos dos rebeldes de Canudos armamento moderno e bastante munição.

Formado Bacharel em Ciências Matemáticas, Ciências Físicas e Naturais, Euclides empreendeu, sentado em sua mesa, uma minuciosa descrição do local do conflito, a qual “impressionava pela riqueza de detalhes geográficos, climáticos, botânicos e geológicos”<sup>105</sup> sobre a região de Canudos; além disso, previa a vitória da próxima expedição. A minuciosa descrição era atribuída, no artigo, aos trabalhos de

---

<sup>105</sup> VENTURA, *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, p. 148.

José C. de Carvalho e Saint-Hilaire, mas também era devida, em grande parte, a Teodoro Sampaio – amigo de Euclides que escrevera um estudo geológico e preparava um mapa sobre a região.

Além da descrição, o artigo prestava-se, ao mesmo tempo e principalmente, a explicar a derrota e propor soluções. Frente à “tática da fuga” dos inimigos, a “organização mais potente de um exército (...) vai-se, assim, em sucessivas sangrias, desaparecendo (...) ante as hostes adversárias (...) cujas vantagens estão na própria inferioridade”. Ademais, a natureza, em toda sua rudeza, ajudava o inimigo, acostumado à “existência no meio das maiores misérias”. Uma vez estabelecida uma “linha de operações”, ligando Canudos a Monte Santo e garantindo o domínio sobre aquele caminho adverso, a campanha seria “inevitavelmente coroada de sucesso”. Posteriormente, em *Os sertões*, o que fora chamado *sucesso* seria bastante relativizado.

### **Coordenadas e abscessos – *Os sertões***

Machado de Assis já assinalava, em crônica publicada a quatorze de fevereiro de 1897 – uma das últimas publicadas no periódico *A Semana*, alguns meses antes da destruição de Canudos – sobre a força do caráter simbólico deste movimento. Esse caráter seria a vitória irrefutável do movimento místico comunitarista realizado pelos sertanejos.<sup>106</sup> Em seis de outubro desse mesmo ano, o arraial revoltado é inteiramente destruído, massacrado após violenta guerra que se estendeu por quase um ano, deixando milhares de mortos entre soldados e rebeldes.

Alguns anos mais tarde, na distante Europa, o filósofo alemão Walter Benjamin escreveu, no texto “Experiência e pobreza”, que uma *nova barbárie* se anunciava no fato de os soldados voltarem mudos da primeira grande guerra; restaria ao homem,

---

<sup>106</sup> ASSIS, *Obras Completas* v.28. p. 412-416.

frente ao horror, calar-se – “a pobreza da experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade, o que faz surgir uma nova barbárie”.<sup>107</sup>

No entanto, è o próprio Benjamin – preocupado com a “lei da inevitável caducidade de todas as coisas humanas”<sup>108</sup> – quem constata, a partir da uma análise sobre Baudelaire: é somente equilibrando-se entre o fugidio e o imutável, mantendo-se, portanto, “sob o signo do suicídio”,<sup>109</sup> que a literatura conseguirá abarcar, representar ou, até mesmo, *moldar* nosso tempo. E é a partir da experiência sensível com o mundo, através do entorpecimento do escritor na multidão, da incorporação dos párias como seu assunto heróico que a modernidade ganhará forma.<sup>110</sup> É mesmo por isso que não podemos absolutizar o conceito da “pobreza da experiência” de Benjamin, pois há sempre aqueles que transformam a experiência, própria ou alheia, na matéria prima de “um produto sólido, útil e único”.<sup>111</sup>

Dessa forma, podemos entender o surgimento d’*Os sertões* – narrativa constituída a partir de uma vivência de guerra, narrada por “alguém que vem de longe (...) [e] tem muito pra contar”.<sup>112</sup> Fica-nos, então, a pergunta: que experiência é esta pela qual passam aqueles como Euclides da Cunha, que os distingue “de toda a humanidade” e os coloca em (o)posição ao mutismo? A experiência que parece se impor é aquela vivida por um *outro* Euclides, daquele nascido da e na escrita – O Euclides da *experiência literária*.

---

<sup>107</sup> BENJAMIN, Experiência e pobreza. In: Obras Escolhidas, vol. 1. p. 115.

<sup>108</sup> \_\_\_\_\_, Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. p. 84.

<sup>109</sup> Ibidem, pp. 74-75.

<sup>110</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>111</sup> BENAJMIN, O narrador. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. p. 221.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 198.

Em “Gide e a literatura da experiência”, ao analisar a obra do francês André Gide, Blanchot afirma que, dentre os livros desse escritor, os tratados são os que “continuam exercendo uma profunda influência”, pois representam “a necessidade que a literatura contemporânea tem de ser mais do que literatura: uma experiência vital, um instrumento de descoberta, um meio para o homem (...) ultrapassar os seus limites”.<sup>113</sup> Nas palavras do próprio Gide, ao falar sobre a influência da escrita no sujeito – o livro “nos modifica, (...) é um método de ação sobre si mesmo”.<sup>114</sup>

O que ambos os autores querem dizer – Blanchot a partir de Gide –, é que ninguém passa incólume pelo ato de escrever, pela literatura; principalmente quando essa literatura, ao mesmo tempo, nasce e é elemento constituinte de uma experiência empírica. Não seria, portanto, a sistematização de valores e verdades – a *experiência literária* se dá no momento em que há

preocupação em se servir da literatura para uma experiência verdadeira: experiência de si mesmo, experiências de seus pensamentos, (...) e não da sua própria existência, e por isso ele pode se mostrar infiel ao movimento que o inspira, pois só há experiência a partir do momento em que (...) tudo e tudo de si é questionado.<sup>115</sup>

Euclides da Cunha esteve imerso nessa experiência ao escrever *Os sertões*. Poucos meses após voltar de Canudos, o autor se mudou para São José do Rio Pardo, interior de São Paulo, onde supervisionou, como engenheiro, a reconstrução de uma ponte metálica derrubada. Permaneceu aí por dois anos, escrevendo nas horas vagas, numa pequena cabana de madeira às margens do rio Pardo. Pouco antes da finalização de seu livro, acometido de intensa febre, disse a um amigo – “não se resvala

---

<sup>113</sup> BLANCHOT, “M. Gide e a literatura de experiência”. In: *A parte do fogo*, p. 207.

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> BLANCHOT, “M. Gide e a literatura de experiência”. In: *A parte do fogo*, p. 208.

impunemente pelo túmulo! Estou quase como quem se abeirou da selva obscura de Dante – aterrado, e ao mesmo tempo delirando quase pela ânsia de viver”.<sup>116</sup>

Provavelmente estava mesmo  *doente de letra*. Euclides, ao longo do texto, erige e faz desabar suas certezas, as certezas de seu tempo. Ao mesmo tempo em que relega o mestiço sertanejo a uma condição de inferioridade intelectual, calcado nos preconceituosos preceitos naturalistas,<sup>117</sup> admira nesses indivíduos a extraordinária inteligência tática, que os fez resistir a várias expedições de um exército mais bem treinado e mais bem armado<sup>118</sup>. Reconhece-lhes um extraordinário valor moral, encontrado na resistência heróica a todas as adversidades,<sup>119</sup> embora, paralelamente, enxergue também aí o fanatismo. A civilização e a República, num momento, são descritas como os verdadeiros constituintes de uma raça forte;<sup>120</sup> mas noutra, em diferentes páginas, o sertanejo passa a ser, “antes de tudo, um forte”<sup>121</sup> – o “cerne vigoroso da nossa nacionalidade”.<sup>122</sup>

Talvez resida nesse aspecto dos textos advindos da *experiência literária* uma especificidade da literatura – a capacidade de criar e recriar o mundo, de apresentar e representar a história humana, “trabalho cujo fio e desenovelar os possíveis do ser e do mundo, sem que tal labor conduza a uma resposta – ou objeto – referencial ou limite que o conforme”.<sup>123</sup> A partir dessa experiência, o episódio, livrado da realidade,

---

<sup>116</sup> VENTURA, *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, p. 190.

<sup>117</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 80.

<sup>118</sup> *Ibidem*, pp. 185-6 - 233-4.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 256.

<sup>120</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 78.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p.80.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>123</sup> TEIXEIRA, Se esse livro fosse o mundo. In: *Maurice Blanchot*, BRANCO,; BARBOSA; SILVA (Org). pp. 63-4.

constela-se, multiplica-se em possibilidades, em sentidos, fugindo do maniqueísmo simplista de manuais e ideologias, do póstumo – o fato é fugaz; o símbolo, mordaz. Seria, a literatura, o limite da barbárie?

### **O homem**

Certa vez, Manuel Pimenta da Cunha, pai de Euclides da Cunha, escreveu, por ocasião da morte do poeta Castro Alves: *Voltejou, por instantes, sobre a terra, / Soprou-lhe o vendaval que a morte encerra, / Perdeu-se no bulcão!*<sup>124</sup> Decerto, o Sr. Manuel Pimenta da Cunha não sabia que tal arroubo romântico também poderia sintetizar vida e morte de seu filho, Euclides, com cinco anos de idade quando da composição do poema.

O jovem Euclides tinha uma saúde frágil, como sua mãe, Eudóxia Alves da Cunha – ambos tinham tuberculose, o que os levou, junto ao pai, a viajarem constantemente, em busca do clima ideal para os pulmões. Eudóxia não resistiu muito, morrendo aos 27 anos, em 1869, deixando órfão o primogênito Euclides, então com três anos, bem como sua irmã, com dois anos.<sup>125</sup>

Contudo, a vida nômade continuava sendo uma constante, mesmo após a morte da mãe – dos três aos dezoito anos, Euclides morou em cinco cidades e passou por seis colégios. O garoto voltava-se

para a natureza para se consolar da morte da mãe e da difícil instabilidade de sua infância e juventude, em que teve que trocar, inúmeras vezes, de casa e colégio. (...) Lembrava-se das paisagens vistas na infância com serras envoltas na cerração, rochedos banhados por filetes de água, visões do sol entre as montanhas.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> VENTURA, Retrato interrompido de Euclides da Cunha, p. 39.

<sup>125</sup> VENTURA, Retrato interrompido de Euclides da Cunha, pp. 36-37.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p.38.

O encontro com paisagens novas e, na idade madura, sua posterior apropriação pela literatura, seriam uma constante durante toda sua vida – das caatingas dos sertões ao *deserto verde* da floresta amazônica.

Aos vinte anos, Euclides da Cunha se matricula na Escola Militar da Praia Vermelha, assim como muitos jovens de poucas posses, os quais viam (e até hoje vêm) no exército uma oportunidade de ascensão social.<sup>127</sup> Com uma pitada de necessidade e outra de inteligência e obsessão, em pouco tempo Euclides já era visto como um aluno brilhante. Juntamente com o futuro marechal Cândido Rondon, tornara-se pupilo de Benjamin Constant – professor respeitadíssimo, positivista não ortodoxo e um dos líderes<sup>128</sup> do golpe militar que proclamaria a República em 1889.

Mas Euclides sairia da Praia Vermelha no ano de 1888, após tentar quebrar seu sabre e jogá-lo aos pés do ministro da Guerra, Tomás Coelho, que passava a tropa em revista. Com isso, como depois afirmou, pretendia iniciar um levante republicano.<sup>129</sup> Não eram poucas as aspirações do jovem.

O certo é que o protesto rendeu ao aluno um mês de detenção no hospital militar e o trancamento de sua matrícula. Entretanto, o jornal *A Província de São Paulo*, depois chamado *O Estado de S. Paulo*, ofereceu-lhe o cargo de colaborador – a “colaboração de Euclides servia aos propósitos do jornal, que fazia propaganda pela República. Era um jovem idealista, cuja carreira militar fora sacrificada por convicções políticas”.<sup>130</sup>

---

<sup>127</sup> Euclides matriculou-se na “Escola Militar da Praia Vermelha, que tinha a vantagem, para alunos com poucos recursos, como Euclides, de receber soldo, além de fornecer alojamento, comida e parte dos uniformes”. In: VENTURA, Retrato interrompido de Euclides da Cunha, p. 49.

<sup>128</sup> Embora participante valioso no processo que viria a desembocar na proclamação da república, Benjamim Constant, assim como outros, “se apagavam lentamente, pouco ou nada pudera fazer para tornar realidade as aspirações dos doutrinários diretamente sacrificados pela implantação do novo regime”. ANDRADE, O., História e interpretação de Os sertões, p. 69.

<sup>129</sup> VENTURA, Retrato interrompido de Euclides da Cunha, p. 68.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 77.

Contudo, de certa forma, o “fato do sabre” pode ser emblemático, caso consideremos o artigo publicado pelo jovem Euclides, no jornal *Democracia*, em 1890, nos primórdios da República. Nesse artigo, chamado “Sejamos francos”, o autor se mostra crítico quanto ao “conflito de interesses pessoais” que já infectava o recém instaurado sistema, comprometendo-se “a empenhar-se, *pela inteligência, nunca pela espada, na luta* destinada a ‘preparar a sociedade para que a sociedade produza a República’”.<sup>131</sup> Mais tarde, evitou um conflito armado entre Brasil e Bolívia, quando, após propor um acordo, subiu o rio Purus, na Amazônia, durante quase um ano, estabelecendo as fronteiras a partir de elementos geológicos.<sup>132</sup>

É que paralelamente a sua formação de engenheiro militar, Euclides entregava-se a uma grande paixão – a literatura. Para obter conhecimento empírico sobre o Brasil, lia “os antigos cronistas, os viajantes estrangeiros, os autores de monografias sobre a terra e a gente do Brasil, as obras de Varnhagen, Morize, Caminhoá, Sílvio Romero, Capristano de Abreu, Teodoro Sampaio, Orville Derby, Saint-Hilaire, Liais...”<sup>133</sup>

Mas em busca de estilo, lia também os românticos franceses, sendo influenciado, especialmente, por Victor Hugo, Edgar Quinet e Jules Michelet – esse último, com maior intensidade, como veremos adiante.<sup>134</sup> Isso se considerarmos o forte laço tecido, por Michelet, entre história e literatura, bem como a importância dada à educação para a

---

<sup>131</sup> ANDRADE, O., *História e interpretação de Os sertões*, p.72-73. “Preparar a sociedade”, certamente, expressa um sentido educacional.

<sup>132</sup> CUNHA. O povoamento e a navegabilidade do rio Purus, In: *Canudos e outros temas*, pp.169-191.

<sup>133</sup> ANDRADE, O., *História e interpretação de Os sertões*, p. 106-07.

<sup>134</sup> Roberto Ventura, em seu *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, demonstra a grande influência do escritor e historiador francês Jules Michelet, sobre o autor de *Os sertões*. Se este vai buscar em *Quatre-vingt-treize* a idéia da Vendéia, “Michelet foi um dos criadores do imaginário revolucionário do século XIX, que inspirou Euclides e muitos republicanos brasileiros” (VENTURA, *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, p.47). Ainda nesse livro, Ventura nos lembra que a “*Gazeta de Notícias* e *A província de São Paulo* [jornais em que Euclides escrevia], publicaram, ao longo de 1889, narrativas de episódios da derrubada do Antigo Regime, retiradas das obras de historiadores franceses, como Jules Michelet”. (Ibidem, p.81).

formação de uma República de fato. Assim como Euclides, Michelet pensava que “um sistema de legislação é sempre impotente se, paralelamente, não se criar um sistema de educação”.<sup>135</sup> A influência de Michelet em Euclides é grande e será explorada adiante.

Ademais, a postura romântica, como aponta Roberto Ventura, iria influenciar “não somente seus escritos”, mas também a vida de Euclides da Cunha, o qual tomava “atitudes extremadas e gestos arrebatados, com atos de heroísmo e abnegação”, colocando-os em prol de “princípios éticos e de crenças políticas, acima dos [próprios] interesses pessoais”.<sup>136</sup>

Na literatura, publica seu primeiro artigo, *Em viagem*, ainda em 1884, aos 18 anos, no periódico *O Democrata*; nesse artigo já abordava um assunto que aprimoraria por toda a vida – o embate natureza *versus* cultura.<sup>137</sup> Seis anos depois, aos 24, com a república já declarada, conquista espaço no periódico *Democracia*, reclamando a troca dos ideais legitimamente republicanos pelos econômicos, capitaneados por Rui Barbosa e sua política financeira emissionista, a qual, de fato, iria causar a primeira inflação monetária no Brasil.<sup>138</sup>

Euclides, desde cedo, marca o caráter político de seus escritos, e mesmo da própria escrita. É dessa época a confissão, numa carta ao pai, de sua desilusão com a real república e sua “ruptura” com Benjamin Constant, “antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear, e sem raciocinar”.<sup>139</sup> Rompia, ainda, com o Positivismo enquanto sistema filosófico e político, guardando, desse, “unicamente a

---

<sup>135</sup> Citação retirada do site *Jules Michelet – pensador*. In: [www.pensador.info/autor/Jules\\_Michelet](http://www.pensador.info/autor/Jules_Michelet). Acessado em 01/052009, às 05:00 da manhã.

<sup>136</sup> VENTURA, *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, p. 48.

<sup>137</sup> *Ibidem*, pp. 43,44.

<sup>138</sup> ANDRADE, O., *História e interpretação de Os sertões*, p. 69.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 71.

classificação científica, indispensável ao nosso tirocínio acadêmico”<sup>140</sup> – indispensável, como veremos, também ao estilo do autor.

Mas é como colaborador de *O Estado de S. Paulo* que o autor, vivendo a experiência que o levaria a escrever *Os sertões: campanha de Canudos*, lançado em 1902, após uma série de reportagens, e que o tornaria nacionalmente conhecido. Nesse livro, o autor retomaria o embate já traçado nas críticas de juventude à república recém instaurada; embate que igualmente nortearia sua obra – o conflito entre o ideal e o real. Além desses, diversos outros artigos e dois livros, infelizmente póstumos, seriam lançados – *À margem da história* e *Um paraíso perdido*, ambos contendo suas impressões sobre a viagem realizada à Amazônia brasileira e peruana – o *deserto verde*.

### **Afrancesar o sertão?**

Como apontamos anteriormente, a influência do escritor historiador francês Jules Michelet parece ser bastante decisiva no percurso de escritor de Euclides da Cunha, principalmente em *Os sertões*. Segundo Maria Juliana Gambogi Teixeira, Michelet praticava uma *poética historiográfica*, constituída pela “adoção plena dessa verdade do poético (ou pelo menos, de seu efeito de verdade) e a recusa categórica em considerar a separação entre forma e conteúdo, palavra e idéia, espírito e letra”.<sup>141</sup>

Podemos observar, nos textos do Euclides maduro – tanto n’*Os sertões* como nos textos escritos durante sua expedição ao norte brasileiro –, a certeza, como a de Michelet, de “levar às últimas conseqüências o que, hoje, se costuma chamar de verdade da ficção, a tal ponto que se recusaria a separá-la dos outros domínios da vida humana,

---

<sup>140</sup> Ibidem, p.73.

<sup>141</sup> TEIXEIRA, A Poética historiográfica em Jules Michelet, p. 05.

ignorando a possibilidade de um efeito estético que não fosse, simultaneamente, político, religioso e social”.<sup>142</sup>

Embora a citação acima esteja analisando a *obra historiográfica* de Jules Michelet, serviria perfeitamente para descrever o *projeto literário* de Euclides da Cunha, sempre andando, como no título de seu livro póstumo, *às margens da história*.<sup>143</sup> Assim, pode-se dizer, sobre essa poética historiográfica, que

o olhar do historiador para o objeto poético parece capturá-lo sob uma luz ao mesmo tempo fecunda e ambígua. Pois é tal o inchaço de significação que imputa a esse objeto que, em certos momentos, ele se confunde com a história, ele é a história. O reverso da medalha é que, sendo história, ele deixa de poder ser apenas literatura e, ao mesmo tempo, passa a ter que responder não somente pelas razões que o movem no mundo da arte, mas pelos laços e efeitos que produz sobre o mundo todo. Ou seja, a elevação da arte ao posto de matriz das outras esferas do humano a torna imediatamente responsável pelo rumo da história.<sup>144</sup>

Euclides da Cunha procurava, sempre, capturar o objeto científico, também “sob uma luz fecunda e ambígua”. Quando no Rio de Janeiro, lia tratados científicos, buscando especializar-se sobre o lugar para o qual iria. Em Salvador, nos períodos de marasmo, nos quais se aguardava a marcha para Canudos e quando os boatos pululavam, perseguidos e publicados por repórteres – Euclides metia-se nos arquivos pesquisando jornais e documentos históricos que trazia, posteriormente, à tona.<sup>145</sup>

Não à toa, podemos ver, *N’Os sertões*, as três características básicas com as quais, segundo Barthes,<sup>146</sup> pode-se reconhecer um tema de Michelet. Para Barthes, o *tema*, na obra de Michelet é “a realidade crítica independente da idéia, da autoridade ou

---

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> *À Margem da História* é um obra póstuma que só saiu um mês após a morte do escritor, tratando sobretudo da Amazônia.

<sup>144</sup> TEIXEIRA, A Poética historiográfica em Jules Michelet, p. 05.

<sup>145</sup> ANDRADE, O. *História e interpretação de Os sertões*, pp.140-141.

<sup>146</sup> BARTHES, *Michelet*, Paris, Editions du Seuil, 1954.

da imagem”.<sup>147</sup> Podemos considerar o livro de Euclides da Cunha, citado no início do parágrafo, como a obra que inaugura o conceito, ou *tema*, do *sertão* em sua obra.

Vejamos as categorias de Barthes:

- **Repetição:** Abordagem interativa do tema, que é repetido ao longo de todo o livro. Essa abordagem faz com que o olhar passeie ao longo do objeto, mudando o foco e, conseqüentemente as certezas. O caráter interativo do tema também é eficaz porque, na fixidez de temas verbal, sinalizada sempre pelo uso da mesma palavra ou imagem, há uma conjugação para que a interação palavra/imagem tenha o mesmo poder algébrico que as variações da natureza. Em *Os sertões*, tema do *sertão* é trabalhado em palavras que se cruzam com idéias e metáforas cristalizadas na própria forma do texto, na apresentação da escrita, multifacetada em diversos estilos.

- **Substância:** O *tema* ganha, efetivamente, substancia, quando “o objeto histórico pode sempre se reduzir ao tédio, à atração ou à vertigem que ele provoca”.<sup>148</sup> Envolve substâncias diferentes para diferentes temas. Isso engendra duas conseqüências. A primeira é que o *tema* pode ajudar a História. Assim, passado a idade dos temas, as idéias comuns do autor provêm de experiências específicas. A segunda é que o *tema*, imbuído de sua *substância*, suporte e demonstre todo um sistema de valores; “nenhum tema é neutro, e toda a substância do mundo se divide em idades benéficas e em idades maléficas”.<sup>149</sup> Portanto, a moral “não é nulamente retórica; é uma entidade jurídica; a História é sentada na cadeira do tribunal e julgada: o Bem é decretado em virtude de sua natureza suave, e o Mal em função de sua seca e de sua

---

<sup>147</sup> Ibidem, p.177.

<sup>148</sup> BARTHES, Michelet, p.178.

<sup>149</sup> Ibidem, p.179.

descontinuidade”.<sup>150</sup> Não por acaso, Euclides intitula *Os sertões* de seu “livro vingador”. Como veremos, ética e estética caminham sempre lado a lado neste livro.

Por fim, a **Redução**: “Enfim, o tema é redutível”. A história de Michelet “é, assim, coberta de uma rede de temas”,<sup>151</sup> que tecem relações entre eles, de dependência e de redução. Uma leitura de Michelet só é completa quando podemos relembrar e interligar outros temas ao tema que estamos lendo. Assim a fantasmagoria se dá em Michelet, lembrando que a fantasmagoria é a relação que se dá entre dois canais temáticos diferentes. Por vezes, numa rede temática composta por Michelet, os personagens são, sobretudo, representação de temas, “da ação”, ou “da graça”, “do inchaço monárquico”.

N’*Os sertões*, isso acontece por diversas vezes. Como exemplo, citamos a fantasmagoria que se converte a descrição de um personagem que dá nome ao fragmento, o marechal Carlos Bittencourt. Embora tenha morrido antes mesmo de se por em combate, talvez no único ato de impulsividade e heroísmo de sua vida, mas que salvara de um atentado o então presidente Prudente de Moraes. Contudo, seu retrato demonstrava o tipo de vitória que se deu em Canudos – calculada; vitória que, por parte do exército, se deu sem heroísmos. As grandes batalhas, os embates corpo a corpo não ocorreram no fim da guerra. O arraial revoltado caiu devido ao metódico cerco, “por todos os lados”, que o sufocava friamente, aos poucos, os que resistiam.

Circulariam todo o povoado, trancar-lhe-iam todas as saídas, mas teriam, passados poucos dias, latentes em roda, as linhas do outro cerco intangível e formidável — o deserto recretado, das caatingas, pondo-os nas aperturas crescentes e inelutáveis da fome.

Previu-o o marechal Bittencourt.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p.293.

Passemos, então, ao retrato do militar que, ademais, simboliza a forma como se dá a vitória da República sobre os sertanejos rebelados:

### **O marechal Bittencourt**

O marechal Carlos Machado de Bittencourt, principal árbitro da situação, desenvolveu, então, atividade notável.

Vinha de molde para todas as dificuldades do momento.

Era um homem frio, eivado de um ceticismo tranqüilo e inofensivo. Na sua simplicidade perfeitamente plebéia se amorteciam todas as expansões generosas. Militar às direitas, seria capaz — e demonstrou-o mais tarde ultimando tragicamente a vida — de se abalançar aos maiores riscos. Mas friamente, equilibradamente, encarrilhado nas linhas inextensíveis do dever. Não era um bravo e não era um pusilânime.

Ninguém podia compreendê-lo arrebatado num lance de heroísmo. Ninguém podia imaginá-lo subtraindo-se tortuosamente a uma conjuntura perigosa. Sem ser uma organização militar completa e inteiriça, afeiçoara-se todavia ao automatismo típico dessas máquinas de músculos e nervos feitas para agirem mecanicamente à pressão inflexível das leis.

Mas isto menos por educação disciplinar e sólida que por temperamento, inerte, movendo-se passivo, comodamente endentado na entrosagem complexa das portarias e dos regulamentos. Fora disto era um nulo. Tinha o fetichismo das determinações escritas. Não as interpretava, não as criticava: cumpria-as. Boas ou péssimas, absurdas, extravagantes, anacrônicas, estúpidas ou úteis, fecundas, generosas e dignas, tornavam-no proteiforme, espelhando-as — bom ou detestável, extravagante ou generoso e digno. Estava escrito. Por isto, todas as vezes que os abalos políticos lhas baralhavam, se retraía cautelosamente ao olvido.

(...)

A República fora-lhe acidente inesperado no fim da vida. Não a amou nunca. Sabem-no quantos com ele lidaram. Foi-lhe sempre novidade irritante, não porque mudasse os destinos de um povo senão porque alterava umas tantas ordenanças e uns tantos decretos, e umas tantas fórmulas, velhos preceitos que sabia de cor e salteado.

Ao seguir para a Bahia desenfluíra todos os entusiasmos. Quem dele se abeirasse, buscando alentos de uma intuição feliz ou um traço varonil, sulcando a situação emocionante e grave, que até lá o arrastava, topava, surpreso, a esterilidade de uns conceitos triviais, longas frivolidades cruelmente enfadonhas sobre paradas de tropas, intermináveis minúcias sobre distribuição de gêneros e remontas de cavalhadas — como se este mundo todo fosse uma imensa Casa da Ordem, e a História uma variante da escrituração dos sargentos.

Saltou naquela capital quando ia em sua plenitude o fervor patriótico de todas as classes; e de algum modo o amorteceu. Manifestações ruidosas, versos flamívomos, oradores explosivos passaram-lhe por diante, estrondaram-lhe em torno, deflagraram-lhe aos ouvidos, num estrepitar de palmas e aplausos. Ouviu-os indiferente e contrafeito. Não sabia respondê-las. Tinha a frase emperrada e pobre. Além disso, tudo quanto saía do passo ordinário da vida não o comovia, desorientava-o, contrariava-o.

Recém-vindos da luta, requerendo uma transferência ou uma licença, nada adiantavam se, dispensando a formalidade de um atestado médico, lhe pusessem à vista apenas o rombo de um tiro de trabuco ou um gilvaz sangüíneo ou um rosto cadavérico de esmaleitado. Eram coisas banais, do ofício.

Assim, com esse exemplo de fantasmagoria – bem como nos exemplos descritos acima, nos quais procuramos aproximar as semelhanças de *Os sertões* com as outras duas características do texto micheletiano – concluímos, por hora, a demonstração de nossa hipótese do estilo de Euclides com as características que Barthes aponta como próprias ao texto de Michelet. Acreditamos que, por extensão, essas características podem ser encontradas nos textos com grande proximidade estilística com a obra de Michelet, como é o caso de *Os sertões*.

### **Poética científica**

Procuraremos mostrar, agora, que Euclides da Cunha, principalmente na obra que estudamos nesta dissertação, adentra o que propomos chamar de uma *poética científica*, na qual o valor estético se mede, em parte, pelo uso de taxonomias, expressões de especialidades botânicas, geológicas, históricas. O uso dessas expressões, principalmente na 1ª das três partes, chamada “A terra”, pode ser interpretado como opção deliberada por estabelecer uma ponte entre o científico e o estético, na criação dessa poética.

Com excessiva observação mesológica, textualizava nomenclaturas, em sua grande maioria, desconhecidas; áridas palavras que, inicialmente, tornam à leitura do texto penosa como a marcha do exército – monótona, cansativa. O texto estabelece uma relação de metamorfose com o ambiente que descreve – espécie de mimetismo que lança mão ora de cadências truncadas e ríspidas, em harmonia e ritmos estranhos; ora de fantasmagorias, como mostrado acima, misturando paisagem, personagens e acontecimentos a conceitos.

Há, certamente, uma pantomima verbal, em que mais vale a imitação do que é descrito pelo todo do texto do que o sentido que o próprio texto pretende expressar. Como se o texto, despido de significado, se fizesse corpo para, *apesar das palavras*, “fazer visível o invisível” na própria forma do texto.<sup>153</sup>

Tal interpretação pode ser corroborada pelo poema magistral de Armando Freitas Filho, com a rica contenção das artes, que permite ao grande poeta, num poema dizer mais que uma dissertação:

#### Três sertões

Ler *Os sertões* é tão árduo e áspero  
quanto atravessá-lo, por isso paro  
na seca de cada parágrafo farpado:  
os olhos ardem, morto de sede e fê  
sem ar, no árido, onde o sol anda  
de seca em Meca, e cai na chapada  
enrugando a lixa do texto cerrado  
encarando a guerra de preencher  
cabralmente, a nova página branca  
da mesma paisagem idem, dura, letra  
por letra, passo a passo, e o preto  
vai ficando mais fechado. Graciliânico  
esforço manuscrito de léguas e laudas  
e se aproveita todo espaço, de margem  
a margem, escrevendo por camadas  
com lógica empedernida, geológica  
respirando a custo, no *Grande sertão*:  
*veredas*, onde se delibera o rosa  
em meio à rocha e à ruína, da flor  
que pega fôlego *na terra do sol*, vinga  
onde *Deus e o diabo* olham pelo mesmo  
olho parado de caveira de boi morto:

---

<sup>153</sup> “Fazer visível o invisível” é uma expressão que o grande *mimo* francês Marcel Marsseau utilizava-se para descrever sua arte, a mímica. In: E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. Acessado em 24/10/09, às 13:00 horas, em <http://74.125.93.132/search?q=cache:WzIU8zC3HAEJ:www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/mimo.htm+%2S%C3%B3fron+de+Siracusa%22&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk>

só – entre cactos de palavras – fracasso.<sup>154</sup>

### **Ensaio o dito e o não dito**

Ademais, o conseqüente estranhamento da linguagem torna a leitura misteriosa – leitor, escritor, soldados, todos transitam por caminhos estranhos, entrando no sertão aos poucos. O gênio de Araripe Jr. – dos principais críticos literários à época de *Os sertões*, talvez por ser também escritor e realizar sua crítica de forma ensaística – descreve:

A influência do meio físico e a psicologia do deserto são expostas de modo tão fulminante, nessas páginas, que antes de se entrar na pintura do sertanejo e na narração da luta da civilização com o jagunço, já se tem adivinhado grande parte dos destinos do conflito em evidência.<sup>155</sup>

Talvez, devamos analisar brevemente o gênero ensaístico. Isso porque supomos ser ele o que permite a Araripe Jr. realizar uma leitura possivelmente tão próxima à intenção do autor. Em *Literatura, defesa do atrito*, a crítica portuguesa Silvina Rodrigues Lopes pensa o gênero *ensaio* como um “rasgão da ideologia”, onde a subjetividade que se forma é a de um “não sujeito”; a escrita, na dualidade formada entre “crítica científica” e literatura, seria, portanto, livre para o encontro com outro texto. Dessa forma, a partir da não subjetividade,

dessa dimensão de negatividade, que Adorno atribui ao ensaio, e que o leva a considerar que sua lei formal mais profunda é a heresia, dá-o a ver como um jogo que há nos objetos a que se refere, e que torna manifesto o não idêntico, abalando desse modo a pretensão da cultura à unidade.<sup>156</sup>

O ensaio de Araripe Jr., evidenciando a exposição “de modo tão fulminante” da realidade nas páginas de *Os sertões*, leva-nos, mais uma vez, a certa *poética científica* escrita acima, a qual nos permite aproximar novamente Euclides da Cunha e Jules

---

<sup>154</sup> FILHO, *Máquina de escrever* – poesia reunida e revista, RJ, Nova Fronteira.

<sup>155</sup> ARARIPE JR. *Os Sertões*. In: BOSI, A. *Teoria crítica e história literária*. p. 221.

<sup>156</sup> LOPES. “Do ensaio como pensamento experimental”. In: *Literatura, defesa do atrito*, p. 176.

Michelet – uma vez que, como começamos a ver, o francês exerceu forte influência estilístico-literária para o brasileiro. Euclides trabalha a formação de um estilo numa opção deliberada, tal qual o francês, por estabelecer uma ponte entre o científico e o estético na escritura d’*Os sertões*. Segue os passos da *poética historiográfica* de Michelet, constituída pela “adoção plena dessa verdade do poético (ou pelo menos, de seu efeito de verdade) e a recusa categórica em considerar a separação entre forma e conteúdo, palavra e idéia, espírito e letra”.<sup>157</sup> Como veremos mais adiante, o estilo da escrita de *Os sertões* é, de certa forma, a radicalização dessa proposta.

A idéia de Pátria em Euclides da Cunha também é bem semelhante às de Michelet, para quem, em *Le peuple*, “*Tout la variété de nos travaux a germé d’une même racine vivant : le sentiment de la France et l’idée de Patrie.*”<sup>158</sup> [Toda a variedade de nossos trabalhos germinou de uma mesma raiz viva: o sentimento da França e a idéia da Pátria.].<sup>159</sup> Em Euclides, esse sentimento é expresso nas inúmeras viagens, feitas à partir de sua primeira, pioneiro que fora da idéia de Pátria como integração – devia-se dar a conhecer: o sertão e o norte.

E mais – de forma que escrita e experiência estivessem intimamente ligados:

*Ce livre, je l’ai fait pour moi-même, de ma vie et de mon coeur. Il est sorti de mon expérience, bien plus que de mon étude. Je l’ai tiré de mon observation, de mes rapports d’amitié, de voisinage; je l’ai remassé sur les routes; le hasard aime à servir celui qui suit toujours une même pensée. Enfin, je l’ai trouvé surtout dans les souvenirs de me jeunesse. Pour connaître la vie du peuple, ses travaux, ses souffrances, il me suffisait d’interroger mes souvenirs.*<sup>160</sup>

---

<sup>157</sup> TEIXEIRA, A Poética historiográfica em Jules Michelet, In: [www.abralic.org.br/enc2007/anais/20/151.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/20/151.pdf). p.05.

<sup>158</sup> MICHELET. *Le peuple*. p.03

<sup>159</sup> Minha tradução, à partir do original.

<sup>160</sup> MICHELET. *Le peuple*. p.03-04. Minha tradução, à partir do original. [Este livro foi feito de mim mesmo, da minha vida e de minhas afeições. Ele é fruto da minha *experiência*, mais que de meu estudo. Eu o tirei de minhas observações, de minhas relações de amizade, dos meus conhecidos; fui colhendo-o em meu caminho. O acaso costuma gostar dos que seguem sempre um só pensamento. Enfim, esse livro, eu o descobri, sobretudo, em minhas lembranças de juventude. Para conhecer a vida do povo, suas dificuldades, seu sofrimento, bastava que eu interrogasse minhas próprias recordações.] (Grifo meu).

Depois, devia-se integrar pela comunicação, como realizado pelo Marechal Rondon. “De origem indígena por parte de seus bisavós maternos (Bororo e Terena) e bisavó paterna (Guaná)”,<sup>161</sup> a chamada Missão Rondon foi a primeira a chegar à Amazônia, fazendo a ligação telegráfica entre Mato Grosso, Goiás; Cuiabá e Corumbá; e finalmente Cuiabá a Santo Antônio do Madeira. O Marechal Rondon fora colega de turma de Euclides da Cunha. Sobre este, falara, ressaltando a importância das idéias positivistas do professor Benjamin Constant, que “operava o prodígio quase sobre-humano de transfigurar a sua Cátedra de Geografia Algébrica em altar levantado à mais pura idealização da pátria”.<sup>162</sup>

Ao progresso científico, do saber, integrar, unir, Euclides e Rondon aliaram seu ideal de Pátria. Seguindo essa linha de “civilizar” pelo conhecimento, viriam, na literatura, Monteiro Lobato e o seu Jeca Tatu – inicialmente caboclo do interior de São Paulo e, depois, “representação caricatural do homem rural brasileiro”,<sup>163</sup> doente e sem condições sanitárias, abandonado pelo poder público. Ou mesmo com *Viagem científica – pelo norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*,<sup>164</sup> dos doutores Belisário Pena e Arthur Neiva, livro de interessante narrativa, numa pesquisa etnográfica e biológica; contudo, num tom ensaístico. E daí por diante, a linhagem daqueles que se voltam para a lacuna *sertão* continua se estendendo.<sup>165</sup>

---

<sup>161</sup> Extraído da wikipédia, [http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido\\_Rondon](http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2ndido_Rondon), acessado em 14/05/2009, às 20:47 horas. A Bibliografia citada é DIACON. Todd A.. 2004. *Rondon: Perfis Brasileiros*, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>162</sup> VENTURA, *Retrato interrompido de Euclides da Cunha*, p. 52.

<sup>163</sup> LIMA(b), *Um sertão chamado Brasil*, p. 133.

<sup>164</sup> NEIVA; PENA, *Viagem científica – pelo norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Edição Fac-Similar. Editora do Senado Federal. Brasília: 1999.

<sup>165</sup> O percurso de diversos autores que perseguiram esta idéia de Pátria como união pelo conhecimento, certamente todos literários, foi lido durante a disciplina *Viajantes na República Velha*, oferecida pelo Pos-Lit e ministrada pelo professor Marcus Vinicius de Freitas.

## ***Os sertões: vertigem da palavra***

Na arte literária, pode-se dizer que os escritos de Euclides da Cunha tenderam ao Realismo – principalmente se considerarmos, como características máximas desse estilo, a busca ardente por uma verossimilhança compatível com a realidade factual e pela descrição objetiva, quase científica, do mundo.

Contudo, considerando-se a influência de Michelet em Euclides, podemos dizer que o brasileiro não era somente leitor do francês; no mínimo *escrevente* – aquele que, ao ler, retém algo para sua produção. Ambos aproveitavam-se das lacunas das realidades que pretendiam escrever, experienciando-as, literária e fisicamente, quando possível. Segundo o francês, ainda em seu *Le peuple* ", "*Avant de faire des livres, j'en ai composé matériellement; j'ai assemblé des lettres avant d'assembler des idées(...)*." [Antes de fazer um livro, eu vou tocar as coisas, eu congrego as letras antes de congregar as idéias(...)].<sup>166</sup> A influência de Jules Michelet em Euclides da Cunha é imensa. De certa forma, se Michelet propõe esta “congregação de letras”, Euclides da Cunha realmente a realiza n’*Os sertões*.

Com sua *poética científica*, e com a mistura de vários estilos em tom ensaístico, Euclides mimetiza a viagem, de forma a fazer da palavra o gesto, ou, como diria Artaud,

Trata-se de substituir a linguagem articulada por uma *linguagem de natureza diferente*, cujas possibilidades expressivas equivalerão às linguagens das palavras, mas cuja fonte será buscada num ponto mais recôndito do pensamento.

A gramática dessa nova linguagem ainda está por ser encontrada. ***O gesto é sua matéria e sua cabeça*** (...) Ele parte da necessidade da palavra mais do que da palavra já formada. Mas, *encontrando na palavra um beco sem saída, ele volta ao gesto de modo espontâneo*. (...) Mergulha na necessidade. ***Refaz poeticamente o trajeto que levou à criação da linguagem***.<sup>167</sup> (Grifos meus)

---

<sup>166</sup> MICHELET, *Le peuple*. p. 04. Minha tradução à partir do original.

<sup>167</sup> ARTAUD, Cartas Sobre a Linguagem – segunda carta. In: *O teatro e seus duplo*, p. 129.

A *poética científica* de Euclides cria o literário, a partir de um super-realismo subjetivo, no qual as palavras, por desconhecidas, funcionam como significante, melodia, e encantam tal qual as antigas missas latinas, rezadas para uma população que, em sua imensa maioria, desconhecia esta língua. Na maior parte do tempo, são camadas sobrepostas de linguagem: o inteligível e o ininteligível extracotidiano, o narrado e o experienciado:

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O régimen torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça — dispondo-se em cenários em que ressalta predominante, o aspecto atormentado das paisagens.<sup>168</sup>

Podemos afirmar que Euclides da Cunha se valia da linguagem da ciência nas diversas formas de discurso que utilizava; inicialmente, adotando até mesmo teses naturalistas, como as de que o indivíduo é determinado pelo meio e pela “hereditariedade”, e de que a história se repete.

Contudo, como reiterado a algumas páginas acima, de suas influências francesas restara algo de romântico, e sua voz subjetiva *filtrava* a realidade. A forma e a ficção adentram a escrita de modo espontâneo, por esse filtro, mantendo, na forma, a experiência com o novo; o discurso, em imagens, *acontecendo* no presente, bem à frente do leitor.

Não temos conhecimento do estilo de toda a obra de Jules Michelet, mas do pouco que pudemos observar do seu *Le peuple*, da metodologia, descrita na dedicatória, “A M. Edgar Quinet” – “*Il est sorti de mon expérience, bien pu que de mon etude. Je l'ai tiré de mon observation, de mes reportes d'amitié, de voisinage*” [Este livro, eu o fiz de mim mesmo, da minha vida e da vida de meu coração. Ele é o ataque da minha

---

<sup>168</sup> BLANCHOT, *A parte do fogo*. p. 26.

*experiência*, bem mais que de meu estudo. Eu tirei de minhas observações, de meus cadernos inseparáveis, da visinhança] – bem como em outras partes do livro, o discurso, como o de Euclides da Cunha, acontece dirigido ao leitor no presente e num tom ensaístico, cuja vocação

mediadora nunca se medirá, como é óbvio, pelas estatísticas das recepções, pois ela não se confunde com divulgação ou diversão, e nada tem a ver com as leis dos grandes números: não tem outra medida senão a experiência que é e ao ser desencadeia.<sup>169</sup>

O tom ensaístico, mais uma vez, ligado à diversidade de leituras, debates, por gerar experiência no *outro*, quem quer que ele seja, eventualmente tornado produtor. E isso porque, a partir de Silvina Rodrigues Lopes, podemos dizer do ensaio como o texto que, por *excelência*, se apresenta ao leitor como *experiência literária*. E, também, que em *Os sertões*, ensaio, *experiência literária* e tradição andam juntos. Gênero em que, sem “pretensão da cultura à unidade”<sup>170</sup>, o texto baila, à medida que uma

“voz pessoal”, e que é uma voz em que a descentração se torne visível, sem nunca se chegar à perda de um efeito de centro (...). É esta a característica que define o estatuto mediador do ensaio, e o situa, como “subjectividade de um não-sujeito”, no campo das relações intersubjectivas, no campo das relações intersubjectivas, precisamente como impulso de desfícação das relações sujeito-objecto, força anti-identitária ou combate à opinião.

Desde Montaigne que se deu o nome de ensaio a um tipo de composição discursiva construída sobretudo pela justaposição ou coordenação de elementos em vez da sua subordinação.<sup>171</sup>

Assim se constitui *Os sertões* – um mosaico de discursos costurado por uma voz interior, numa justaposição discursiva que o faz configurar-se ora como tratado geológico, como podemos ver em várias passagens de “A terra”, por exemplo :

O carácter das rochas, exposto nas abas dos cerros de quartzito, ou nas grimpas em que se empilhavam as placas do itacolumito avassalando as alturas, aviva todos os acidentes, desde os maciços que vão de Ouro Branco a Sabará, à

<sup>169</sup> LOPES,; *Literatura, defesa do atrito*, p.176.

<sup>170</sup> Idem.

<sup>171</sup> Ibidem, p. 168.

zona diamantina expandindo-se para nordeste nas chapadas que se desenrolam nivelando-se às cimas da serra do Espinhaço;<sup>172</sup>

ora como tratado antropológico – “Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos”<sup>173</sup>; por vezes, como narrativa histórica, novamente na parte denominada “A terra”:

Deletreando-se antigos roteiros dos sertanistas do Norte, destemerosos caatingueiros que pleiteavam parselhas com os bandeirantes do Sul, nota-se a cada passo uma alusão incisiva à bruteza das paragens que atravessavam, perquerindo as chapadas, em busca das ‘minas de prata’ de Melchior Morcia (...);<sup>174</sup>

e, noutras, como jornalística, como em várias passagens de “A luta”, dentre as quais destaco esse fragmento:

As colunas chegaram à tarde em ‘Tabuleirinhos’, quase à orla do arraial, e não prosseguiram aproveitando o ímpeto da marcha perseguidora. Combalidos da refrega e famintos desde a véspera, tiveram apenas abrandada a sede na água impura da lagoa minúscula do Cipó, e acamparam.<sup>175</sup>

Ou mesmo em textos tirados de sua Caderneta de Viagem, fundamental para a *escritura* d’*Os sertões*, em que o autor mantém o tom de confiança de um “olho no presente”. O caminho da *experiência literária* – essencial para que haja *escritura* – já começava a se delinear nas anotações do diário de viagem que o escritor mantinha e que, provavelmente, o orientou na posterior *escritura* d’*Os sertões*. Daqui entendemos o conceito de *escritura* derridiano. É nessa concepção que se encontra um dos argumentos centrais de nosso trabalho – a de que a *escritura* se constitui quando a linguagem escrita, por vezes, rompe com o caráter simbólico do significante. Torna-se, pois, uma

---

<sup>172</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 20.

<sup>173</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 54.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 169.

falta expressa, sulco à mostra, expressando um “saber oculto” que é o possível mundo guiado pela marca do sujeito.

Assim, a escrita atua sobre o mundo enquanto expressão ou força matriz do desejo. Como na interpretação histórico-literária que Marshall Berman faz sobre o *Fausto*, de Goethe, para quem “tudo quanto ele conseguiu soa vazio (...) [e] sua cultura se desenvolveu no sentido de divorciá-lo da vida”,<sup>176</sup> a *escritura* mostra-se como escrita que apõe ao mundo sua vontade.<sup>177</sup> Ou, nas palavras de Blanchot, quando confessa:

A eficácia, a importância da escrita automática reside no fato de ela revelar a prodigiosa continuidade entre meu sofrimento, meu sentimento de sofrer e a escrita do sentimento desse sofrimento. Com ela se desfaz a opacidade das palavras, dissipa sua presença enquanto coisa. Elas são tudo o que sou naquele mesmo instante. Suspendendo as obrigações da reflexão, permito à minha consciência imediata irromper na linguagem, a esse vazio preencher-se e a esse silêncio expressar-se.<sup>178</sup>

Ao usar a linguagem escrita de um “método, baseado no contato direto com as coisas”,<sup>179</sup> “satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada”, imerso num “quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora, capaz de assombrar o mais experimentado botânico”,<sup>180</sup> Euclides da Cunha escreve um “livro em movimento”, tanto no ritmo taxonômico da linguagem como na capacidade de estabelecer diálogo, em tempos diversos, com diversos tipos de textos, artísticos ou não, ou mesmo em outros suportes, como veremos no terceiro capítulo. Torna-se *escritura* tanto porque

sobreviver ao próprio tempo significa, para um texto, ser potencialmente capaz de gerar leituras diferentes em tempos diferentes, o que acaba por

<sup>176</sup> BERMAN, O Fausto de Goethe: A tragédia do Desenvolvimento. In: Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade. p. 42-43.

<sup>177</sup> Ibidem. p. 37-71.

<sup>178</sup> BLANCHOT, A parte do fogo, p.90.

<sup>179</sup> ANDRADE, O. Um caderno de bolso de Euclides da Cunha – Nascedouro de ‘Os sertões’. In: CUNHA, Caderneta de Campo, São Paulo: Editora Cultrix, 1975, 197.

<sup>180</sup> ANDRADE, O. História e interpretação de Os sertões, p.145.

ser a mais simples e eficiente definição de um clássico. A história das releituras de um texto constitui uma larga medida de sua capacidade de permanência, de sua potência para se constituir em elo de tradições que venham antes dele e que se projetem para além de seus limites históricos, a partir das energias advindas de outros contextos.<sup>181</sup>

Mas também porque, estabelecendo um elo entre diversos textos, constitui-se, ao “lado da experiência, um recurso à literatura como reapropriação da presença”.<sup>182</sup> Assim, a *escritura* da experiência é “o maior sacrifício visando à maior reapropriação simbólica da presença. (...) A morte, pela escritura, também inaugura a vida”.<sup>183</sup> O texto escritural vaga em sua atemporalidade, nada “pode acabar com a sua descontinuidade e com a sua inatualidade essenciais, com a genialidade de seus silêncios *subentendidos*” – “O outro colabora originariamente no sentido”.<sup>184</sup>

### **O buraco negro do olho**

Próxima a uma descrição bastante técnica sobre o temido morteiro *Canet* – a mais poderosa e pesada arma levada pelo exército brasileiro para o conflito, chamada *Matadeira* pelos rebeldes sertanejos, devido à grande devastação que seus projéteis causavam – encontra-se o seguinte fragmento:

Além, para as bandas do poente, em contraste com o dia que nos rodeia fulgurante, alevantam-se por acaso agora cúmulos pesados traduzindo fisicamente uma situação social tempestuosa. Surgem, alevantam-se justamente nesse momento do lado dos sertões, pesados, lúgubres – ameaçadores.<sup>185</sup>

Podemos olhar para esse fragmento de várias maneiras, interpretar o estilo que aí nos aparece de diversas formas. Pode-se, por exemplo, chamá-lo de “superlativo”, como

---

<sup>181</sup> FREITAS, Charles Frederick Hart: um naturalista no império de Dom Pedro II, 2002. p. 78.

<sup>182</sup> DERRIDA, Gramatologia, p. 176.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>184</sup> DERRIDA, A escritura e a diferença, p. 63.

<sup>185</sup> VENTURA, Retrato interrompido de Euclides da Cunha. p. 160.

o faz Wille Bolle ao utilizar esse adjetivo para descrever o estilo de Euclides da Cunha<sup>186</sup>. Contudo, por outro lado, também podemos ver, no estilo que aí se apresenta, o pensamento atravessado pela paisagem; ponto onde, ao que parece, a literatura já começava a se mostrar. Euclides começa a perder o hábito frente ao incerto da viagem que se iniciava; é como se as coisas mais naturais comessem subitamente a surpreendê-lo, tocado que fora por uma *catástrofe inicial*.<sup>187</sup>

Espécie de origem e condição para a *experiência literária*, essa catástrofe é a inscrição do mundo no sujeito do “próprio vazio medido pela angústia e preocupação” ante o desconhecido da escrita da experiência por vir. E esta inscrição, no *escrevente*,<sup>188</sup> estende-se também à linguagem, pois a angústia não se dá apenas por uma preocupação moral com o estado das coisas mundanas, mas principalmente pela tensão que se dá nas palavras entre as significações possíveis, “que se empurram e mutuamente se detêm”.<sup>189</sup> É quando “toda a espessa camada de palavras, a sedimentação de significações confortáveis, que é abalada, se destaca, se torna deslizamento, ladeira perigosa”.<sup>190</sup> É quando, ainda, a segurança da linguagem técnica e das certezas estabelecidas cede às infinitas paisagens, aos infinitos caminhos contidos entre o olho e o mundo.

No mosaico de discursos que compõem o livro, o estilo é aparentemente submisso ao rigor cientificista. Contudo, essa aparência começa a se desfazer quando observamos, por exemplo, como a fusão de paragens internas e externas entranha a linguagem, gerando termos como “cerrados brilhantes” e “vegetação irradiante” – o sol inclemente e a descoberta efetiva do espaço novo do sertão cruzam-se e emprestam sua

<sup>186</sup> BOLLE, Gandesertão.br: o romance de formação do Brasil, p. 40.

<sup>187</sup> BLANCHOT, O paradoxo de Ayré. in: A parte do fogo, p. 72.

<sup>188</sup> Aquele que, segundo Barthes, produz *algo* a partir da leitura de qualquer *escritura*, ou mesmo da vida.

<sup>189</sup> DERRIDA, A Escritura e a Diferença, p. 21.

<sup>190</sup> BLANCHOT, A parte do fogo, p.73.

estridência luminosa ao descrito. Então, nessa alucinação do primeiro olhar, o solo torna-se *perturbado*; os tetos, *confusos*; as montanhas têm *contornos agitados* e os vermes são *trágicos analistas da matéria*<sup>191</sup> – espécie de exatidão imprecisa, imprópria ao método científico.

Dessa forma, a realidade vai deixando de ser encarada unicamente como objeto de análise a ser descrita em linguagem técnica, mesmo que para criar um ritmo, realizando-se, no livro, de forma evanescente<sup>192</sup> – as coisas perdem os limites impostos pela própria condição física e material, tornam-se simbólicas. As palavras não mais apenas indicam essas coisas, fogem à simples representação; rastros de experiência que são, realizam um movimento que ultrapassa seu sentido usual, agregando-lhe o traço fugidio da apreensão. A escrita, já em si, carrega a muda incapacidade de *ser* a realidade. A *escritura* literária não se satisfaz com esse silêncio; indica nos interditos as lacunas geradas por essa incapacidade, gerando uma nova espacialidade que, na incompletude entre a página e os sujeitos, é potencialmente difusa e, portanto, expansível, multifacetada.

O que seria falha na escrita, na escritura é excesso, um excesso que adentra a linguagem, apondo à palavra enquanto instrumento de representação para a eficácia da comunicação um outro tipo de palavra, que é, em si, expressão de uma falta. É o primeiro indício de que a objetividade pretendida pelo discurso euclidiano – o trocadilho é proposital – não pode se dar plenamente, devido à natureza própria da experiência que o gerou. O pensamento foi atravessado pela paisagem, *a escritura do desastre indica o ponto em que a estrutura se altera*.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 24;27;33;35.

<sup>192</sup> BLANCHOT, *A parte do fogo*. p. 69.

<sup>193</sup> ARREGUY, Maurice Blanchot e a topologia difusa. In: *Maurice Blanchot*, BRANCO; BARBOSA; SILVA (Org). p. 52.

Vítima desse fracasso realizador, Euclides da Cunha alça – sabendo ou não, querendo ou não – o episódio de Canudos, que para alguns poderia ser entendido como natimorto, a uma potencialidade talvez só imaginada pela sábia vidência machadiana, na crônica citada ao início deste texto – o nascimento do símbolo transgride tempo e espaço, torna-se maior que qualquer acontecimento. Nessa crônica, Machado de Assis, falando da moda do chapéu alto, ou cartola, cria uma ferina metáfora que aponta a força do caráter simbólico do movimento de Canudos.

Começa por falar de Antônio Conselheiro, chamando-lhe inclusive de obtuso, imaginando um possível livro sob o episódio. Depois muda radicalmente de assunto, diz da persistência perpétua, ainda que como imagem, da cartola. É então que a liga com Antônio Conselheiro: “Chamam-lhe *cartola*, *chaminé*, e não tarda *canudo*, para rebaixá-lo até a cabeleira hirsuta de Antônio Conselheiro. No Carnaval, muita gente o não tolera, e os mais audazes saem à rua de chapéu baixo, não tanto para poupar o alto, como para resguardar a cabeça, sem a qual não há chapéu alto nem baixo.”<sup>194</sup>. Vão-se as cabeças, mas o que elas carregam – o chapéu, as idéias, o próprio símbolo –, fica.

*Os sertões*, assim, não é o relato acabado de uma experiência frustrada. A estrutura alterada não é apenas a da escrita, mas, de certa forma, a do mundo, a da história, a da própria certeza anterior de Euclides da Cunha, que, como vimos, até mesmo exaltava, pouco antes de partir junto à 4ª expedição, a campanha do exército brasileiro no artigo “A nossa Vendéia”, publicado no periódico *O Estado de S. Paulo*.

A presença vivida do fato passa a ser re-significada por Euclides “em todo seu brilho e clarão”;<sup>195</sup> presença que é advinda da escrita enquanto falta subvertida em potencialidade difusa. Abre caminhos para as novas leituras da realidade e,

---

<sup>194</sup> ASSIS, *Obras Completas* v.28. p. 412-416.

<sup>195</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 349-50.

conseqüentemente, expande-a, rompe seus limites. Este autor constrói uma verossimilhança própria aos *novos mundos* que descobria, ou mesmo quando deles se apropriava, transcendendo “observações de natureza objetiva” e “participando fortemente da elaboração de teorias e *representações* sobre a natureza e a sociedade” (Grifo meu).<sup>196</sup>

A escrita mesma de *Os sertões* utiliza taxonomias as mais diversas para criar o ritmo, o vazio, além de reconstituições ficcionais. Alternam-se cenas como “Um lance épico”:

Outros tinham delineamentos épicos:  
No dia 1.º de julho, o filho mais velho de Joaquim Macambira, rapaz de dezoito anos, abeirou-se do ardiloso cabecilha:  
"Pai ! quero escangalhar a matadeira!"  
O astuto guerrilheiro, espécie grosseira de Imanus, acobreado e bronco, encarou-o impassível :  
"Consulta o Conselheiro — e vai." <sup>197</sup>

a outras como, ao falar dos soldados feridos que voltavam para casa, chama-lhes o “Heroísmo estranho”:

Decompunha-se pelas estradas. Partiam-lhe do seio pedidos de reforma mais alarmantes do que aniquilamentos de brigadas. Salteara-a um beribéri excepcional exigindo não já a perícia de provectoros médicos senão o exame de psicólogos argutos. Porque afinal o medo teve ali os seus grandes heróis, revelando a coragem estupenda de dizer a um país inteiro que eram cobardes.<sup>198</sup>

Ademais, o autor contava o mesmo fato sob o ponto de vista dos soldados, a algumas páginas atrás, em “Assalto ao acampamento – A ‘matadeira’”: “A tropa teve o adminículo de mais uma vitória pouco lisonjeira e acrescido o respeito ao destemor do adversário”.<sup>199</sup>

---

<sup>196</sup> LIMA(b), *Um sertão chamado Brasil*, p. 55.

<sup>197</sup> CUNHA, *Os sertões: campanha de Canudos*, p. 286.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 288.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 256.

No mesmo livro, Euclides da Cunha demonstra posições distintas. Primeiro, é convicto defensor da vitória certa sobre um bando de incivilizados monarquistas, à maneira da Vendéia, ora associando, ora dissociando os *jagunços* dos *chouans* – os vilões do romance *Quatrevingt Treize*, de Vitor Hugo, monarquistas resistentes à República francesa.<sup>200</sup> Depois, liga a imagem dos jagunços a heróis – doze que enfrentam, sozinhos, “vinte batalhões (...) dando à campanha um tom impressionante e lendário, abalavam a opinião pública da velha capital e por fim a de todo o país...”.<sup>201</sup>

Um outro exemplo é citado por Simone Azevedo, no artigo “Um desvio ‘às aperturas do dilema’”. Nesse artigo a autora cita Agassiz, grande nome das interpretações do Brasil até então e “solo epistemológico sob o qual pisava Euclides [e para o qual o] postulado da lei científica era corroborado pela constatação empírica”.<sup>202</sup> A parte citada de Agassiz é “a deteriorização decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio”.<sup>203</sup> Contudo, logo depois, a autora se questiona – “Como explicar que tão depreciativa avaliação da capacidade dos mestiços possa resultar no ‘cerne vigoroso da nossa especialidade’”.<sup>204</sup>

Euclides transgredia seus mestres intelectuais, ultrapassava-os ao cruzá-los com a experiência empírica. Postulados desmanchavam-se, transmutavam-se, como no conceito sobre a mestiçagem no Brasil. Talvez porque, pela primeira vez, olhava-se para o Brasil como uma dualidade, a partir de um sujeito que *viveu* o “acontecimento” da

---

<sup>200</sup> MOREIRA, A história não iria até ali: Teoria da historiografia e literatura em *Os sertões*, In: Casa de Cultura Euclides da Cunha.

<sup>201</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 286-287.

<sup>202</sup> AZEVEDO, Um desvio ‘às aperturas do dilema’. In: *O Eixo e a Roda*: revista de literatura brasileira, p. 85.

<sup>203</sup> AGASSIZ *apud* SCHWARCZ, p. 13. In: Idem.

<sup>204</sup> AZEVEDO, Um desvio ‘às aperturas do dilema’, In: *O Eixo e a Roda*: revista de literatura brasileira, p. 85.

diferença, física e intelectualmente. Mas não qualquer um. “Qual seria portanto esse acontecimento? Teria a forma exterior de uma *ruptura* e de um *redobramento*”.<sup>205</sup>

O episódio de Canudos, independente do fanatismo, implantou um novo modo de vida no sertão baiano, uma ruptura com o modo de distribuição da terra, onde imperava a lei do mais forte. Ademais, derrotou três expedições do exército brasileiro. O “acontecimento”, em si, já era bastante forte; contudo, ficaria restrito ao momento, ou a uma interpretação, não fosse o caráter aberto que a *experiência literária* imprimiu em *Os sertões*.

Em seu texto *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, o filósofo Jaques Derrida fala da contradição inerente a essas ciências, visto não lidarem com “elementos, átomos”, mas com conceitos “tirados duma sintaxe e dum sistema”, onde “cada empréstimo determinado faz vir a si toda a metafísica”.<sup>206</sup> Tal contradição teria encontrado sua primeira “solução” quando a Etnologia, para nascer como ciência, “operou um descentramento: no momento em que a cultura européia – e por conseqüência a história da Metafísica e de seus conceitos – foi *deslocada*, expulsa de seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência”.<sup>207</sup>

N’*Os sertões*, tal deslocamento é óbvio, espacial e intelectualmente. Inicialmente, vemos a experiência com o sertão da rua do Ouvidor<sup>208</sup>, com todo o estranhamento que o léxico da ciência permite. Com o passar do livro – que, tal qual dito acima, foi escrito tanto a partir da experiência real e de fatos anotados na caderneta de viagem de Euclides da Cunha, quanto de pesquisa e reflexão – mudam-se estilos, antigas posições políticas; o olhar passeia livremente por ambos os lados do conflito.

---

<sup>205</sup> DERRIDA, *A escritura e a diferença*, p. 229.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 234.

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Rua vista como centro intelectual da então capital do Brasil, o Rio de Janeiro.

O empirismo “funcionara” perfeitamente nas ciências exatas e biológicas, onde a repetição é regra e o diferente, exceção que confirma a regra. Contudo, nas ciências humanas, o empírico, até o momento, não funcionava muito bem – certamente havia mais certezas de gabinete, mais variáveis que testes possíveis. Mas, escondida entre as pretensões científicas de *Os sertões*, havia literatura.

A *experiência literária*, conceito não sistematizado que encontramos disperso em algumas passagens de textos de Blanchot,<sup>209</sup> parece nascer de uma tríade: literatura como extensão de mundo; experiência empírica do sujeito com o *novo* ou inominado mundo; poética da linguagem como fonte infinita de inexplicáveis. E vivida ou vívida em rascunhos, acontece na solidão da *escritura* literária; encontro da memória com o outro da escrita. Se a “imaginação é a memória enlouquecida”, como diz o poeta Mário Quintana, literatura e história estão mais próximas do que parecem.

Recluso a maior parte do tempo em uma pequena cabana de madeira, em São José do Rio Pardo, como engenheiro responsável pela reconstrução da ponte sobre o rio que ajuda a dar nome da cidade, com sua caderneta de campo, Euclides escrevia constantemente. Dá ao leitor uma enxurrada de palavras – “a solidão começou a falar, e (...) acima dela paira uma outra ainda maior, e acima desta uma outra ainda, e cada uma, ao receber a palavra para sufocá-la e silenciá-la, ao invés disso, a faz repercutir ao infinito, e o infinito torna-se seu eco”.<sup>210</sup> Imensidão de palavras entrelaçadas por um vocabulário científico que da “origem a vários inexplicáveis”<sup>211</sup>, mas que também “é

---

<sup>209</sup> Tentamos sistematizar o conceito de *experiência literária* a partir das obras A parte do fogo, A besta de Lascaux e Pena de Morte, de Maurice Blanchot.

<sup>210</sup> BLANCHOT, Pena de Morte, p.54.

<sup>211</sup> AZEVEDO, Um desvio ‘às aperturas do dilema’. In: *O Eixo e a Roda*: revista de literatura brasileira, p.84.

ferramenta fundamental mesmo na constatação do que permanece insolúvel”.<sup>212</sup> O sertão é a ausência que permite a mudança em Euclides. Nas suas próprias palavras,

O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa.

E lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácita dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar.

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntesis; era um hiato. Era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava. (...)

Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos...<sup>213</sup>

Antes, o autor via os sertanejos sob o manto do determinismo biológico, no qual, adstrita “às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos”.<sup>214</sup> Passam-se páginas e o

agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regímen, capaz de derruir as instituições nascentes.

E Canudos era a Vendéia...<sup>215</sup>

Euclides não se importa em recapitular ao longo do livro, expondo o processo de mudança que se operava em um “livro em movimento”.

Contudo, é notório que muitos números de soldados feridos e dados sobre os jagunços de seu *Os sertões* não são exatos, mas escritos para, esteticamente, atingir o leitor, dando-lhe uma idéia do tamanho da tragédia. Euclides era

---

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 329-330.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>215</sup> Ibidem, p.131.

capaz de transformar os fatos em verdadeiros painéis artísticos de onde os sentimentos universais de dor, loucura, paixão e amor se desprendem. (...) Todavia, nada estaria indicando, com absoluta segurança, que o autor assim estivesse ‘elaborando’ a sua poética narrativa para seguir conscientemente certos passos previamente delineados, mas fica a impressão de que num dado momento, **entre as muitas contradições de seu pensamento**, uma estrela guia deveria ser colocada no horizonte do polígrafo que era dado a inventar, mas sempre com conhecimento de causa.<sup>216</sup> (Grifo meu)

Não por acaso, Leopoldo Bernucci cita, ainda, uma frase de Euclides da Cunha, publicada em sua *Obra Completa*, elucidando seu processo criativo: “Estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta...”<sup>217</sup>

Contudo, continuando com Bernucci, em *Os sertões* há dois modos discursivos. Um, aspirando a “objetividade do contar, ao rigor dos dados coletados”; outro, visando preencher as frinchas das narrativas históricas, alterar, se necessário, as qualidades particulares dos homens e dos objetos, com vistas a despertá-los do estado inerte em que se encontram, subjugados pelos fatos”<sup>218</sup>

### **Euclides, homem letra**

Ao embrenhar-se na caatinga, Euclides da Cunha, embebido de idéias, conhecimento e conceitos abstratos ia

ao contato da terra, adquiria alma nova e tudo descrevia com ênfase, vendo com exagerado entusiasmo os humildes burgos do interior baiano (...) Súbito, à vista de uma velha casa, uma vivenda histórica, abandona por um instante a paisagem, deixa o espaço, voltando-se para o tempo.<sup>219</sup>

E que vivência única essa ruptura entre espaço e tempo, tão própria à literatura.

Cisão que é representada tanto pela multiplicação dos *eus* na escrita, uma vez que o

<sup>216</sup> BERNUCCI, A ontologia discursiva de *Os sertões*, In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, p. 59-60.

<sup>217</sup> CUNHA, *Obra Completa* 2vols. Rio de Janeiro, Aguilar, p.621. *Apud*: Idem acima.

<sup>218</sup> BERNUCCI, A ontologia discursiva de *Os sertões*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, p. 60.

<sup>219</sup> ANDRADE, O., *História e interpretação de Os sertões*, pp. 144-145.

narrador, Euclides “se desdobra em personagem – sujeito do enunciado”.<sup>220</sup> Está em dois ou mais tempos ao mesmo tempo: na escrita automática da caderneta de campo; só, no momento de reflexão e lembrança; no que é narrado efetivamente em *Os sertões*. Ao narrar-se junto à descrição, insere-se num mundo de vários tempos, ou num mundo em que “o conceito de tempo, a sensação de que o tempo *passa*, supõe um movimento incessante de recomeço, de reiteração”, tal qual em algumas culturas ditas arcaicas.<sup>221</sup>

É essa cisão de *eus* que permite, ao texto literário, “tirar partido do fato de os dois ‘eus’ não serem necessariamente coincidentes. Pressupõe mesmo que há uma grande distância entre eles”.<sup>222</sup> O processo da escrita realizada pela *experiência literária* se constitui num debate entre vários *eus*, local por excelência em que as mudanças de opinião, nem que minimamente, ocorrem.

Daí, como veremos posteriormente, que essa *experiência* resulte em *escritura*, não somente na acepção de palavra escrita, mas principalmente naquela que estabelece *elos, linhagens, tradições* enfim. Referência para textos passados e futuros. Atemporal e que se constituem quando “o centro não é o centro”, conceito “contraditoriamente coerente. E como sempre, a coerência na contradição exprime a força de um desejo”.<sup>223</sup> E, como sabemos, o desejo faz o sujeito. A *escritura* literária, como sujeito, atua no mundo; deixa brechas à interpretação, estimula a criação.

Assim, o centro torna-se movimento contínuo e “disforme”, visto a diferença de interpretações de diferentes sujeitos. Não só do sujeito multifacetado da escrita, nos quais a “qualidade e a fecundidade de um discurso medem-se talvez pelo rigor crítico com que é pensada essa relação com a história da Metafísica e aos conceitos herdados.

---

<sup>220</sup> BRANDÃO; PESSOA, *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*, p. 17.

<sup>221</sup> *Ibidem*, p. 44-45.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>223</sup> DERIDA, *A escritura e a diferença*, p. 230.

Trata-se aí de uma relação crítica à linguagem das ciências humanas e de uma responsabilidade crítica do discurso”.<sup>224</sup> Já citamos partes em que Euclides adota o discurso de velhos mestres e, noutras, que os olha com um olhar crítico, tornando-os relativos, descentrando-os. Relatividade legada à *escritura*, quando o deslocamento etnocêntrico se dá literariamente, nos sujeitos múltiplos e distintos que se encontram na *experiência literária*.

Conceito fragmentário, bem ao gosto de Benjamin, a *experiência literária*, proposta pelo filósofo francês Maurice Blanchot, pode ajudar-nos a localizar um silêncio fértil, em contraposição à “pobreza da experiência”.<sup>225</sup> Uma fertilidade advinda não só do fato de que o calar é uma maneira de nos expressarmos, mas, principalmente, da proposição de que preencher o silêncio é “a condição, a intenção e a virtude da palavra”.<sup>226</sup> A literatura alçada, se não à posição de último refúgio da experiência humana, ao menos à condição de guardiã de sua riqueza.

E se duas experiências concretas e similares, a vivência da guerra de trincheiras – clássica no início da 1ª Guerra Mundial e um tanto quanto “adaptada” no cerco estabelecido durante a 4ª expedição do exército brasileiro contra Canudos<sup>227</sup> –, ocasiona silêncios tão distintos, certamente a diferença entre eles não está nas condições

---

<sup>224</sup> DERIDA, *A escritura e a diferença*, p. 235.

<sup>225</sup> BENJAMIN, *Experiência e pobreza*. In: *Obras Escolhidas* vol. 1.

<sup>226</sup> BLANCHOT, *A parte do fogo*, p. 66.

<sup>227</sup> O cerco estabelecido sobre Canudos pela 4ª expedição traz algumas características da guerra de trincheiras, tais como a existência da “terra de ninguém”, local de convergência de ambos os fogos, amigo e inimigo; a luta por posições e o conseqüente imobilismo dos soldados dos dois lados do conflito, que acabavam, até mesmo por conversarem, como vemos nessa passagem de *Os sertões*: “Os soldados da linha negra, na tranqueira avançada do cerco, tratavam, às vezes, noite velha, longas conversas com os jagunços. O interlocutor da nossa banda subia à *berma da trincheira* e, voltado para a praça, fazia ao acaso um reclamo qualquer, enunciando um nome vulgar, primeiro que lhe acudia ao intento, com voz amiga e lhana, como se apelidasse algum velho camarada; e invariavelmente, no âmago da casaria, ou mais de perto, de dentro dos entulhos das igrejas, lhe respondiam logo, com a mesma tonalidade mansa, dolorosamente irônica.” CUNHA. *Os sertões*. p.316. (Grifo meu). Para características da guerra de trincheira, ou “guerra clássica”, bem como a passagem deste tipo de guerra para a moderna, ver: ECKSTEIN. *A Sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*.

materiais, no vivido, mas na forma como esse vivido afeta o sujeito. Há, portanto, nesse jogo de afetos que constitui a *experiência literária*, uma subversão da divisão entre dentro e fora, sujeito e mundo, a qual acaba por abalar qualquer certeza constituída, uma vez que quem escreve já não é mais um, e o que se escreve também já não é mais, já era e virá a ser.

O Euclides da Cunha surgido na escrita d’*Os sertões* desencadeou uma profusão de discursos, não só sobre o tema de Canudos, como também sobre a própria condição do homem sertanejo. Ao cunhar nesse livro o *conceito de sertão*, demonstrava o imenso hiato entre os valores e princípios que a recém criada República Brasileira prometia e o que se fazia no projeto modernizante brasileiro; uma “modernização sem modernidade, sem a incorporação dos valores de um destino comum a ser compartilhado na arena pública”.<sup>228</sup>

Em Canudos, a arena era outra, da natureza – “elipse majestosa de montanhas”,<sup>229</sup> “ficção geográfica” na qual a “separação social completa (...) criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria”<sup>230</sup>; povoado incômodo “reduzido a grande praça deserta, sempre”.<sup>231</sup> Para se afirmar como novo sistema político, essa república não incorporava os *párias* – homens expatriados, não reconhecidos como cidadãos em sua própria pátria. Ora deixava-os abandonados numa situação em que a esperança é provisória e sobrenatural; ora promovia a barbárie para corrigir os supostos desvios de conduta provenientes dessa situação. Contudo, não previa que a modernidade literária – e a conseqüente incorporação heróica dos párias – já se mostrava nos textos de um meio Positivista, afeito ao naturalismo, como o era Euclides; nem mesmo que os

---

<sup>228</sup> MIRANDA, Cenas urbanas: a violência como forma, In: Pensar a república, p. 181.

<sup>229</sup> CUNHA, Os sertões: campanha de Canudos, p. 33.

<sup>230</sup> Ibidem, p. 300.

<sup>231</sup> CUNHA, Os sertões: campanha de Canudos, p. 331.

crimes perpetrados por políticos e generais não saíam impunes, perdidos na “caducidade das coisas humanas”.<sup>232</sup>

O que Euclides não sabia era que, ao embarcar, no Rio de Janeiro, em um navio de nome *Espírito Santo*, rumo à Bahia, de fato, começava a adentrar os instáveis caminhos da escritura – “toda arte nascida de uma experiência e ligada a ela (...) é sem fim, sem repouso, termina contestando-se”.<sup>233</sup>

### 3º CAPÍTULO

#### *Espelho poliédrico: o aberto da escritura, o aberto do sertão*

#### **O sertão, vazio da palavra**

---

<sup>232</sup> BENJAMIN. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo, p. 84.

<sup>233</sup> BLANCHOT, A parte do fogo, p. 204.

Houve diversos livros sobre a guerra de Canudos, como vimos no 1º Capítulo, que foram lançados antes de *Os sertões*. Em sua maioria, contentavam-se com o imaginário simples, com os estereótipos pitorescos ou com a simples descrição. Isso não os desmerece em absoluto; todos têm o seu valor literário e mesmo histórico.

Mas se buscarmos a “origem” da palavra sertão, veremos que não descende de *desertão*, como se costuma pensar. Gustavo Barroso, após exaustiva e erudita pesquisa, diz que

a palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal (...); nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim com a de **interior**, de distante da costa. (...) Pode até ser formado por florestas [**Como nos Ensaios Amazônicos, de Euclides**], contanto que sejam afastadas do mar. (Grifo e intervenção meus)<sup>234</sup>

Escrevia-se

mais frequentemente com *c*, (certam e certão, como aliás aparece em folhetos proféticos encontrados em Canudos) do que com *s*. E vai encontrar etimologia correta no *Dicionário da língua bunda de Angola*, do frei Bernardo Maria de Carnecatim (1804), onde o verbete *muceltão*, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras. Ainda mais na língua original era sinônimo de “mato”, (...) só depois ampliando-se para “mato longe da costa”.<sup>235</sup>

Classificada por Euclides da Cunha como “terra ignota”, desconhecida, o sertão mostrava-se ainda por se fazer conhecer. E, pelo jeito, ainda por escrever, visto se representar, à primeira vista, como “um *claro expressivo*, um hiato” (Grifo meu).<sup>236</sup> De

Minas a Goiás, ao Piauí, aos extremos do Maranhão e Ceará pelo ocidente e norte, e às serranias das lavras baianas, a leste. Povoara-se e crescera autônoma e forte, mas obscura, desadorada dos cronistas do tempo, de todo esquecida não já pela metrópole longínqua senão pelos próprios governadores e vice-reis.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> GALVÃO, *O Império do Belo Monte* – vida e morte de Canudos, p. 16.

<sup>235</sup> Idem.

<sup>236</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 23.

<sup>237</sup> Ibidem, p. 71.

Euclides via o *sertão* em Canudos, “reduzido à grande *praça* deserta sempre, larga clareira”.<sup>238</sup> A escolha da palavra “praça” pelo “republicano utópico”, certamente não fora aleatória, visto o simbolismo político que *praça* evoca, desde a república grega, de lugar por excelência do debate da *res publica*, ou coisa pública. Constatava, autocrítico ou melancólico:

– “E Canudos era a Vendéia...”<sup>239</sup>

Decepcionado, mas não desesperançado, chega mesmo a afirmar que, no Brasil, “tivemos de improviso, como herança, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na *penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço de nossa gente*”(Grifo meu).<sup>240</sup> Mas protestava, em alto e bom som:

Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro (...)<sup>241</sup>

Contudo, já apresentava idéias de incorporação do até então *hiato* em terras brasileiras, propondo que “se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários”.<sup>242</sup>

Apesar do pejorativo adjetivo – “retardatários” –, há que se reconhecer mudanças na forma de interpretar o mundo, a política, pois propõe mudanças, intervenções na forma como o governo tratava os *locus mediterraneus*, abandonados pelo poder público.

---

<sup>238</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>239</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> Ibidem, p. 302.

<sup>242</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 302.

A mudança do Euclides da escrita de gabinete para o Euclides da *experiência literária* é gritante. Como cronista no Rio de Janeiro,

a marcha do Exército Nacional (...) é uma página vibrante de abnegação e heroísmo. (...) Mas amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales (...) as veredas estreitas por onde passam, esta hora, admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República.<sup>243</sup>

Já no processo de *escritura* – passados os estudos, a experiência em campo e a escrita diária, no isolamento em sua cabana às beiras do Rio Pardo, provavelmente rodeado de anotações, perguntava-se: “Exageramos?”.<sup>244</sup> O livro nos dá pistas da ambigüidade. O escritor utilizava-se do pronome pessoal “nós”, para se referir ao autor-narrador e ao exército, unindo-se aos militares; “Era preciso marchar e vencer”, afirmava.<sup>245</sup> Depois concluía, sobre os cronistas da época:

Sem a preocupação da forma, sem fantasias enganadoras, aqueles cronistas rudes deixavam por ali, indelével, o esboço real do maior escândalo da nossa história — mas brutalmente, ferozmente, em pasquinadas incríveis —, libelos brutos em que se casavam pornografias revoltantes e desesperanças fundas, sem uma frase varonil e digna. A onda escura de rancores que rolava na estrada chofrava aqueles muros, entrava pelas casas dentro, afogava as paredes até ao teto...<sup>246</sup>

É que a “História não iria até ali”,<sup>247</sup> meditava. Mas era preciso escrever, e a necessidade era tão grande que até mesmo um estilo já meio regionalista começava a afetar a forma culta na qual o livro é quase todo escrito – “O sertão é o homizio, quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz do assassinado, não indaga do crime, tira o chapéu e passa”.<sup>248</sup> Frase bem ao que, posteriormente, poder-se-ia

<sup>243</sup> \_\_\_\_\_, “A nossa Vendéia II”, In: Canudos e outros temas, pp. 14 -15.

<sup>244</sup> \_\_\_\_\_, Os sertões: campanha de Canudos, p. 213.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>246</sup> CUNHA, Os sertões: campanha de Canudos, p. 304.

<sup>247</sup> CUNHA, Os sertões: campanha de Canudos, p. 329.

<sup>248</sup> *Idem*.

classificar de estilo de Guimarães Rosa, mesclando a fala regional à escrita culta, sem detrimento daquela.

Contudo, ao escrever *Os sertões*, Euclides pretendia um *livro ideal*, que

seria expor toda coisa sobre um tal plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais (...), um encadeamento quebradiço de afetos com velocidades variáveis, precipitações e transformações, sempre em correlação com o fora.<sup>249</sup>

A descrição deste “ideal de um livro”,<sup>250</sup> parece sob medida para uma descrição d’*Os sertões*. Propõe, como realizado no livro de Cunha, uma multiplicidade de discursos que tenta reiteradamente abarcar esse *claro expressivo* que é o sertão. E se pensarmos o texto de *Os sertões* tanto com o conceito de *rizoma* quanto com o de *escritura*, chegamos a uma mesma conclusão.

O livro *rizoma* “existe apenas pelo fora e no fora (...) Estranha mistificação esta do livro, que é tanto mais total quanto fragmentada (...) como imagem, não pára de se desenvolver a idéia do Uno que se torna dois, depois dois que se tornam quatro...”.<sup>251</sup> Já se pensarmos o livro como *escritura*, o *suplemento* – que é o olhar do próximo – gera um deslocamento metafórico em qualquer objeto ou conhecimento, proporcionando, potencialmente, infinitas leituras. Assim, a literatura, nosso objeto, não tem mais seu valor intrínseco ou sua interpretação definidos interna ou externamente; sua crítica só se dá se posta em perspectiva, realizada por cada indivíduo “em relação a” – se dá na comunidade de leitores, num movimento de ação participativa, quiçá política.

Não “se pode impedir-se de querer dominar a ausência e, no entanto, (...) [o] ato de escrever seria essencialmente – e aqui de forma exemplar – o maior sacrifício visando a maior reapropriação simbólica da presença. (...) Do lado da experiência, um

---

<sup>249</sup> DELEUZE; GATTARI, Introdução: Rizoma, In: *Mil Platôs*, p. 17-18.

<sup>250</sup> Ibidem, pp. 11- 37.

<sup>251</sup> Ibidem, pp. 12 -14.

recurso à literatura como reapropriação da presença. (...) A morte pela escritura também inaugura a vida”.<sup>252</sup>

Para Euclides, “Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do Norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona central comum”.<sup>253</sup> Reforçava, com o tempo, também, sua idéia de sertanejos enquanto *párias* extemporâneos, demonstrando “o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos”.<sup>254</sup>

Não é de se estranhar, portanto, que esse autor produzira mais que um livro – uma *escritura*, essa “ausência viva”. Enclausurou-se na cabana que lhe coube quase todo o tempo em que produzira *Os sertões*. Pode-se gracejar que supervisionara a obra na ponte sobre o Rio Pardo “nas horas vagas”. Euclides da Cunha, imerso na *experiência literária*, parecia mesmo afirmar na sua escrita: “renuncio à minha vida presente, à minha existência atual e concreta para me fazer reconhecer na idealidade da verdade e do valor”.<sup>255</sup>

---

<sup>252</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, pp. 175-176

<sup>253</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 36.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 131.

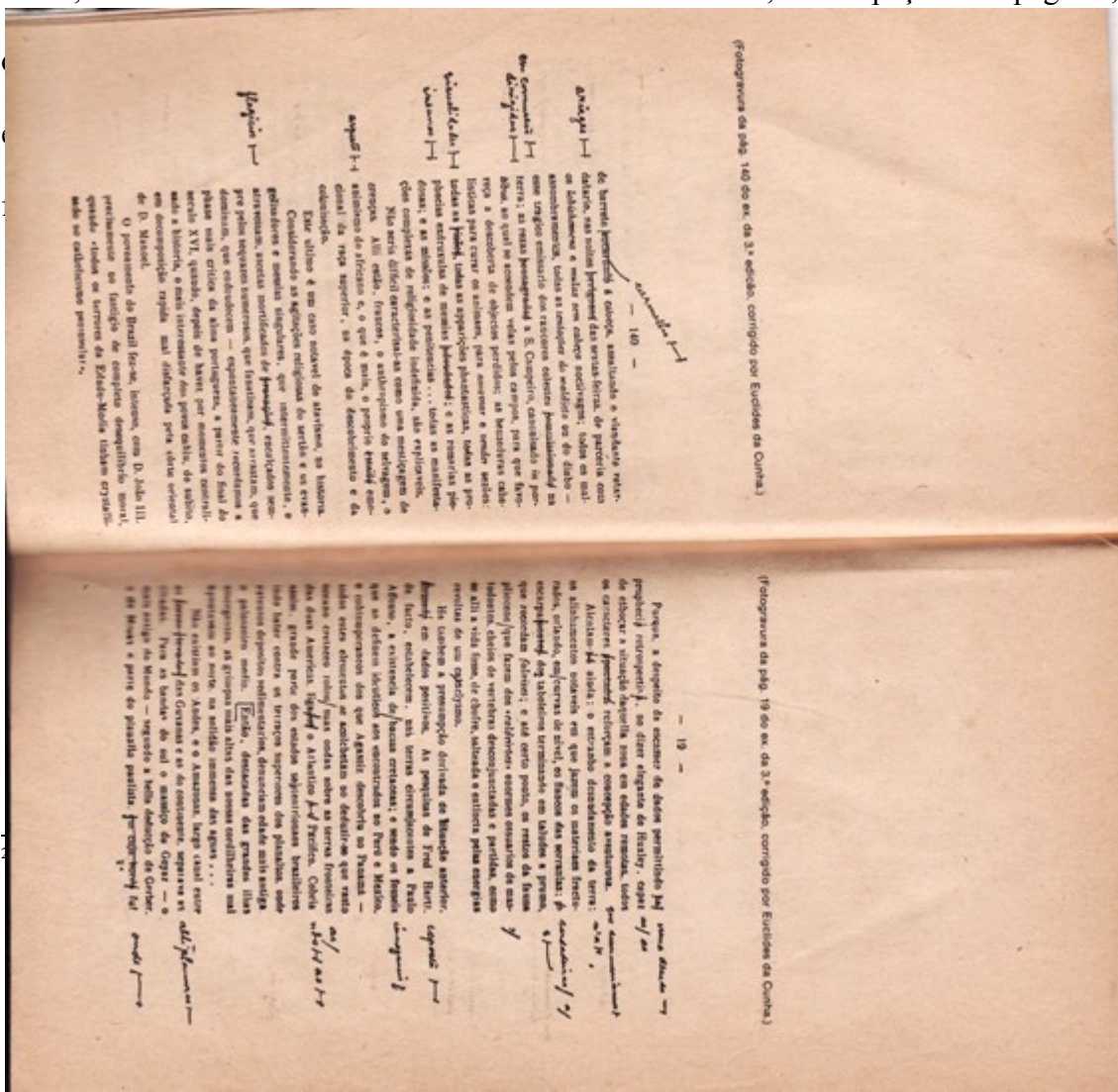
<sup>255</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 175.



A cabana em que Euclides da Cunha viveu dias e noites seguidas, durante a construção da ponte de Rio Pardo e onde escreveu grande parte da sua obra prima, o livro "Os Sertões".

(Cabana em que Euclides da Cunha escreveu o livro *Os sertões*. 1898. Local: São José do Rio Pardo – SP. Acervo Casa Euclidiana – SP).

E o interessante é que, na escrita, a verdade e o valor mudam, assim como o escritor. E essa mudança não é editada – de modo a deixar o livro com um pensamento coeso, ou com uma verdade única – mas deixada ali, no espaço das páginas,



(Fotografia da pág. 140 do ex. da 3ª edição, corrigido por Euclides da Cunha.)

(Fotografia da pág. 19 do ex. da 3ª edição, corrigido por Euclides da Cunha.)

(Duas páginas da 3ª edição de *Os sertões*, com as últimas modificações feitas por Euclides da Cunha).<sup>257</sup>

Nesse pequeno exemplo da última revisão feita pelo autor, já se pode entrever a construção de uma prosa cantada, que se preocupa, ao que parece, mais com a musicalidade do signo obscuro que encanta, que com o sentido – as noites, de perigosas, passam a aziagas; visões tornam-se visualidades; terras altas são altiplanuras; e a “borda”, desde então, “fulgurava”.<sup>258</sup> Mais a frente, veremos o conceito de *significantes fraturados*, que nos ajudará a entender a escolha desse estilo.

O que nos interessa, ainda, é que, talvez devido à riqueza e à “instabilidade do objeto”, o autor tenha se visto obrigado a criar axiomas próprios à realidade que o

---

<sup>257</sup> Reprodução das páginas 8 e 9 encontradas em CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos.

<sup>258</sup> Referência às modificações feitas pelo autor, retiradas das páginas reproduzidas acima.

cercava. “Euclides teria superado a mera importação das teorias e fundado a *diferença* com a coragem de enfrentar a singularidade de seu país”(Meu grifo).<sup>259</sup> A *escritura* é “sempre atonal. O lugar do sujeito nela é tomado por um outro, ela é furtada (...) Assim se explica a *alteridade* absoluta da escritura”.<sup>260</sup> O Euclides da *experiência literária* torna-se um outro quando, cheio de conceitos e certezas da cidade, adentrava o norte do sertão baiano, sem saber que

o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez — bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas.<sup>261</sup>

E o sertão, não era só Canudos – a ausência a ser incorporada era a de *um terço de nossa gente*, como citado acima. Nunca mais o autor separou-se do *tema sertão*. Esse tema o acompanhou até após sua morte, quando foi postumamente lançado o livro *Contrastes e confrontos*, a partir de material escrito e da experiência adquirida durante a viagem ao Alto Purus, na fronteira entre Brasil e Bolívia, para evitar um embate diplomático e demarcar a fronteira entre os dois países.

Mas talvez, nessa primeira incursão a um sertão, tenha aprendido algumas lições – pensar literariamente, exigia, agora, corpo e alma – ao menos os cinco sentidos. Estava em completa sintonia com o mundo que vai marcá-lo. Não é soldado, nem sertanejo. O Euclides narrador – com a intensidade de sua veemência republicana – adentra a história cautelosamente. Mas é “*entre* os diferentes que se pode pensar a diferença (...) apagando-a ou superando-a, em uma in-diferença interessada, uma abertura para a humanidade do homem”.<sup>262</sup>

<sup>259</sup> AZEVEDO, Um desvio ‘às aberturas do dilema’, In: *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*, p. 84-87.

<sup>260</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 383-384.

<sup>261</sup> CUNHA, *Os sertões: campanha de Canudos*, p. 215-216.

<sup>262</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 272.

Ao viver a primeira “*Experiência*, (...) evoca uma espécie de atravessamento, de que somos sujeito e objeto na escrita”.<sup>263</sup> Certamente Euclides nunca mais foi o mesmo. A *escritura*, principalmente a literária, “brota assim que o desejo apaixonado excede a necessidade física, assim que se *desperta* a imaginação que desperta a piedade e dá movimento à cadeia suplementar”,<sup>264</sup> na qual não há centro fixo e a contribuição do leitor – ou até mesmo legente – acrescentam possibilidades infinitas, proporcionando um caráter aberto; interpretações as mais diversas possíveis; e, por fim proporcionando diálogos improváveis na tradição.

E, frente ao vazio do sertão – “a escritura acusa esta ausência”<sup>265</sup> – o “projeto de repetir a coisa correspondente [o sertão] já é uma paixão social e comporta, pois, uma metaforicidade, uma translação elementar”.<sup>266</sup> Para representar essa ausência metafórica e conceitualmente, usando artificios da poética e da ciência, “a articulação e conseqüentemente o espaço da escritura operam na origem da linguagem”.<sup>267</sup> Dissolve-se o “tempo sempre presente, sem presença. Aí se desenha o ‘espaço literário’, campo sem tempo em que a obra é. (...) Ali jaz a obra sempre por vir”, sem destino.<sup>268</sup>

Ou, segundo Derrida, “não se trata de complicar a estrutura do tempo, conservando-lhe sua homogeneidade e sucessividade fundamentais, mostrando, por exemplo, que [na literatura] o presente passado e o presente futuro constituem originariamente, dividindo-a, a forma do presente vivo”.<sup>269</sup>

---

<sup>263</sup> ANDRADE, O desassossego da escrita – O neutro em Blanchot In: Maurice Blanchot, BRANCO,; BARBOSA; SILVA (Org.). São Paulo, Annablume, 200, p. 89.

<sup>264</sup> DERRIDA, Gramatologia, p. 265.

<sup>265</sup> Ibidem, p. 357.

<sup>266</sup> Ibidem, p. 356.

<sup>267</sup> Ibidem, p. 279.

<sup>268</sup> BRANCO, A solidão essencial, p. 29.

<sup>269</sup> DERRIDA, Gramatologia, p. 82.

E se o “interesse de escrever reclama uma conceitualidade nova”,<sup>270</sup> a

experiência natural deve descobrir um campo de experiência transcendental (...); só é acessível na medida em que (...) coloca-se a questão da origem transcendental do próprio sistema dos objetos de uma ciência, e, correlatamente, do sistema teórico que o estuda: aqui, do sistema objetivo e “dedutivo” que quer ser a glossemática [Ciência que estuda a nomeação das coisas].(Minha intervenção)

O *tema sertão* acompanharia o autor até após sua morte, como dito anteriormente. Euclides escrevera reportagens, ensaios, crônicas e o prefácio do livro de contos *O Inferno Verde*, de seu amigo Alberto Rangel. Utilizando-se desse material então inédito, começa a escrever, em 1906, o livro *Um paraíso perdido*, sobre sua experiência no Amazonas, cujo título evoca o poema *Paradise lost*, do escritor inglês John Milton.

A ausência requer nomeação, palavra que nomeia. E, ao nomear, a palavra tenta por ordem no caos; eliminar a ausência. Mas, ao metaforizar e mimetizar a ausência do sertão, Euclides escrevia a palavra *começante*, que “é aquela que traz, em seu eterno repisar, a estranheza da língua original. Não a grande origem, mas um acanhado e contínuo começo”.<sup>271</sup> Palavra que se dá “na ausência de critérios suficientes de classificação (...) acaba por se dar pela aproximação analógica. (...) onde falha a classificação advém a imaginação”.<sup>272</sup>

Tanto em *Canudos*, quanto nos *demais sertões*,

o campo da sociedade se estende ao ponto de ausência, do invisível, do inaudível, do imemoriável, quando a sociedade local é deslocada ao ponto que os indivíduos não aparecem mais uns aos outros, tornam-se sujeitos a serem imperceptíveis, começa a era da escritura.<sup>273</sup>

---

<sup>270</sup> Ibidem, p. 291.

<sup>271</sup> ARAÚJO, O ramo do primeiro sol, In: Maurice Blanchot, BRANCO,; BARBOSA; SILVA (Org.), p. 42.

<sup>272</sup> MACIEL, O Inclassificável, In: [http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/ale\\_15/ale15\\_mem.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_15/ale15_mem.pdf), p. 158.

<sup>273</sup> DERRIDA, Gramatologia, p. 344.

A escritura d’*Os sertões* não vem falar *sobre* o vazio, mas expressar, em si, o vazio que se dá na ausência da lei, da palavra. Tanto “na escrita como na pintura, o silêncio, silêncio majestoso, mutismo em si inumano e que faz passar na arte o estremecimento das forças sagradas, essas forças que, pelo horror e pelo terror, abrem o homem para regiões estranhas”.<sup>274</sup>

E é bom lembrar que “todas as grandes histórias da escritura se abrem pela exposição de um projeto classificatório e sistemático”.<sup>275</sup> Portanto, vamos agora explorar o aberto do *sertão* e da *escritura*, considerando-se o caráter taxonômico de Euclides da Cunha em busca de seu *livro ideal*, bem como o que pode ser chamado de seu *projeto enciclopédico* do sertão. Começemos a explanar o conceito de *escritura* e, em seguida, veremos o *projeto enciclopédico*.

### **Alguns aspectos da *escritura* e do *jogo***

O conceito de *escritura* vem atravessando diversas tendências críticas ao longo dos anos, de forma que, fiel às próprias proposições, incorpora sentidos novos ao longo de sua história. É Edson Rosa quem vem nos informar sobre a etimologia da palavra, bastante produtiva para a leitura do conceito. Segundo Rosa, *escritura* deriva “do *participio futuro ativo* do verbo latino *scrivere*, qual seja, *scripturus, a, um*. (...) Assim, *scriptura*, na forma coletiva do neutro plural, e no caráter ativo de sua ação, inscreve-se no presente da língua sempre em tempo futuro, com um valor temporal em curso, (...) nutrindo-se do sentido que foi e desequilibrando o que poderá vir a ser”<sup>276</sup>.

Talvez devido a sua etimologia, esse conceito, proposto pelo Roland Barthes estruturalista em *Le degré zero de l’écriture*, já significasse

---

<sup>274</sup> BLANCHOT, *A besta de Lascaux*, p. 08.

<sup>275</sup> Ibidem, p. 101.

<sup>276</sup> SILVA. *Escritura/Scriptura: a poética de um sentido por vir*, p.116.

a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sua obra sai e para a qual se destina. (...) Presa entre dois tempos, a *escritura* está igualmente amarrada a dois objetivos aparentemente contraditórios: dizer a história (voltar-se para o mundo) e dizer a literatura (voltar-se para ela mesma).<sup>277</sup>

Posteriormente, Barthes agregaria à *escritura* enquanto escolha moral e compromissada com a história, o caráter de “*radicalização de um estilo, numa fusão de pensamento e impulso inconsciente*”.<sup>278</sup> De certa forma, é a partir da visada entre coletivo e subjetivo, entre sociedade e indivíduo, que esse conceito será trabalhado por outros autores. Neste trabalho, mais especificamente, nos interessa a visada de Jaques Derrida, que procura embasar o conceito principalmente a partir do *Essai sur l'origine des langues*, de Jean Jaques Rousseau.

Para Derrida, a *escritura* é a palavra inaugural e, portanto, perigosa e angustiante – inaugural não “por ela criar, mas por uma certa liberdade absoluta de dizer, de fazer surgir o já lá no seu signo, de proceder aos seus augúrios”.<sup>279</sup> Assim, criar é revelar, e a linguagem, “liberta de suas funções sinalizadoras”, deixa de ser utilizada “como informação natural, biológica ou técnica, como passagem de um sendo a outro ou de um significante a um significado”.<sup>280</sup> É então que “o conceito de *escritura* começava a ultrapassar a extensão da linguagem (...); ‘significante do significante’, não mais define a reduplicação accidental e a secundariedade decaída (...), descreve, ao contrário, o movimento da linguagem”<sup>281</sup>.

É no *Essai sur l'origine des langues*, de Rousseau, que Derrida vai buscar a teoria do suplemento, essencial para entendermos a potência que esse autor encontra no conceito de *escritura*. Nesse texto, Derrida encontra a proposição de que a *escritura*

<sup>277</sup> PERRONE-MOISÉS. *Crítica e Escritura*, p. 35-37.

<sup>278</sup> Ibidem, p.39.

<sup>279</sup> DERRIDA, *A escritura e a diferença*, p. 26.

<sup>280</sup> DERRIDA, *A escritura e a diferença*, p.26.

<sup>281</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 08.

primeira “passava por mero ‘suplemento da fala’”, ao que contrapõe que “ou a *escritura* não foi nunca um mero ‘suplemento’, ou então é urgente construir uma nova lógica do ‘suplemento’”.<sup>282</sup> E ele vai encontrar essa “nova lógica” no próprio *Essai*, onde

Utilizando a palavra e descrevendo a coisa, Rousseau desloca e deforma de um certo modo o signo ‘suplemento’, a unidade do significante e do significado, tal como ela se articula entre os nomes (suplemento, suplente), os verbos (suprir, substituir-se), os adjetivos (suplementar, supletivo) e faz jogar os significados no registro do mais ou do menos. Mas estes deslocamentos e estas deformações são regidos pela unidade contraditória – ou também suplementar – de um desejo.<sup>283</sup>

A partir dessa leitura, Derrida depreende que esses deslocamentos são regidos por unidades contraditórias de um desejo; unidades contraditórias que Rousseau quer salvar, simultaneamente, ambas. Derrida lembra que isso ocorrerá com a ajuda da psicanálise – “no sonho, tal como Freud o analisa, incompatíveis são admitidos simultaneamente, desde que se trata de consumir um desejo, a despeito do princípio de identidade”.<sup>284</sup> Opera-se, então, uma subversão do pensamento contido no *Essai*, quando

Rousseau, preso – como a lógica da identidade – *no* gráfico da suplementariedade, diz o que ele não quer dizer, descreve o que ele não quer concluir: que o positivo (é) o negativo, a vida (é) a morte, a presença (é) a ausência, e que essa suplementariedade repetitiva não é compreendida em nenhuma dialética, pelo menos se esse conceito for comandado – como sempre foi – por um horizonte de presença.<sup>285</sup>

Portanto, se na *escritura* o signo mudo está “no lugar de” – tanto no do que representa, quanto no de quem diz o que representa –, ele é a indicação de uma ausência. Para que ele exista, o positivo é negativo, a morte é vida – “reapropriação simbólica da presença”.<sup>286</sup> Assim,

---

<sup>282</sup> Ibidem, p. 09.

<sup>283</sup> Ibidem, p. 298.

<sup>284</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 299.

<sup>285</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 299.

<sup>286</sup> Ibidem, p. 175.

através da circulação e das remessas infinitas, de signo em signo e de representante em representante, o próprio da presença já não tem lugar: (...) não se pode mais dispor do sentido, não se pode mais detê-lo, ele é arrebatado num movimento sem fim de significação.<sup>287</sup>

Encontra-se aí a *nova lógica do “suplemento”* que, apostado a qualquer estrutura, engendre significados múltiplos, com os quais se busca, a partir de inumeráveis pontos de vista, de diferentes saberes, suprir a “falta original” que o signo engendra. Pois não há “significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes, que constitui a linguagem. O advento da *escritura* é o advento do *jogo*”.<sup>288</sup>

E é Wolfgang Iser, em suas considerações n’*O jogo do texto*, quem chama a atenção para o fato de que, estabelecido o espaço do *jogo* entre escritor e leitor no texto literário, “traços mutuamente excludentes se entremesclam e assim convertem o significado do texto em uma espécie de suplemento”.<sup>289</sup> Isso porque considera que “autor, texto e leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida com um processo em andamento que produz algo que antes inexistia”.<sup>290</sup>

Fica claro que, para Iser, a literatura se realiza apenas a partir dessa relação; antes dela, o texto são mundos possíveis, latentes, pois que prescinde da “atividade suplementar” do leitor, que obrigatoriamente agrega sentido, convertendo a obra em processo, “modo de criação de mundo”.<sup>291</sup>

Dessa forma, dialoga diretamente com o conceito de *escritura* derridiano, que também compreende ser “este movimento do jogo, permitido pela falta, pela ausência

---

<sup>287</sup> Ibidem, p. 285.

<sup>288</sup> Ibidem, p. 08.

<sup>289</sup> ISER, *O jogo do texto*, p. 109.

<sup>290</sup> ISER, *O jogo do texto*, p. 105.

<sup>291</sup> Ibidem, p. 106.

de centro e de origem”,<sup>292</sup> um movimento da *suplementariedade* – “substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito”.<sup>293</sup>

Quando a escrita d’*Os sertões* constitui-se tanto “de um ato mimético [quanto de] em um ato performativo”<sup>294</sup> – uma vez que a linguagem, por vezes, imita a rudez do que descreve, ao longo da performance da leitura – é criada uma atividade suplementar que se mostra ao leitor como *significantes fraturados* – menores espaços do jogo ficcional, quando “o significante significa algo e simultaneamente indica que não significa aquilo”.<sup>295</sup> Quando a palavra é, acima de tudo, estética, sonora e pictórica, desquitando-se do conceito, do significado. Aqui, também, “algo ausente é dotado de presença (...); no momento em que isso se torna concebível, o receptor tenta atribuir significação ao ‘suplemento’ e todas as vezes que isso suceda o texto é traduzido nos termos à disposição do leitor individual”.<sup>296</sup> Com a oscilação entre denotação e figuração proporcionada pelos *significantes fraturados*, o texto é transformado “em uma matriz geradora para a produção de algo novo”.<sup>297</sup>

Mas será que todo gênero literário se presta, por igual, à abertura de significados proposta por Iser e Derrida? Provavelmente isso não seja uma questão de gêneros – algumas obras, mais que outras, certamente demonstram maior disposição para entrar no *jogo*. Contudo, vale levantar algumas questões.

A primeira questão se dá ao considerarmos a concepção de romance moderno proposta por Lukács, em *A teoria do romance*. Nessa concepção, grosso modo, o romance seria “a epopéia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é

<sup>292</sup> DERRIDA, *A escritura e a diferença*, p. 245.

<sup>293</sup> *Ibidem*, p. 244.

<sup>294</sup> ISER, *O jogo do texto*, p. 110.

<sup>295</sup> *Idem*.

<sup>296</sup> ISER, *O jogo do texto*, p. 110.

<sup>297</sup> *Ibidem*, p. 112.

mais dada de modo evidente, para a qual a imanência de sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade”.<sup>298</sup> Pretende, desse modo, sanar a “falta de sentido imanente (...) no início da época em que o deus do cristianismo começa a deixar o mundo”.<sup>299</sup> Almejando essa totalidade, com a qual pretende forjar um sentido na fragmentariedade de sua época, esse gênero não sacrifica seu caráter aberto?

Iser nos responderia que “todas as formas de significado não passam de mecanismos de defesa destinados a conseguir o fechamento em um mundo em que reina a abertura, a falta de conclusão”,<sup>300</sup> ao que Derrida complementaria que a “totalização é (...) inútil, (...) impossível”,<sup>301</sup> devido à ausência de um centro, pois, segundo o próprio Lukács, “a forma transcendental e criadora da realidade da obra só pode surgir quando, nela, uma verdadeira transcendência tornar-se imanente (...), a imanência de uma superfície que recobre as fissuras, mas que nem sequer como superfície pode reter essa imanência, e também como tal tem de tornar-ser lacunosa”.<sup>302</sup> O romance, então, *pode* tornar-se aberto, a despeito de pretender ser uma “totalidade criada”.

A segunda questão se dá quando consideramos os gêneros *ensaio* e *relato de viagem*. Ilka Boaventura Leite afirma, em *Antropologia da Viagem*, que os “escritos dos viajantes do século XIX apresentam muitos aspectos comuns, o que faz com que sejam tratados (...) até mesmo, como um gênero à parte”, devido, de modo especial, à “relação de dependência entre *palavra* e *ação*, que caracteriza esses relatos”.<sup>303</sup>

---

<sup>298</sup> LUKÁCS, A teoria do romance, p. 55.

<sup>299</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>300</sup> ISER, *O jogo do texto*, p. 114.

<sup>301</sup> DERRIDA, A escritura e a diferença, p. 244.

<sup>302</sup> LUKÁCS, A teoria do romance, p. 95.

<sup>303</sup> LEITE, Antropologia da viagem, p. 80.

Como já afirmamos no primeiro capítulo, “a viagem não é uma continuação da sua vida. É um momento distinto, marcado pelo antes e pelo depois (...) onde [ele] se permite sair de sua condição de cidadão, para entrar na condição de estrangeiro. Ao sair de seu cotidiano, de sua cultura, de sua língua, de seu referencial de identidade máxima, entra num outro tipo de existência – a do outro”.<sup>304</sup> Dessa forma, adquire “consciência da existência do ‘outro’, tendo elaborado concomitantemente o seu conceito sobre a *diferença*”.<sup>305</sup>

Ademais, é também, como afirmado no 1º capítulo, um gênero que se constitui na ambigüidade, equilibrando-se entre maravilhamento e classificação, pois nunca consegue “separar, radicalmente, as linguagens da ciência e da literatura”.<sup>306</sup> Assim, a mescla de subjetividade e objetividade ajuda na construção da *diferença* e na abertura da obra. Já o *ensaio*, também “forma intermediária entre literatura (...) e um tipo de conhecimento construído segundo modelos da ciência e da filosofia”,<sup>307</sup> é gênero do fragmentário, da incerteza e que faz de “sua verdadeira dimensão, a de uma potência incitante”<sup>308</sup> – pensamento experimental “que desloca consigo sua própria lei”.<sup>309</sup>

É deste improvável ponto de contato, da hibridez entre literatura e ciência, que nasce a falta da completude – nem um, nem outro. O *ensaio* torna-se, então, afeito ao *jogo*, iluminando “a cegueira que há nos objectos a que se refere, e que torna manifesto o não-idêntico, abalando desse modo a pretensão da cultura à unidade”.<sup>310</sup> Pensamento “por tentativas, que não teme o fracasso da totalidade”, privilegia as relações de

---

<sup>304</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>305</sup> LEITE, Antropologia da viagem, p. 96.

<sup>306</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>307</sup> LOPES, Literatura, defesa do atrito, p. 165.

<sup>308</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>309</sup> Ibidem, p. 174.

<sup>310</sup> Ibidem, p. 176.

vizinhança, num “tipo de composição discursiva construída sobretudo pela justaposição ou coordenação de elementos em vez de sua subordinação”.<sup>311</sup> Numa abertura provinda do caráter anti-hierárquico em relação à organização dos saberes para a compreensão do mundo, o ensaio baila à medida que “a descentração se torna visível sem nunca se chegar à perda de um efeito de centro”.<sup>312</sup>

Quem sabe a hibridez existente tanto no *relato de viagem* quanto no *ensaio* os deixem mais propícios para realizarem o *jogo da escritura* nos corpos de seus textos, por carregarem na concepção mesma de seus estilos a incompletude. E, como observamos anteriormente, no segundo capítulo, *Os sertões* nascem de uma mistura de estilos, podendo-se, facilmente, ser classificado como relato de viagem e ensaio.

### ***Projeto Enciclopédico – a instabilidade do discurso***

Caso considerássemos a literatura como forma singular de pensamento e interpretação do mundo, talvez pudéssemos achar sua singularidade no fato de ela apresentar certa potencialidade, advinda do caráter aberto de várias obras; qual seja, a do excesso de significado. Maria Ester Maciel, em *O inclassificável*, nos lembra que o conceito de *escritura*, em Barthes, se dá pela associação, na palavra grega *tophos*, de lugar e discurso, ou, mais especificamente, *atophos* – a *escritura* se dá quando o discurso está fora de lugar.<sup>313</sup>

A obra aqui estudada, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, demonstra a taxonomia arbitrária do cânone literário funcionando como contrapropaganda da obra – é visto, freqüentemente, como aponta Willi Bolle, em seu *grandesertão.br*, como um livro sobre

---

<sup>311</sup> Ibidem, p. 168.

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> MACIEL, O Inclassificável, p. 01.

a fundação criminosa da república brasileira, constituída, principalmente, através das armas, durante o episódio que ficou conhecido como a guerra de Canudos. Em suas palavras, *Os sertões* seriam uma espécie de “discurso diante do tribunal [da história]”, encarregando-se de julgar os conflitos que resultariam na destruição de Canudos; contudo, terminaria por legitimar essa destruição como “um inevitável *crime fundador*”.<sup>314</sup> Um belíssimo e chato retrato pormenorizado desse episódio. Talvez, ainda, a reiteração, em coro com os românticos, de que devemos achar nossa nacionalidade. E só.

Há diversas leituras, algumas muito mais “modernas”, ou afeitas ao gosto contemporâneo, que foram feitas da guerra de Canudos – seja no suporte do cordel, da literatura, brasileira e estrangeira, ou do teatro; seja no suporte da canção, da ópera ou do cinema. Pois bem, vários dentre os diversos autores, compositores, cineastas, etc, que realizaram suas próprias interpretações do episódio de Canudos, apontaram *Os sertões* como texto fundador, ponto de partida para a empreitada criativa que iriam realizar.

Existiria, então, n’*Os sertões*, certo excesso de significado que torna sua narrativa potencialmente destinada a gerar algo a partir de sua escrita, deixar uma marca outra no mundo que não a sua, gerar debate em um tempo que não o seu. Diversas obras literárias – chamadas aqui *escrituras* – deixaram este “rastros”, mas aqui vou me ater quase que unicamente ao livro citado.

Em *Os sertões* existe, certamente, um *projeto enciclopédico*; e tal afirmação não se dá por acaso, pulula neste texto literário. Ao demonstrarmos, no segundo capítulo, a diversidade de estilos que compõem esse “clássico”, reforçamos nosso argumento de lê-lo como *escritura*, inclassificável, pois “é passível de ser inserido (mesmo que

---

<sup>314</sup> BOLLE, *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, p. 38.

provisoriamente) em vários lugares ao mesmo tempo (...) por transitar em vários *topoi*, não se deixa aprisionar em nenhum”.<sup>315</sup> Tal afirmativa pode ser comprovada quando demonstramos o mosaico de discursos que se espalha por esse livro, como demonstrado nas páginas 67 e 68 desta dissertação.

O fato de que Euclides da Cunha continuou a “perseguir o sertão” como *tema*, mesmo após o término do livro aqui analisado – dos primeiros a adotar o discurso da *incorporação* de partes abandonadas do país pelo poder público brasileiro e pela ciência – apontam-no fundador de certo modo de pensar o Brasil. Poderíamos chamá-lo colecionador de vazios. Principalmente neste seu primeiro livro, quando,

na ausência de critérios suficientes de classificação, a definição de um fenômeno desconhecido acaba por se dar pela aproximação analógica. O que nos leva a afirmar que onde falha a classificação advém a imaginação. Na falta de critérios para se definir um objeto estranho, há que se inventar novas formas – sejam elas metafóricas ou não – para que ele possa ser descrito e classificado.<sup>316</sup>

Pelo jeito, Euclides da Cunha chegou perto do sempre distante perfeito. Em *Os sertões*, tenta perseguir a gênese do sertanejo, cansa, finge que alcança, e vai falar sobre história, tanto a geológica, imensa, quanto a do homem, misturada; ambas, inicialmente, sob o prisma da deformação. E utiliza vários discursos, vários tons, tornando-se ora mais, ora menos impessoal – é aí que se pode ver a mudança da experiência operando no próprio *homem-autor*.

## Diálogos

Walter Benjamin vê o colecionador como aquele que encarna o *projeto enciclopédico* em sua dialética *ordem/desordem*.<sup>317</sup> O colecionador faz da desordem seu

---

<sup>315</sup> MACIEL, O Inclassificável, p. 01.

<sup>316</sup> MACIEL, O Inclassificável, p. 04.

<sup>317</sup> BENJAMIN, Desempacotando minha biblioteca, In: *Rua de mão única*: obras escolhidas, vol. 2, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, p. 227-235.

objeto de trabalho, cujo clímax se dá não no término do trabalho de *ordenação*, mas na eterna virtualidade que a incompletude impõe ao ato de colecionar. Talvez por isso o homem se mostre, segundo Jorge Luís Borges, em *A Biblioteca de babel*, como um “bibliotecário imperfeito”, capaz de chegar a algum vislumbre do *livro do mundo* unicamente através da experiência.<sup>318</sup> Embora finito, o homem não está preparado para compreender o todo – torna-o infinito somente em sua taxonomia imperfeita, sempre inacabada.

Na obra trabalhada ao longo desse texto, podemos observar o quanto a obra *Os sertões* ajuda a abrir as possibilidades interpretativas de um mesmo “fato histórico”, a Guerra de Canudos. Observar tal forma se mostra necessário, principalmente, se pretendemos elevar o saber contemporâneo a algo mais que pura técnica.

Podemos aproximar *Os sertões* à interpretação que Olga Pombo empreende da *Encyclopaedia Universalis*, pois, uma vez sacrificado a facilidade da consulta, acaba por criar

possibilidades de irradiação e cruzamento dos temas por ela tratados, quer reforçando o trabalho de indexação, quer sugerindo pistas de leitura, traçando antecipadamente percursos de investigação, prevendo modos diferenciados de utilização, numa palavra, fornecendo todo um arsenal de recursos exploratórios que visam facilitar e potenciar o acesso à informação veiculada.<sup>319</sup>

Talvez por isso esse livro possibilite tantas leituras, e tão díspares. Como exemplo, podemos citar a diferença entre a leitura anárquica, feita no teatro por Zé Celso Martinez, e a leitura heróica, feita pelo músico francês radicado no Brasil Fernand Jouteux.<sup>320</sup>

---

<sup>318</sup> BORGES, *Obras Completas* vol.2, p. 62-3.

<sup>319</sup> POMBO, O hipertexto como limite da idéia de enciclopédia, p. 03. (Edição baixada do site: [www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm)) Download em 30/01/2009.

<sup>320</sup> Óperas apresentadas em 1954 e 2002, ambas em Belo Horizonte – no teatro Francisco Nunes, em 54, com apoio de Juscelino Bubitschek; e no Grande Teatro do Palácio das Artes, em 2002, ocasião do centenário d’*Os sertões*, quando da recuperação dos fragmentos da partitura.

Portanto, podemos pensar *Os sertões* como “um dispositivo semântico aberto”,<sup>321</sup> que favorece a “flutuação infinita das leituras possíveis”.<sup>322</sup> Sua movimentação instável, inconstante, torna-o um *inclassificável escritural*, possibilitando discursos diversos e distintos; pontos de vista os mais vários. É então que podemos considerar esse livro como “circuito de transmissão no tempo”, noção associada também ao conceito de Tradição, uma vez que se desvendam os *diálogos* que diversas obras vêm empreendendo com ele, formando um processo de continuidade temática, provocando diferentes tipos de intervenção, tanto no campo da literatura e das artes contemporâneas, quanto no pensamento nacional.

A partir dele, pensa-se o país, nessas áreas tão distintas, através do binômio *litoral/sertão* – de Sérgio Buarque de Holanda ao Rappa; de Chico Science e Nação Zumbi ao modernismo nacionalista de 22; da tradução intersemiótica do estilo em Glauber Rocha<sup>323</sup> à escrita apaixonada e inventiva de Mario Vargas Llosa.

*Os sertões* não se enquadram no conceito de origem, que os reduz a simples começo, algo de essência permanente, preso em sua condição de evento passado e, portanto, imutável. Há que se lembrar que um dos legados estruturalistas para a análise literária é o fato de concebermos a literatura não como reflexo da realidade, mas principalmente em seu caráter simbólico em relação a esta.<sup>324</sup> Ademais, a degenerescência, própria da linguagem,<sup>325</sup> não pode ser desconsiderada, pois não

---

<sup>321</sup> POMBO, O projeto enciclopedista, p. 182.

<sup>322</sup> \_\_\_\_\_, O hipertexto como limite da idéia de enciclopédia, p. 03. (Edição baixada do site: [www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm)) Download em 15/01/2009.

<sup>323</sup> Numa relação entre *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Os sertões*, pois que se apresentam como obras germinais para o pensamento desses autores, vê-se que Glauber, temática e estilisticamente, é devedor de Euclides da Cunha. Em ambos, os personagens vão aparecendo à maneira clássica, como arquétipos que interagem em situações ora trágicas, ora épicas. Também podemos relacionar as grandes descrições de Euclides, transcritas nos longos planos de espaços vazios ou habitados; planos mudos ou climatizados com trilha sonora – significantes a demandarem o significado de cada leitor ou espectador.

<sup>324</sup> SOUZA, *Crítica Cult*, p. 33.

<sup>325</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 296.

permite que o fato nela simbolizado fique “congelado”; esse fato, no mínimo, desaparecerá com seu suporte – a escrita –; no máximo, encontrará novas possibilidades interpretativas ao adentrar outros domínios. Ao considerá-lo como origem, matamos seu caráter simbólico e consideramo-lo como reflexo acabado de uma realidade acabada.

Consideraremos *Os sertões* não como origem das obras posteriores a ele e que, declaradamente ou não, tomaram-no como base, como os livros *A guerra do fim do mundo*, de Mário Vargas Llosa, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, ou *Os sertões dos Campos*, de Augusto e Haroldo de Campos. Chamá-lo origem seria desconsiderar a originalidade dessas obras, uma vez que estas não são cópias, são diálogos. Portanto, consideraremos *Os sertões* como *ponto de origem* nesse movimento de reescrita, crítica ou não, que se estabeleceu na literatura. *Ponto de origem* na medida que, ao romper com a gênese linear e estabelecer “relações entre sistemas de escritura, estruturas sociais e figuras da paixão”, constitui-se como “camada pré-histórica e pré-cultural da experiência espaço-temporal que fornece um solo unitário e universal a toda subjetividade, (...) aquém da diversidade empírica, das orientações próprias de seus espaços e de seus tempos”.<sup>326</sup>

Ao relatar, segundo sua *experiência* e “incertezas” próprias de escritor, os conflitos ocorridos no sertão baiano em 1897, reconstruindo-os a partir de uma ótica própria, redesenhando a realidade na espacialidade nova da página, Euclides da Cunha acessa uma *nova estética transcendental* ao descolar-se do *presente vivo*.<sup>327</sup> As lacunas presentes entre a obra e a realidade, advindas desse descolamento, abrem a possibilidade para que o fato, assim como a leitura do livro de Euclides, não se feche.

Não há a realidade única, fato histórico, mas a apreensão lacunar através do modo como o evento afetou o autor. Dessa forma, podemos ler esse livro como

---

<sup>326</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 354-355.

<sup>327</sup> DERRIDA, *Gramatologia*, p. 354-355.

experiência inarticulada do tempo, escritura utópica na medida em que se apresenta como motriz de releituras de um fato findo, tornando-o, de certa forma, infinito.

As potencialidades geradas por essa chave de leitura múltipla – o livro não isolado, mas como *ponto de origem*, inexoravelmente ligado às diversas obras que inspirou – privilegiam a representação da ação nele retratada, em detrimento do que realmente se findou, a experiência empírica. Fazem, portanto, reconhecer o grande legado d’*Os sertões*, a possibilidade de reconstrução, nos vários presentes sucessivos ao evento, do sentido de uma experiência política dita abortada – a ação dos rebeldes de Canudos de rejeitarem a estrutura fundiária de então e tentarem construir uma sociedade mais igualitária no sertão baiano.

É então que podemos considerar esse livro como “circuito de transmissão no tempo”, noção associada ao conceito de Tradição, uma vez que, a partir dos *diálogos* que diversas obras vêm empreendendo com ele, estabeleceu-se “a formação de um processo de continuidade temática, de uma perspectiva de interpretação, de um sistema de idéias e de um conjunto de crenças, ideais e sensibilidades políticas que não atuam isoladamente no tempo como *unidades de idéia*, mas, ao contrário, provocam intervenções de diferentes tipos no contexto intelectual e no debate político de sua época”,<sup>328</sup> como veremos a seguir.

A discussão que se segue não objetiva ilustrar a comprovação da hipótese proposta neste capítulo – a leitura d’*Os sertões* numa chave dialógica com as demais obras que, a partir dele, tornaram-se *pontos de origem* para outras estéticas, de outras idéias, as quais ampliaram os debates em torno de temas como a liberdade, as lutas pela igualdade em contraposição às lutas pela manutenção do *status quo*; a reflexão sobre as possibilidades de tentativa de resolver a questão agrária, possibilidades que, segundo o próprio

---

<sup>328</sup> STARLING *et al.*, Sentimento de reforma agrária, sentimento de república, p. 05-06.

Euclides, não se resumem à simples redistribuição de terras, mas “reclama a garantia da evolução social”.<sup>329</sup> Portanto, tentarei fazer apenas um breve esboço interpretativo de um dentre os vários diálogos estabelecidos por outras obras com o livro de Euclides da Cunha. Contudo, trata-se tão somente de apontar um aspecto que indica o diálogo entre *Os sertões* e o livro proposto a seguir.

### **Reflexo transmutado – um pequeno exemplo**

Em certa passagem d’*Os sertões*, “População multiforme”, Euclides da Cunha, em meio a uma análise nada generosa da população que habitava o arraial de Canudos, classificando a organização em que viviam de “coletivismo tribal dos beduínos”, escreve sobre as supostas orientações recebidas por quem lá chegasse:

a apropriação pessoal apenas de objetos móveis e das casas, **comunidade absoluta da terra**, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas, cujos donos recebiam exígua quota parte, revertendo o resto para a *companhia*. (...) A tentativa de enobrecer a existência na terra implicava de certo modo a indiferença pela felicidade sobrenatural iminente, o olvido do *além* maravilhoso anelado.<sup>330</sup> [Grifo meu]

Essa descrição encontra-se na parte “O Homem”, num contexto em que pululam conceitos de antropologia biológica e determinismo histórico. Contudo, deixa entrever uma interpretação, mesmo que velada, que Euclides dispensa à organização social de Canudos; interpretação que destoa do contexto em que se encontra, conseguindo extrair, sem qualquer distanciamento histórico ou modismo ideológico, o caráter comunitário que orientava os moradores de Belo Monte.

---

<sup>329</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 57. Esta frase foi deslocada de seu contexto original, a introdução da parte “O Homem”, intitulada “A complexidade do problema etnológico no Brasil”. Contudo, adequa-se à resolução do problema agrário, pois o autor coloca a “evolução social” como pré-condição para o progresso; progresso que por atingir somente “o litoral” – mesmo que apenas enquanto arremedo bastardo daquele europeu – não chegou aos sertanejos, o que explicaria o advento da revolta de Canudos.

<sup>330</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p. 123.

Muito provavelmente, a referida descrição tem, em alguma proporção que não pode ser medida, um tanto de verdade factível e um tanto de criação. Criação ou fato, ela pode, ao menos em parte, diminuir o espanto que nos assalta quando nos deparamos com Galileu Gall, anarquista escocês que naufragara perto de Salvador, na Bahia, em fins do século XIX, e que, a partir de então, torna-se correspondente brasileiro do periódico revolucionário *l'Étincelle de la revolte*, profundo admirador de Canudos e personagem fictício do romance *A guerra do fim do mundo*,<sup>331</sup> de Mário Vargas Llosa.

Homem estranho esse Gall, que juntamente a teorias revolucionárias, professava outra, sobre “o formato do crânio como sintoma de conduta” .<sup>332</sup> É plausível considerarmos que a construção desse personagem deve ter se dado, dentre outros fatores, a partir da *leitura escritural* que Vargas Llosa realizou d’*Os sertões*. Uma leitura que provavelmente se apercebeu do hiato existente entre o *pré-conceito* do “coletivismo tribal dos beduínos” e a *força simbólica* de a “comunidade absoluta da terra”. Uma leitura que não só considerou os preconceitos pretensamente científicos, tão comuns à época da escrita d’*Os sertões* e largamente utilizados em sua construção; mas que também não deixou de considerar as diversas e profundas percepções advindas da intensidade da *experiência literária* pela qual passou Euclides da Cunha. Finalmente, uma leitura que, dentre outras realizações/transcrições contidas no livro de Mário Vargas Llosa, as quais não serão tratadas como objeto de estudo nesse artigo, permitiu a materialização do inusitado na figura de um anarquista frenólogo.

### **Um adubo de letras**

Diversos autores reconhecem n’*Os sertões* o livro inaugural de uma corrente de pensamento sobre o Brasil. Nísia Trindade Lima chama-lhe o “marco inicial da

---

<sup>331</sup> LLOSA, *A guerra do fim do mundo*, São Paulo, Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1982.

<sup>332</sup> *Ibidem*, p.43.

constituição de um argumento sociológico sobre o Brasil”;<sup>333</sup> Wille Bolle enxerga esse livro como o “fundador (...) dos retratos do Brasil”, gênero que “se aplica basicamente a ensaios de história e ciências sociais”<sup>334</sup>, embora possa também ser aplicado a alguns romances, e que se destina à interpretação, ou tentativa de fundação, de nossa nacionalidade ; Luiz da Costa Lima, em seu livro *Terra ignota*,<sup>335</sup> empreende uma rica autópsia de *Os sertões*, dissecando-o e enxergando, nos interstícios entre o lugar do científico e o lugar do literário, suas contribuições para a formação de uma essência nacional, embora, com bastante erudição, vá além desse argumento, que não é central em sua análise.

Para além das contribuições indicadas por esses autores, o que tento fazer aqui é chamar a atenção para o “coração”, a matéria viva, ou do vivido, que pulsa forte por detrás do substrato rígido e, em certa medida teórico, que também constitui o livro de Euclides da Cunha. É esse substrato que lhe dá vida, possibilitando sua interlocução com tantas obras artísticas e, porque não, permitindo-lhe inaugurar uma corrente de pensamento, uma corrente teórica.

Ao considerarmos os traços da experiência indelevelmente inscritos n’*Os sertões*, enriquecemos sua interpretação, pois “tudo o que não nasceu pode vir a nascer, contanto que não nos contentemos em permanecer simples órgãos de registro”<sup>336</sup>. Essa experiência inscrita faz d’*Os sertões* algo mais que um registro; algo além de um ensaio, que lhe confere o duplo movimento de recordação e invenção que confere à palavra o

---

<sup>333</sup> LIMA, N., *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*, p. 67.

<sup>334</sup> BOLLE, *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*, p. 22.

<sup>335</sup> LIMA, L. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

<sup>336</sup> ARTAUD. *O Teatro e seu duplo*. p. 08.

poder transformador de “introduzir ou produzir valor, isto é, da capacidade da palavra atuar na essência da nossa humanidade”.<sup>337</sup>

Ao tentar “ser mais do que literatura: uma experiência vital, um instrumento de descoberta, um meio para o homem (...) ultrapassar os seus limites”,<sup>338</sup> o livro de Euclides da Cunha continua exercendo profunda influência, para além da linguagem clara e restrita das teorias. Como um *projeto enciclopédico*, o livro *Os sertões* se oferece, precocemente, qual a anunciar modernidade e contemporaneidade,

como o mais adequado para uma era inclassificável como a do presente, no qual as fronteiras entre culturas, línguas, gêneros, artes e campos disciplinares se entrecruzam, abrindo-se cada vez mais ao híbrido e ao transdisciplinar.<sup>339</sup>

É, principalmente, reconhecendo os traços da *experiência literária* que podemos enxergar, por detrás da aparente ordem que rege a escrita d’*Os sertões*, uma outra escrita, uma outra linguagem, aquela “ativa e anárquica, em que sejam abandonadas as delimitações habituais entre os sentimentos e as palavras”.<sup>340</sup>

---

<sup>337</sup> STARLING, Texto mimeografado. Introdução ao Relatório Temático entregue ao NEAD – Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

<sup>338</sup> BLANCHOT, A parte do fogo. p. 208.

<sup>339</sup> MACIEL, O Inclassificável, p.05.

<sup>340</sup> ARTAUD, O Teatro e seu duplo, p. 40.

## CONCLUSÃO

Malgrado o importante artigo “Canudos não euclidiano”,<sup>341</sup> bem como os estudos de José Calasans sobre este tema, o qual consultamos e utilizamos em nosso trabalho, devido a sua grande relevância, *Os sertões* configuram-se como o lembrete indelével – no cânone e no imaginário brasileiros – da repressão desmesurada e do covarde morticínio infligidos ao movimento conselheirista; seja ele messiânico milenarista, agrário, social ou, certamente, uma mistura de todos. Desmesurada considerando-se que os sertões são vários. Isso porque podemos entender *sertão* pelo menos de duas formas distintas.

A primeira, etimologicamente, quando Walnice Nogueira Galvão nos conta sobre a exaustiva e erudita pesquisa empreendida por Gustavo Barroso. Pesquisa que conclui ser esta palavra já “usada na África e até mesmo em Portugal (...); nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim com a de ‘interior’, de distante da **costa**”.<sup>342</sup> (Grifo meu). Independente de condições climáticas, aspectos geológicos ou mesmo da vegetação do local.

---

<sup>341</sup> CALASANS, Canudos não euclidiano. In: VAZ et al (org). Canudos. Subsídios para sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

<sup>342</sup> GALVÃO, O Império do Belo Monte – vida e morte de Canudos, 2001, p.16.

A segunda, entendendo-se, sobretudo, a palavra que a partir de Euclides da Cunha passa a conceito – *sertão* enquanto vazão do poder, da lei e dos direitos que deveriam ser garantidos pelo Estado. E como sabemos, na virada do século XIX para o XX, o Estado com *E* maiúsculo não exercia seus poderes sequer em toda a capital, ainda sediada na *costa* fluminense, na cidade do Rio de Janeiro. Podemos comprovar esta afirmação com a frase esclarecedora do importante médico sanitarista Belisário Pena<sup>343</sup>, já se valendo do *conceito de sertão* criado por Euclides da Cunha – “O sertão do Brasil começa na avenida Rio Branco”.<sup>344</sup> De fato, basta uma simples observação para concluirmos que o vazão estatal persiste até os dias de hoje; contrariando sua própria etimologia, o sertão chegou à costa.

Mas não divaguemos tanto. O certo é que, ao contrário de outras “guerras, revoltas, quilombos, greves, quase sempre caracterizados pelo massacre de humildes”,<sup>345</sup> ocorridos em *outros sertões* do Brasil, Canudos tornou-se um caso emblemático. E pode-se afirmar, com Berthold Zilly, que “raramente se fala da guerra de Canudos sem mencionar o escritor e seu livro”.<sup>346</sup> Guardadas as devidas proporções,

---

<sup>343</sup> Belisário Pena (1868-1939), médico sanitarista formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1890, teve atuação importante em diversas campanhas sanitárias, principalmente no início do século XX, no Brasil. Publicou cerca de sete livros publicados sobre este tema, além de diversos textos esparsos. Trabalhando no então viajou por diversos estados brasileiros, contribuindo imensamente com Carlos Chagas para a descoberta da chamada Doença de Chagas. Foi numa viagem a Lassance, vilarejo às margens do rio São Francisco, ao visitar as casas de moradores região, a maioria de “pau-a-pique”, que Chagas observou diversos insetos habitando as frestas das paredes. Comentou o fato com Belisário Pena, que capturou um inseto e lhe entregou. Segundo Eduardo Etzel, em conferência apresentada no V Congresso Brasileiro de História da Medicina, Santos, nov. 2000, em 1912, Arthur Neiva e Belisário Penna constataram, numa antevisão do futuro, o que é hoje a verdadeira composição da moléstia de Chagas, a forma cardíaca e a forma digestiva”. Além de cientista, participou da Revolução de 1930, exercendo, por três meses, no início do governo Vargas, o cargo de Ministro da Educação e Saúde.

<sup>344</sup> Instituto Oswaldo Cruz, Carlos Chagas (1879-1934) bio-bibliografia.

<sup>345</sup> ZILLY, A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v.1 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz Editora, 1997. p.14. (A partir daqui, a referência será apenas a ZILLY, A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*.)

<sup>346</sup> Idem.

se “não haveria” Tróia sem Homero, talvez o episódio da guerra de Canudos não tivesse obtido tamanha projeção sem Euclides e seu livro.

*Os sertões*, de Euclides da Cunha, é mais que queria seu autor, *um livro vingador*. Além da experiência empírica, vivida pelo escritor quando acompanhou uma das últimas expedições, o autor estudou intensamente os múltiplos aspectos do combate, dos antropológicos aos geológicos; dos históricos aos lendários, utilizando-os na composição de sua escrita. E a *experiência literária* se dá no entrecruzamento do empírico e do intelectual com o subjetivo. Isso faz de *Os sertões* um caso importante e de rara originalidade – no livro, podemos perceber vividamente e *in loco*, por vezes deliberadamente e noutras não, a mudança de opinião, do ponto de vista, das convicções do autor, à medida que a narrativa avança.

E a mudança está lá, exposta, sem censura ou medo das contradições ali costuradas, em grande parte, por linguagem científica. O livro acaba por contar não só a guerra, mas também a mudança da perspectiva do autor, mais que do narrador, pois ali há uma escrita em movimento, principalmente se comparada aos demais textos do autor sobre o assunto – aos artigos, à caderneta de viagem e às reportagens. Em *Os sertões*, apostado à escrita há o processo; o aberto da *escritura* talhada no vazio da narrativa da experiência do *sertão*. Reafirmamos a citação que fecha o segundo capítulo deste trabalho: “toda arte nascida de uma experiência e ligada a ela (...) é sem fim, sem repouso, só termina contestando-se”.<sup>347</sup>

Taxado como um livro histórico por alguns, como Willi Bolle, em seu livro *grandesertão.br*, no qual afirma ser *Grande sertão: veredas* o “filho crítico” d’*Os sertões*. Ambos os livros mostrariam o *dilaceramento* da nação brasileira; o primeiro, atuando de forma mediadora, estruturado a partir da representação do povo, da voz do

---

<sup>347</sup> BLANCHOT, *A parte do fogo*, p.204

povo – através da orientação discursiva do “jagunço letrado”<sup>348</sup> Riobaldo Tatarana. Já *Os sertões*, espécie de “discurso diante do tribunal [da história]”, se encarregaria de julgar os conflitos que resultariam na destruição de Canudos; contudo, terminaria por legitimá-la como “um inevitável *crime fundador*”,<sup>349</sup> pois o narrador se estruturaria a partir da ótica dos vencedores, de uma moral fendida que heroiciza os sertanejos para compensar o julgamento preconceituoso que lhes infligira anteriormente.

Discordamos dessa interpretação. E como procuramos demonstrar nesta dissertação, *Os sertões* se apresenta como uma obra aberta, uma *escritura*, escrita cujo significado jamais cessa, criando, pode-se dizer, uma nova *tradição*<sup>350</sup> de interpretação do Brasil; olhar estrangeiro mas patricio, influenciando as interpretações mais diversas, nas mais distintas áreas do pensamento e da arte. Este caráter aberto que faz de *Os sertões* uma *escritura* não se dá por acaso, parece-nos surgir de uma incidência de traços estilísticos e de uma hibridez de gêneros reclamados pela complexidade do tema.

Embora tenham existido diferentes livros e estudos sobre o assunto, o livro de Euclides da Cunha sagrou a “incorporação de *Os sertões* aos cânones nacional e universal (...) [e isso] se deve relativamente pouco ao seu valor documental ou historiográfico”.<sup>351</sup> Como demonstramos nesta dissertação, há discrepâncias históricas com o único motivo de causar um efeito estético no leitor, como a descrição de algumas batalhas e o inexato número dos soldados mortos e feridos – que faz sentir, ao receptor

---

<sup>348</sup> BOLLE, Gandesertão.br: o romance de formação do Brasil, p.41.

<sup>349</sup> Ibidem, p.38.

<sup>350</sup> Tradição entendida aqui como “circuito de transmissão no tempo”, uma vez que, a partir dos *diálogos* que diversas obras vêm empreendendo com ele, estabeleceu-se “a formação de um processo de continuidade temática, de uma perspectiva de interpretação, de um sistema de idéias e de um conjunto de crenças, ideais e sensibilidades políticas que não atuam isoladamente no tempo como *unidades de idéia*, mas, ao contrário, provocam intervenções de diferentes tipos no contexto intelectual e no debate político de sua época” In: STARLING et al., Sentimento de reforma agrária, sentimento de república, p.05-06.

<sup>351</sup> Idem.

do texto, a selvageria fratricida da guerra. Ou mesmo, quase ao final do livro, quando faz ficção com o intuito de tornar heróicos os últimos guerreiros:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados.<sup>352</sup>

O livro não deve seu alcance e genialidade, conseqüentemente, às informações factuais e historiográficas nele contidas – encontradas em vários outros livros e estudos –, “mas ao caráter abrangente da obra (...), a multiplicidade de gêneros literários que [ela] condensa (...), incorporando, portanto, vários tipos de texto”.<sup>353</sup> Apontamos a multiplicidade de estilos textuais, no segundo capítulo de nosso trabalho, como uma das características fundamentais para o caráter *escritural*, ou de obra aberta, presente n’*Os sertões*. A multiplicidade estilística constitui um texto tipicamente híbrido, derivado de características próprias e comuns à referida “multiplicidade de gêneros” encontrada nesta representação escritural de Canudos.

A construção do termo *poética científica* é propícia para demonstrar esta “ambiguidade textual” que propomos para caracterizar o estilo criado por Euclides da Cunha a partir da radicalização do que Jules Michelet – escritor e historiador francês – pregava como “ideal” de escrita histórica, na dedicatória a Edgard Quinet, em *Le peuple*<sup>354</sup>. Bertold Zilly – utilizando as “seis funções assinaladas por Roman Jakobson (1969, pp.118-62) em qualquer ato comunicativo, inclusive na literatura: as funções expressiva, referencial, metalingüística, fática, apelativa (que chama de conativa) e

---

<sup>352</sup> CUNHA, *Os sertões*: campanha de Canudos, p.351.

<sup>353</sup> ZILLY, A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*. p.15.

<sup>354</sup> MICHELET, *Le peuple*, p.03-29.

poética”<sup>355</sup> – reconhece que n’*Os sertões* não há uma “função claramente predominante”.<sup>356</sup>

Tal ambiguidade traz consigo implicações estéticas e teóricas. Estéticas porque a forma como o livro é construído ainda na passagem dos séculos XIX para o XX já traz consigo, impressionantemente atemporal, uma característica pós-moderna, na qual “formas discursivas passam a se relacionar na rede interdisciplinar – ou melhor, transdisciplinar – de modo a superar a dependência de umas em relação às outras, por um impulso de coordenação e horizontalidade”.<sup>357</sup> Isso engendra as implicações teóricas, uma vez que o livro finge-se ciência, mistura verdade e ficção e acaba por constituir uma epistemologia estética, a medida que costura teoria, fato e, por fim, conhecimento subjetivo. A literatura, resistente à “pobreza da experiência”<sup>358</sup> benjaminiana, alçada, se não à posição de último refúgio da experiência humana, ao menos à condição de guardiã de sua riqueza – contar, recontar, debater.

Por fim, consideramos que, junto às experiências, a hibridez é que subsidia a imensa possibilidade de interpretações e debates gerados por *Os sertões*. Hibridez possível porque, presente na *escritura* desse livro, traz consigo características coincidentes e de gêneros distintos, mas que nele se encontram. Assim, podemos observar um *projeto enciclopédico*, que encarna o *projeto enciclopédico* em sua dialética *ordem/desordem*<sup>359</sup> – “um dispositivo semântico aberto”<sup>360</sup>, que favorece a

---

<sup>355</sup> ZILLY, A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*. p. 33.

<sup>356</sup> Idem.

<sup>357</sup> SOUZA, *Crítica Cult.* p.37

<sup>358</sup> BENAJMIN, O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. p.221.

<sup>359</sup> \_\_\_\_\_, Desempacotando minha biblioteca, In: *Rua de mão única: obras escolhidas*, vol 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.227-235.

<sup>360</sup> POMBO, O projeto enciclopedista, p.182.

“flutuação infinita das leituras possíveis”<sup>361</sup>. Já o *ensaio*, também “forma intermediária entre literatura (...) e um tipo de conhecimento construído segundo modelos da ciência e da filosofia”,<sup>362</sup> é gênero do fragmentário, da incerteza e que faz de “sua verdadeira dimensão, a de uma potência incitante”<sup>363</sup> – pensamento experimental “que desloca consigo sua própria lei”.<sup>364</sup>

É deste improvável ponto de contato, da hibridez entre literatura e ciência, que nasce a falta da completude – nem um, nem outro. Transpassado pelo “maravilhamento com a diferença do novo mundo para sua posterior apreensão (...) na busca da classificação das diferenças”,<sup>365</sup> Euclides da Cunha escreve *Os sertões* qual os “escritos dos viajantes do século XIX”, tecendo uma forte “relação de dependência entre *palavra* e *ação*, que caracteriza esses relatos”.<sup>366</sup> Dependência que deixa o texto “longe de separar, radicalmente, as linguagens da ciência e da literatura”.<sup>367</sup>

Dessa forma, contribuí tanto para um entendimento mais humano e, portanto, multifacetado da história de Canudos, quanto para que as diversas releituras, feitas e a fazer, não se esgotem, fugindo do maniqueísmo simplista de manuais e ideologias. A partir da *experiência literária*, o episódio, livrado da realidade, constela-se em diversas obras – ópera, outras narrativas, cinema, teatro, etc. O fato é fugaz; o símbolo, mordaz. Seria a literatura o limite da barbárie?

---

<sup>361</sup> \_\_\_\_\_, O hipertexto como limite da idéia de enciclopédia. In: [www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/opombo.htm). Acessado em 12/11/2007, às 22:54 horas. p.03.

<sup>362</sup> LOPES, *Literatura, defesa do atrito*. p.165.

<sup>363</sup> LOPES, *Literatura, defesa do atrito*, p.172.

<sup>364</sup> *Ibidem*, p.174.

<sup>365</sup> FREITAS, *Charles Frederick Hart: um naturalista no império de Dom Pedro II*, 2002. p. 83

<sup>366</sup> LEITE, *Antropologia da viagem*, p.80.

<sup>367</sup> FREITAS, *Charles Frederick Hart: um naturalista no império de Dom Pedro II*, 2002. p.86.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Olímpio de Souza. Um caderno de bolso de Euclides da Cunha – Nascedouro de ‘Os sertões’. In: CUNHA, Euclides da. Caderneta de Campo, São Paulo: Editora Cultrix, 1975, 197p.
- ANDRADE, Olímpio de Souza; GALVÃO, Walnice Nogueira (Organização e introdução). História e interpretação de Os sertões, 4ª Edição, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2002, 493p.
- ARARIPE JR. Os Sertões. In: BOSI, Alfredo. (Seleção e Apresentação). Teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos / São Paulo: USO, 1978.
- ARINOS, Afonso. Os Jagunços, 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Philobiblion, 1985. 319p.
- ARREGUY, Elisa. Maurice Blanchot e a topologia difusa. In: maurice blanchot, BRANCO, Lúcia Castello; BARBOSA Marcio Venício; SILVA, Sérgio Antonio (Org). São Paulo: Annablume, 2004. pp.49-57
- ARRIGUCCI JR, Davi. Escorpionagem: o que vai na valise. (Prefácio) In: CORTAZAR, Júlio. Valise de Cronópio, 2ª Edição – Coleção Debates, São Paulo, Editora Perspectiva, 1993. pp. 7-14
- ARTAUD, Antonin. O Teatro e seu duplo, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ASSIS, Machado de. A semana / Canudos, In: Obras Completas v.3, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997, pp.763-766.
- ASSIS, Machado de. A semana. In: Portal no site do MEC – Ministério da Educação, a partir do texto original publicado em Obra Completa de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Volume III, 1994. A parte utilizada da obra encontra-se no

endereço <http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/pdf/cronica/macrl2.pdf>.  
Acessado em 21/05/2009, às 21:03 horas.

- AZEVEDO, Luciene. Um desvio 'às aperturas do dilema'. In: *O Eixo e a Roda*: revista de literatura brasileira. Faculdade de Letras – UFMG, V.8, agosto 2002. ISSN 0102.4809, pp. 81-99.
- BARTHES, Roland. Da leitura. In: O rumor da língua, São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. pp. 43-52
- BENÍCIO, Manuel. O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e Técnica, Arte e Política – Obras Escolhidas vol. 1, 3ª Edição, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987. pp. 114-119.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca, In: Rua de mão única: obras escolhidas, vol 2. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. pp.227-235.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol 1).
- BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 360p.
- BERNUCCI, Leopoldo, M. A ontologia discursiva de *Os sertões*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. V (suplemento), pp. 57-72, julho 1998.
- BILAC, Olavo; DIMAS, Antônio(org.). Canudos. In: Vossa Insolência: crônica, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BOLLE, Wille. Gandesertão.br: o romance de formação do Brasil, São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.
- BRANCO, Lúcia Castello; BARBOSA, Marcio Venício; SILVA, Sérgio Antonio (Org). Maurice Blanchot, São Paulo: Annablume, 2004.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. A vida escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. 126p. ; (Sete faces) ISBN 8575772554.
- CALASANS, José. Canudos não euclidiano. In: SAMPAIO NETO, José Augusto Vaz et al (org). Canudos. Subsídios para sua reavaliação histórica. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- CONSELHEIRO, Antônio. *Apud* MONIZ, Edmundo. A Guerra Social de Canudos, Civilização Brasileira, 1978, 282p.

- CUNHA, Euclides da. A nossa Vendéia. In: \_\_\_\_\_. Canudos e Outros Temas. Brasília: Senado Federal, 2003, pp. 03-07.
- CUNHA, Euclides da. Caderneta de Campo, São Paulo: Editora Cultrix, 1975, 197p.
- CUNHA, Euclides da. Os sertões: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., 363p.
- DANTAS, Paulo. Os sertões de Euclides e outros sertões. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1969. 150 p.
- DELEUZE, Guilles; GATARRI, Félix “Introdução: Rizoma”, In: \_\_\_\_\_, Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995, (coleção TRANS), pp. 11-37.
- DELEUZE, Guilles. Crítica e Clínica. São Paulo: Editora 34, 1997, (Coleção TRANS) 171p.
- DERRIDA, Jaques. A Escritura e a Diferença. São Paulo: Perspectiva, 2002, 252p.
- DERRIDA, Jaques. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponibilizado on-line, até 26/10/09, pela empresa Priberam Informática, S. A., no endereço eletrônico escrito a seguir, também sob a forma de *link*: [http://www.priberam.pt/dlpo/definir\\_resultados.aspx](http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx).
- ECKSTEIN, Modris. A Sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. 480p.
- FILHO, Armando Freitas. Máquina de escrever – poesia reunida e revista, RJ, Nova Fronteira, 2003, 607p.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. O sertanejo Afonso Arinos. In: ARINOS, Afonso. Os jagunços. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Philobiblion, 1985. pp. 05-30
- FREITAS, Marcus Vinicius. Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002. 282p.
- FREYRE, Gilberto. Perfil de Euclides e outros perfis: com desenho de Candido Portinari e Thomaz Santa Rosa. Rio de Janeiro: 1944. 233p. (Coleção documentos brasileiros)
- GALVÃO, Walnice Nogueira. O império do Belo Monte: vida e morte em Canudos. São Paulo: Perseu Abramo, 2001. 127p.
- GIRÃO, Ana Luce (Org.). Casa de Oswaldo Cruz. Inventário de Belisário Penna . In: [http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/pesquisa\\_01fevereiro.htm](http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/pesquisa_01fevereiro.htm)  
[http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/dad\\_belisario\\_penna.htm](http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/dad_belisario_penna.htm). Acessado em 21/07/2009, às 23:45 horas.

- INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Carlos Chagas (1879-1934) bio-bibliografia. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 1959 44 p.
- INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Belisário Augusto de Oliveira Penna. In: Pesquisas Arquivísticas – Núcleo de Informação em História das Ciências Biomédicas e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz. [http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/dad\\_belisario\\_penna.htm](http://www.coc.fiocruz.br/nucleo/dad_belisario_penna.htm). Acessado em 21/07/2009, às 00:25 horas.
- ISER, Wolfgang. O Jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. A literatura e o leitor – textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. 269p.
- LIMA, Marcela Telles Elian de. Canudos: relatório temático. Mimeo. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – Ministério do Desenvolvimento Agrário / Projeto República-UFMG, 2005. 27p.
- LIMA, Nísia Trindade. Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.
- LIMA, Luiz Costa. Terra ignota: a construção de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LLOSA, Mário Vargas. A guerra do fim do mundo. São Paulo: Livraria Francisco Alves Editora S.A., s.d.
- LOPES, Silvina Rodrigues. In: Literatura, defesa do atrito. Lisboa: Edições Vendaval, 2003.
- LUKÁCS, George. A teoria do romance. São Paulo, Editora 34: Editora Duas Cidades, 2000. 236p.
- MICHELET, Jules. Lê peuple. Edition originale publiée avec notes et variantes par Lucien Refort. Paris: Librairie Marcel Didier Editora, 1946. 331p.
- MOLL, Maria Inês Gonçalves. Uma morada: linguagem e poesia em Heidegger, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. 68p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MORAIS, Cynthia. Maravilhas do mundo antigo – Heródoto, pai da história? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. A história não iria até ali: Teoria da historiografia e literatura em *Os sertões*. In: Casa de Cultura Euclides da Cunha. [http://74.125.47.132/search?q=cache:nDEdqAtO\\_OEJ:www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.asp%3FId](http://74.125.47.132/search?q=cache:nDEdqAtO_OEJ:www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.asp%3FId)

[%3D663%26Secao%3D111+%22Imanus%22&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&lr=lang\\_pt](#). Acessado em 21/05/2009, às 01:19 horas.

NORA, Pierre *Apud* SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: <http://br.monografias.com/trabalhos/memorias-confronto-comemoracoes-centenarios-canudos/memorias-confronto-comemoracoes-centenarios-canudos2.shtml>. Acessado em 04/02/2009, às 19:45 horas.

OLIVEIRA, César Gonçalves de (et all). Sentimento de Reforma Agrária Sentimento de República. (CD-ROM) NEAD/UFMG, 2006.

PAULA, Delsy (et all). Sentimento de reforma agrária, sentimento de república. Belo Horizonte: Projeto República/UFMG: 2005. Relatório Temático.

PAULA, Delsy. STARLING, Heloisa. GUIMARÃES, Juarez. (Org.) Sentimento de reforma agrária, sentimento de república, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006. 350 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Crítica e *Escritura*”. In: Texto, crítica, escritura. São Paulo: Ática, 1978. 158p.

SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 101 p.

SILVA, Edson Rosa da. “*Escritura/Scriptura: a poética de um sentido por vir*”. In: BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. A força da letra – Estilo Escrita Representação. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pos-Lit – Programa de Pós Graduação em Estudos Literários, 2000.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica Cult. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

STARLING, Heloísa Maria de. Texto mimeografado. Introdução ao Relatório Temático entregue ao NEAD – Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. A Poética historiográfica em Jules Michelet. In: [www.abralic.org.br/enc2007/anais/20/151.pdf](http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/20/151.pdf). Acessado em 27/12/2008, às 20:37 horas.

TEIXEIRA, Maria Juliana Gamboji. Se esse livro fosse o mundo. In: maurice blanchot. BRANCO, Lúcia Castello; BARBOSA Marcio Venício; SILVA, Sérgio Antonio (Org). São Paulo: Annablume, 2004. pp. 63-71.

VAINSENER, Semira Adler; LÓSSIO, Rúbia. Santos católicos não-canônicos no Nordeste do Brasil. In: Fundação Joaquim Nabuco (Sítio Eletrônico Oficial). <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=317&textCode=6467&date=currentDate>. Acessado em 10/02/2009, à 01:50 horas.

- VENÂNCIO, Paulo. Os sertões: atualidade e arcaísmo na representação cultural de um conflito brasileiro. In: BERNUCCI, Leopoldo. A ontologia discursiva de Os sertões. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. Volume V. Suplemento – Julho de 1998.
- VENTURA, Roberto. Retrato interrompido de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2003.
- ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A História encenada em *Os sertões*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v.1 Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz Editora, 1997.